P. L. Travers

Mary Poppins

por

Ronaldo Fraga

tradução

Joca Reiners Terron

COSACNAIFY

P. L. Travers

Mary Poppins

ILUSTRAÇÕES Ronaldo Fraga

TRADUÇÃO Joca Reiners Terron

POSFÁCIO Sandra Guardini T. Vasconcelos

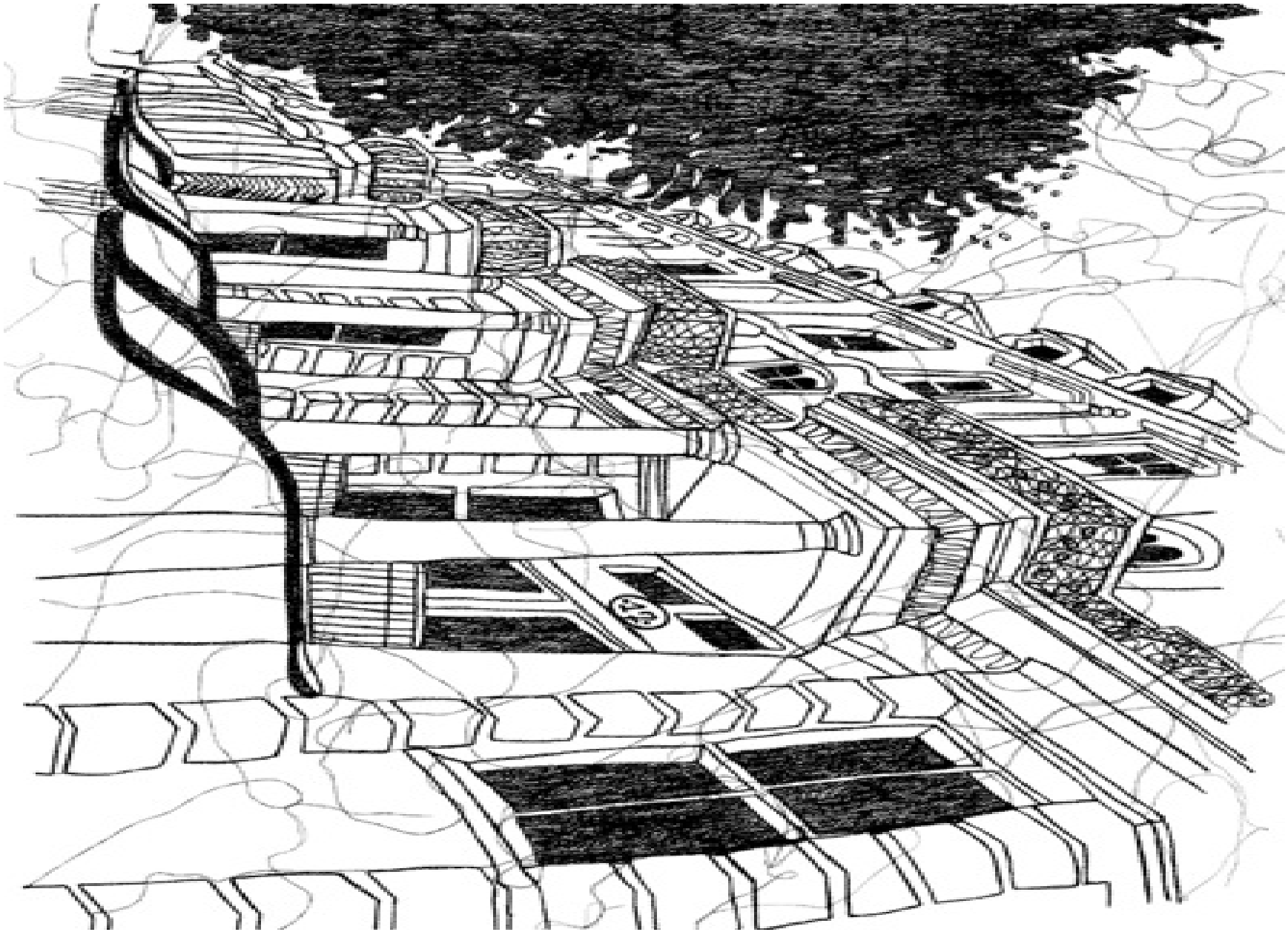
Para minha **MÃE**
1875-1928

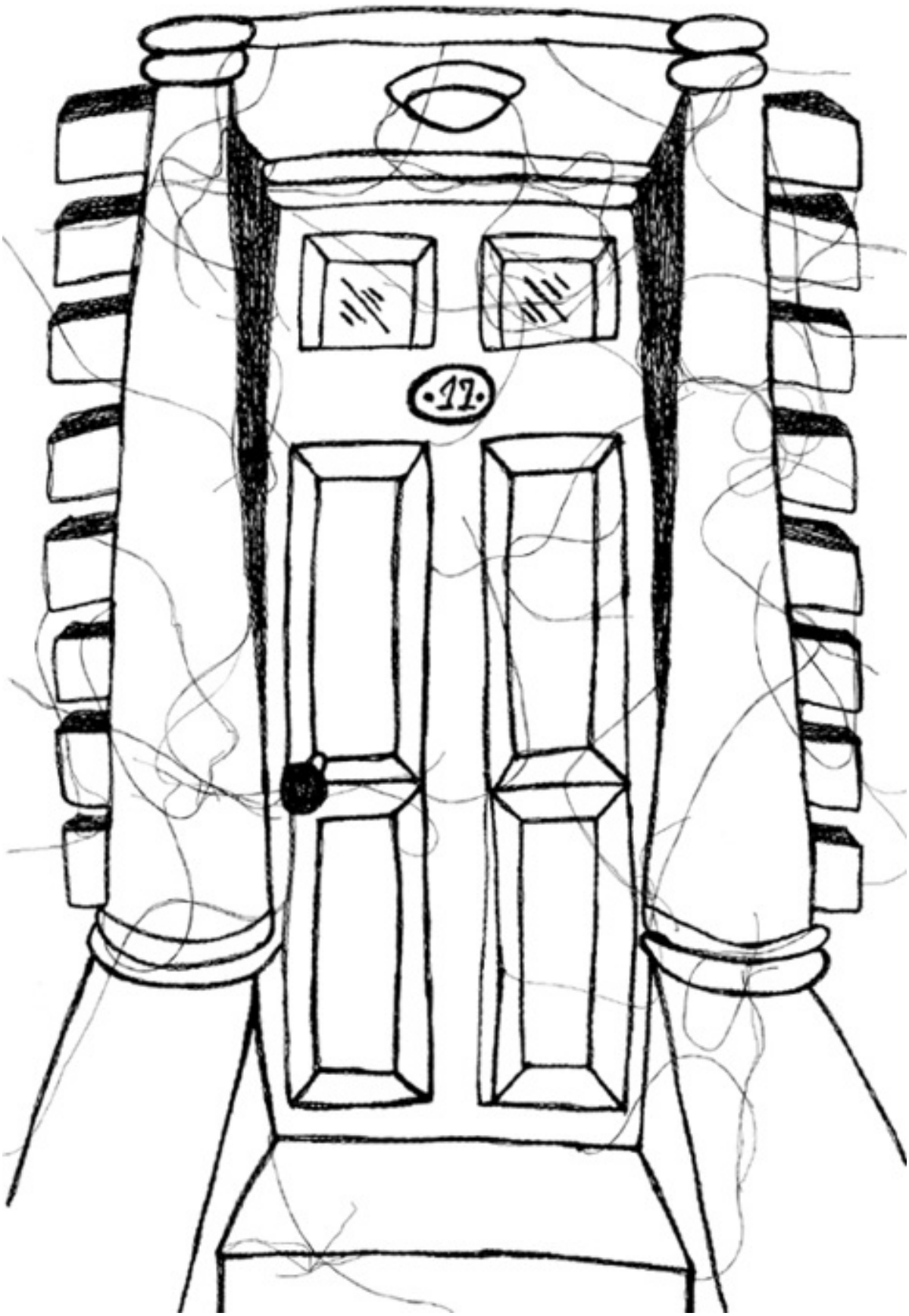











11

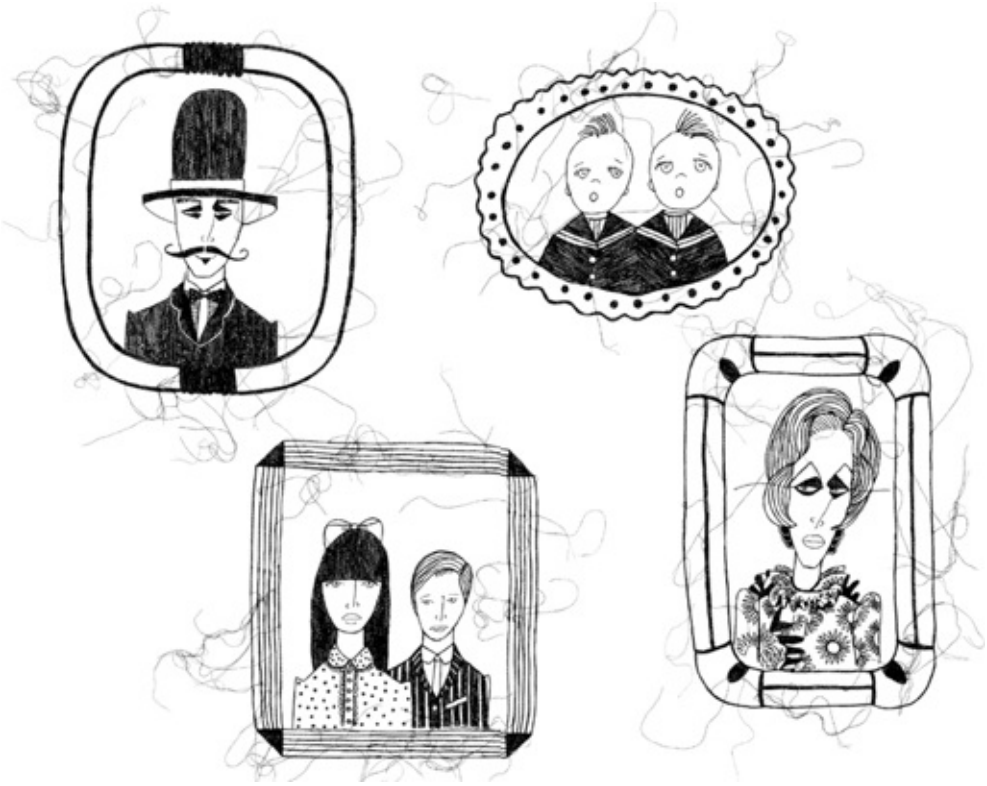
Vento Leste

Se você quiser encontrar a rua Cherry Tree Lane, tudo o que precisa fazer é perguntar ao guarda que fica no cruzamento. Ele vai empurrar de leve o capacete para o lado, coçar a cabeça de modo pensativo, então vai apontar seu enorme dedo enluvado de branco e dizer: "Primeira à direita, segunda à esquerda, dobre à direita de novo e vai chegar lá. Tenha um bom dia".

E com certeza, se seguir as orientações corretamente, você *chegará* lá – bem no meio da Cherry Tree Lane, onde as casas descem de um lado da rua e o Parque sobe do outro e as cerejeiras ficam dançando bem no meio.

Se você estiver procurando pelo Número Dezessete – e é mais que provável que esteja, pois este livro é inteirinho a respeito dessa casa em particular –, logo vai encontrá-lo. Para começar, é a menor casa da rua. Além disso, é a única que está meio caída e precisando de uma mão de tinta. O sr. Banks, porém, que é o dono, disse à sra. Banks que ela poderia ou ter uma casa boa e confortável ou quatro crianças. Mas não ambos, pois ele não poderia sustentar.

E após a sra. Banks dedicar alguma consideração ao assunto, concluiu que preferia ter Jane, que é a mais velha, e Michael, que veio em seguida, e John e Barbara, que são gêmeos e chegaram por último. Assim tudo ficou acertado, e dessa maneira a família Banks veio morar no Número Dezessete, com a sra. Brill como cozinheira, e Ellen para pôr as mesas, e Robertson Ay para aparar a grama e limpar as facas, engraxar sapatos e, como sempre diz o sr. Banks, "desperdiçar o tempo dele e o meu dinheiro".



E, claro, além de todos eles, havia Katie Nanna, que realmente não merece aparecer neste livro, pois nessa época de que eu estou falando ela já deixara o Número Dezessete.

– Sem nem pedir licença ou uma palavra de aviso – começou a sra. Banks. – O que posso fazer?

– Faça um anúncio, minha querida – disse o sr. Banks, calçando os sapatos. – E eu gostaria que Robertson Ay se fosse sem uma palavra de aviso, pois novamente ele engraxou somente um pé e não tocou no outro. Vou parecer meio desequilibrado.

– Isso – respondeu a sra. Banks – não tem a menor importância. Você não me disse o que fazer a respeito de Katie Nanna.

– Não vejo como você poderia fazer qualquer coisa a respeito já que ela desapareceu – continuou o sr. Banks. – Mas se fosse comigo, digo, se fosse eu, bem, eu arranjaria alguém para colocar no *Jornal da Manhã* a notícia de que Jane, Michael, John e Barbara Banks (para não falar da mãe deles) precisam da melhor babá que existe com o menor salário possível. Então eu esperaria a fila de babás se formar no portão da frente e ficaria

bastante chateado por elas interromperem o tráfego, me obrigando a dar ao guarda um trocado por lhe causar tanta confusão. Agora vou sair. Uau, está tão frio quanto no Polo Norte. De que lado o vento está soprando?

E ao dizer isso, o sr. Banks enfiou a cabeça janela afora e olhou rua abaixo para a casa do Almirante Boom, que ficava na esquina. Era a maior casa da rua, e a rua sentia muito orgulho dela pois fora construída exatamente feito um navio. Havia um mastro no jardim, e na cumeeira um cata-vento dourado em forma de telescópio.

– Ah! – disse o sr. Banks trazendo sua cabeça rapidamente para dentro. – É o Vento Leste, segundo o telescópio do Almirante Boom. Foi o que pensei. Meus ossos estão congelados. Acho que vou usar dois sobretudos.

Então ele beijou meio distraído um dos lados do nariz de sua mulher, acenou para as crianças e foi para o Centro.

Agora, se existe um lugar para o qual o sr. Banks vai todos os dias é o Centro – exceto, claro, aos domingos e feriados – e, enquanto está lá, ele senta em uma grande cadeira diante de uma grande escrivaninha e ganha dinheiro. Ele trabalha o dia todo, separando pilhas de moedas de tostões, xelins, meias-coroas e vinténs. E leva algumas para casa em sua pequena pasta preta. De vez em quando, ele dá algumas moedas para Jane e Michael guardarem em seus cofrinhos, mas quando ele não pode desperdiçar nenhuma, diz: "O banco está quebrado". Assim, eles ficam sabendo que ele não ganhou muito dinheiro naquele dia.

Bem, o sr. Banks saiu com sua pasta preta, e a sra. Banks se enfiou no escritório e lá permaneceu sentada o dia inteiro, escrevendo cartas aos jornais e implorando que lhe enviassem várias babás de uma vez, já que estaria mesmo esperando por elas. Na escada, logo acima, no quarto das crianças, Jane e Michael olharam pela janela, imaginando quem viria. Estavam felizes que Katie Nanna tinha ido embora, pois nunca gostaram dela. Ela era velha e gorda e cheirava a água de cevada.[1] Qualquer coisa, eles pensavam, seria melhor que Katie Nanna – *muito* melhor.

Quando a tarde começou a desaparecer detrás do Parque, a sra. Brill e Ellen apareceram para servir o jantar às crianças e dar banho nos Gêmeos. Depois do jantar, Jane e Michael se sentaram na janela à espera de sr. Banks voltar para casa, e ouviram o som do Vento Leste soprando

através dos galhos nus das cerejeiras na rua. As próprias árvores, girando e se mesclando à meia-luz, pareciam ter enlouquecido e dançavam, arrancando suas raízes do chão.

– Lá está ele! – disse Michael, apontando de súbito para uma silhueta que batia com força contra o portão. Jane espiou através da escuridão lá fora.

– Aquele não é o papai – ela disse. – É uma outra pessoa.

E então a silhueta inclinada se lançou sob a ventania, abrindo a cancela do portão e eles puderam perceber que era uma mulher, que segurava um chapéu com uma das mãos, e com a outra carregava uma mala. Enquanto olhavam, Jane e Michael viram algo curioso acontecer. No instante em que a silhueta passava pelo portão, o vento pareceu levantá-la no ar, atirando-a perto da casa. Era como se a tivesse lançado primeiro no portão, aguardado que abrisse a cancela, e depois a tivesse pego, jogando-a com mala e tudo na porta da frente. As crianças bisbilhoteiras ouviram um tremendo barulho, e quando ela pousou a casa inteira chacoalhou.

– Que divertido! – disse Michael. – Eu nunca tinha visto isso acontecer.

– Vamos lá ver quem é! – Jane agarrou o braço de Michael e tirou o menino da janela, arrastando-o pelo quarto até o patamar da escada. De lá eles sempre tinham uma boa visão de tudo que acontecia no saguão da casa.

Logo apareceu a mãe deles, vinda da sala de estar, seguida por uma visitante. Jane e Michael podiam ver que a recém-chegada tinha cabelo preto e brilhante – "Igual a uma boneca holandesa de madeira" –, sussurrou Jane. E ela era magra, com pés e mãos grandes, e tinha pequenos olhos azuis cheios de sagacidade.



– Você vai ver, elas são crianças ótimas – disse a sra. Banks.

O ombro de Michael cutucou as costelas de Jane.

– E eles nunca dão problemas – continuou a sra. Banks meio hesitante, pois não acreditava de verdade no que dizia. As crianças ouviram a visitante suspirar, como se ela também não acreditasse.

– Agora, a respeito das referências... – a sra. Banks prosseguiu.

– Ah, eu estabeleci a regra de nunca fornecer referências – disse a outra, com firmeza.

A sra. Banks a encarou:

– Mas pensei que fosse comum. Quer dizer, é o que as pessoas costumam fazer.

– É uma ideia bem antiquada, a *meu* ver – Jane e Michael ouviram a voz continuar, ainda com firmeza. – *Muito* antiquada. Até *completamente* ultrapassada, pode-se dizer.

Agora, se existe uma coisa que a sra. Banks não gosta é de ser chamada de antiquada. Não suporta, na verdade. Então ela respondeu rapidamente:

– Muito bem, então. Vamos deixar pra lá. Perguntei apenas no caso de *você*... arrã... fazer questão. O quarto das crianças fica no andar de cima.

E acompanhou-a em direção à escadaria, falando o tempo todo sem parar. E porque estava fazendo isso, a sra. Banks não percebeu o que acontecia atrás dela, porém Jane e Michael, olhando de cima, tiveram uma excelente visão do feito extraordinário realizado pela visitante.

É claro que ela seguiu a sra. Banks escada acima, mas não da maneira usual. Com sua grande mala nas mãos, ela escorregou graciosamente pelo corrimão acima, chegando ao topo da escada ao mesmo tempo que a sra. Banks. Algo daquele tipo, Jane e Michael sabiam muito bem, nunca havia sido feito antes. Para baixo até eles já tinham feito. Mas, para cima, nunca! Os dois olharam cheios de curiosidade para a nova visitante.

– Bem, então está tudo acertado – a mãe das crianças suspirou aliviada.

– Completamente – disse a outra, assoando o nariz com um grande lenço vermelho e branco. – Contanto que *eu* esteja satisfeita.

– Crianças – chamou a sra. Banks, afinal percebendo-os ali –, o que estão aprontando desta vez? Esta é a nova babá de vocês, Mary Poppins. Jane, Michael, digam olá! E estes – ela acenou para os bebês em seus berços – são os Gêmeos.



Mary Poppins olhou para eles longamente, seu olhar saltando de um para outro enquanto se decidia se gostava deles ou não.

– A gente deve?... – disse Michael.

– Michael, não seja mal-educado – ralhou a mãe.

Mary Poppins continuou a olhar de um jeito para as quatro crianças. Então, com um longo e ruidoso suspiro que parecia indicar que havia se decidido, ela falou:

– Eu aceito o cargo.

– Para todo mundo ouvir – depois comentou a sra. Banks com o marido –, como se ela estivesse nos dando sua palavra de honra.

– E talvez estivesse – disse o sr. Banks, enfiando o nariz para fora do jornal por um instante e o escondendo rapidamente.

Quando a mãe deles saiu, Jane e Michael se aproximaram de Mary Poppins, que permanecia parada feito um poste com os braços cruzados à frente.

– Como foi que você chegou aqui? – perguntou Jane. – Pareceu que o vento soprou você pra cá.

– E soprou – respondeu Mary Poppins, brevemente. E continuou a

desenrolar o cachecol do pescoço e tirou o chapéu, que dependurou em um lado da cabeceira da cama.

E parecia que Mary Poppins não ia dizer mais nada – embora ela cafungasse um bocado – e Jane também permaneceu calada. Mas quando ela se abaixou para desfazer a mala, Michael não pôde se conter.

– Que mala engraçada! – e beliscou-a com os dedos.

– Tapete – disse Mary Poppins, enfiando a chave na fechadura da mala.

– Quer dizer que serve pra carregar tapetes nela?

– Não. É feita de.

– Ah – respondeu Michael –, entendi – sem entender direito.

A essa altura a mala já estava aberta, e Jane e Michael ficaram ainda mais surpresos ao descobrir que estava completamente vazia.

– Por que não tem nada nela? – perguntou Jane.

– Nada? Como assim? – perguntou Mary Poppins, se levantando e encarando a menina como se tivesse sido insultada. – Nada dentro da mala, foi isso que você disse?

Ao dizer isso, ela retirou da mala vazia um avental branco todo engomado, que amarrou na cintura. Depois, desembalou uma grande barra de sabão para lavar roupas, uma escova de dentes, um pacote de grampos de cabelo, um vidro de perfume, uma cadeirinha desmontável e uma caixa de pastilhas para a garganta.



Jane e Michael só olhavam.

– Mas eu *vi* – cochichou Michael. – Tenho certeza de que estava vazia.

– Psiu! – pediu Jane, enquanto Mary Poppins retirava da mala uma grande garrafa cujo rótulo trazia o nome “Uma Colher de Chá Antes de Dormir”.

No pescoço da garrafa, havia uma colher, na qual Mary Poppins despejou um líquido escarlate-escuro.

– É o seu remédio? – perguntou Michael, parecendo muito interessado.

– Não, o seu – disse Mary Poppins, esticando a colher para ele. Michael arregalou os olhos, franziu o nariz e começou a protestar.

– Eu não quero isso. Não preciso. Não vou tomar!



Mas os olhos de Mary Poppins estavam fixos no menino e, de repente, Michael descobriu que não se pode olhar para Mary Poppins e mesmo assim desobedecê-la. Existia algo estranho e extraordinário nela – alguma coisa que era ao mesmo tempo assustadora e muito excitante. A colher se aproximou ainda mais dele. Michael segurou a respiração, cerrou os olhos e o tragou goela abaixo. Um sabor delicioso se esparramou por sua boca. Ele revirou a língua e engoliu. Um sorriso feliz apareceu em seu rosto.

– Sorvete de morango – ele disse, satisfeito. – Mais, mais, mais!

Porém Mary Poppins, séria como antes, servia uma dose para Jane. Ela encheu a colher, que ficou prateada e depois esverdeou até amarelar. Jane provou.

– Limonada – e lambeu deliciosamente os lábios. Mas correu até Mary Poppins quando a viu se voltar com a garrafa para os Gêmeos.

– Oh, não, por favor. Eles são muito pequenos. Não vai fazer bem pra eles. Por favor!

Mary Poppins, contudo, não deu a menor bola e, com um terrível olhar de aviso para Jane, inclinou a colher na boca de John. Ele a lambeu com avidez, e pelas gotas derramadas em seu babador, Jane e Michael perceberam que daquela vez a substância na colher era leite. Então chegou a hora de Barbara provar, e ela gorgolejou e repetiu a lambida na colher.

Mary Poppins então serviu outra dose na colher, e a tomou com solenidade.

– Ponche de rum – ela disse, apertando os lábios e tampando a garrafa com uma rolha.

Os olhos de Jane e Michael saltaram de espanto, mas eles não tiveram muito tempo para pensar, pois Mary Poppins, que depositava a milagrosa garrafa em cima da lareira, virou-se para eles.

– E agora, vapt-vupt pra cama. E começou a trocá-los. Eles notaram que enquanto os botões e os cabides exigiam toda a atenção de Katie Nanna, com Mary Poppins eles voaram no tempo de uma piscadela. Em menos de um minuto eles se viram na cama, acompanhando, na meia-luz do anoitecer, Mary Poppins desempacotar suas coisas.

Da mala-tapete ela tirou sete camisolas de flanela, quatro de algodão, um par de botinas, um jogo de dominó, duas toucas de banho e um álbum de cartões-postais. Por último veio uma cama de acampamento inteira com cobertores e edredom, que ela armou entre o berço de John e o de Barbara.

Jane e Michael se sentaram na cama, abraçados. Tudo era tão surpreendente que eles não conseguiam encontrar nada para dizer. Mas

ambos sabiam que algo estranho e maravilhoso acontecera no Número Dezessete da Cherry Tree Lane.

Mary Poppins enfiou uma das camisolas de flanela pela cabeça e começou a se despir debaixo dela como se estivesse sob uma tenda. Michael, encantado com a estranha recém-chegada, não conseguiu ficar quieto por mais tempo, e a chamou.

– Mary Poppins – ele gritou –, você nunca vai nos abandonar, vai?

Nada de resposta saiu debaixo da camisola. Michael não esperou.

– Você não vai nos deixar, vai? – repetiu ansiosamente.

A cabeça de Mary Poppins apareceu no buraco da camisola. Parecia estar muito brava.

– Mais uma palavrinha sobre isso e eu chamo o guarda.

– Eu só estava dizendo... – começou Michael, timidamente – ... que a gente espera que você não vá embora logo. – E parou, sentindo-se ruborizado e confuso.

Mary Poppins olhou para ele e para Jane em silêncio. E então suspirou.

– Vou ficar até os ventos mudarem – ela disse brevemente, apagou sua vela e se deitou na cama.

– Está bem – disse Michael, meio para si e meio para Jane. Mas Jane não o escutava. Ela estava pensando em tudo o que tinha acontecido, e imaginando...

E foi assim que Mary Poppins veio morar no Número Dezessete da Cherry Tree Lane. Embora às vezes se vissem desejando dias mais tranquilos e comuns, como quando Katie Nanna cuidava da casa, todos sem exceção estavam contentes com a chegada de Mary Poppins. O sr. Banks estava contente porque, como ela chegou por conta própria e não interrompeu o tráfego, ele não foi obrigado a dar gorjeta ao guarda. A sra. Banks estava contente pois podia contar a todos que a babá de *suas* crianças estava tão por dentro da moda que não acreditava na necessidade de fornecer referências. A sra. Brill e Ellen estavam felizes porque podiam bebericar xícaras de chá forte o dia inteiro sem se

preocupar em servir o jantar das crianças. Robertson Ay também estava contente, pois Mary Poppins tinha apenas um par de sapatos, que ela engraxava sozinha.

Mas ninguém soube o que Mary Poppins pensava a respeito, pois Mary Poppins nunca contou nada a ninguém...

. Dia de Folga

– Toda terceira quinta-feira do mês – explicou a sra. Banks. – Das duas às cinco horas.

Mary Poppins olhou para ela com ar severo.

– As melhores pessoas, madame – ela disse –, concedem a *segunda* quinta-feira, e da uma às seis. É isso ou... – Mary Poppins fez uma pausa, e a sra. Banks sabia muito bem o que a pausa significava. Significava que ela não ficaria caso não conseguisse aquilo que desejava.

– Muito bem, muito bem – logo concordou a sra. Banks, apesar de desejar que Mary Poppins não soubesse tanto assim sobre as melhores pessoas, mais do que ela própria sabia.

Assim, Mary Poppins calçou suas luvas brancas e enfiou a sombrinha debaixo do braço – não porque estivesse chovendo, e sim porque tinha um cabo tão bonito que não passava por sua cabeça abandoná-la em casa. Como deixar sua sombrinha com cabo em forma de cabeça de papagaio para trás? Além disso, Mary Poppins era muito vaidosa e gostava de estar vestida sempre da melhor maneira possível. Assim, ela tinha a certeza de nunca se parecer com nenhuma outra pessoa.

Jane acenou para ela da janela do quarto.

– Aonde você está indo? – perguntou.

– Por gentileza, feche essa janela – respondeu Mary Poppins, e a cabeça de Jane desapareceu rapidinho para dentro do quarto.



Mary Poppins caminhou pela trilha do jardim e abriu a cancela do portão. Uma vez na rua, ela começou a andar cheia de pressa, com receio de que a tarde fosse embora se ela não a acompanhasse. Na esquina virou à direita, depois à esquerda e deu uma piscadela orgulhosa ao guarda, que lhe desejou uma boa tarde. Naquela altura ela sentiu que seu Dia de Folga tinha começado.

Mary Poppins parou ao lado de um automóvel desocupado para

ajeitar seu chapéu com a ajuda do vidro do para-brisa, no qual estava refletida sua imagem, então alisou o vestido e, com ares de segurança, enfiou a sombrinha debaixo do braço, de modo que o cabo, ou melhor, o papagaio, pudesse ser visto por todos. Após tantos preparativos, partiu ao encontro do Rapaz dos Fósforos.

Naquela época, o Rapaz dos Fósforos tinha duas profissões. Ele não apenas vendia fósforos como qualquer vendedor de fósforos, mas também pintava quadros para vender na calçada. Ele variava essas atividades de acordo com o clima. Se estivesse chuvoso, ele vendia fósforos, já que a chuva apagaria os quadros se ele os pintasse. Se o tempo estivesse bom, ele passava o dia inteiro ajoelhado, fazendo quadros com carvão colorido nas calçadas, e fazendo-os tão rapidamente que mal havia tempo de você ir até a esquina enquanto ele desenhava um lado da rua e, logo depois, o outro.

Naquele dia em particular, que estava bonito mas frio, ele pintava. Foi bem no instante em que acrescentava desenhos de duas bananas, uma maçã e uma cabeça da rainha Elizabeth a uma longa sequência de outros desenhos, quando Mary Poppins veio na ponta dos pés em sua direção para surpreendê-lo.

– Ei! – ela o chamou delicadamente.

Ele continuou a fazer listras marrons em uma banana e cachos castanhos na cabeça da rainha Elizabeth.

– Arrã! – disse Mary Poppins, com um pigarro discreto.

Ele se virou para trás em um pulo e então a viu.

– Mary! – ele gritou, e, pelo jeito que gritou, dava para perceber que Mary Poppins era uma pessoa muito importante na vida dele.

Mary Poppins olhou para os próprios pés e passou o bico de um de seus sapatos pela calçada duas ou três vezes. Então ela sorriu para o sapato de tal jeito que até o sapato perceberia que o sorriso não era por causa disso.

– Hoje é a minha folga, Bert – ela disse. – Você não lembrava?

Bert era o nome do Rapaz dos Fósforos; Herbert Alfred, aos domingos.

– É claro que eu me lembro, Mary, mas – então parou e olhou meio

triste para o boné, que estava no chão ao lado da última pintura, com duas moedas dentro. Ele pegou e tilintou os dois tostões.

– É tudo o que tem, Bert? – disse Mary Poppins, e disse isso tão vividamente que mal dava para perceber o quão desapontada ela estava.

– Que azar – ele falou. – Hoje os negócios não andam bem. Ou você pensa que todo mundo fica feliz em pagar para ver isso?

E fez um sinal com a cabeça na direção da rainha Elizabeth.

– Bem, o negócio é o seguinte, Mary – ele suspirou. – Acho que hoje não vou poder levar você para tomar chá.

Mary Poppins pensou na torta de geleia de framboesa que sempre comiam em seu Dia de Folga e ia suspirar, quando viu o rosto do Rapaz dos Fósforos. Então, muito esperta, ela transformou o suspiro num sorriso – um dos bons, com as duas pontas viradas para cima – e disse:

– Está tudo bem, Bert. Não se preocupe. Prefiro deixar o chá pra depois. É uma refeição meio indigesta, de verdade.

E isso, se você pensar no quanto ela gosta de tortas de geleia de framboesa, foi muito gentil da parte de Mary Poppins.

O Rapaz dos Fósforos deve ter pensado a mesma coisa, pois segurou a mão branca enluvada dela e a apertou bem forte entre as suas. Daí eles caminharam juntos ao longo da fileira de quadros.

– Olha só, aqui tem um que você nunca viu! – mostrou o Rapaz dos Fósforos todo orgulhoso, apontando a pintura de uma montanha coberta de neve com as encostas repletas de gafanhotos sentados em rosas gigantes.

Dessa vez Mary Poppins pôde dar um suspiro sem magoá-lo.

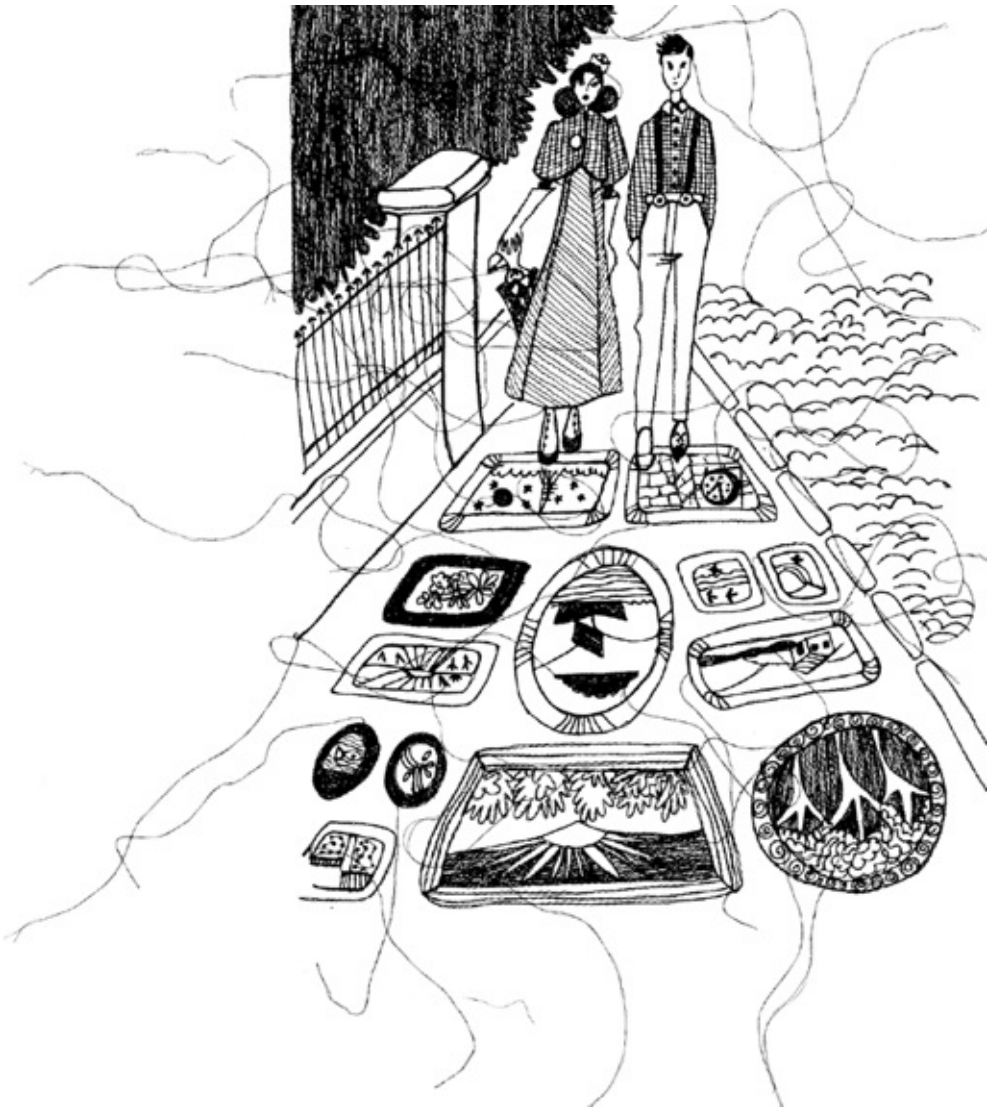
– Nossa, Bert – ela disse –, este é muito bom!

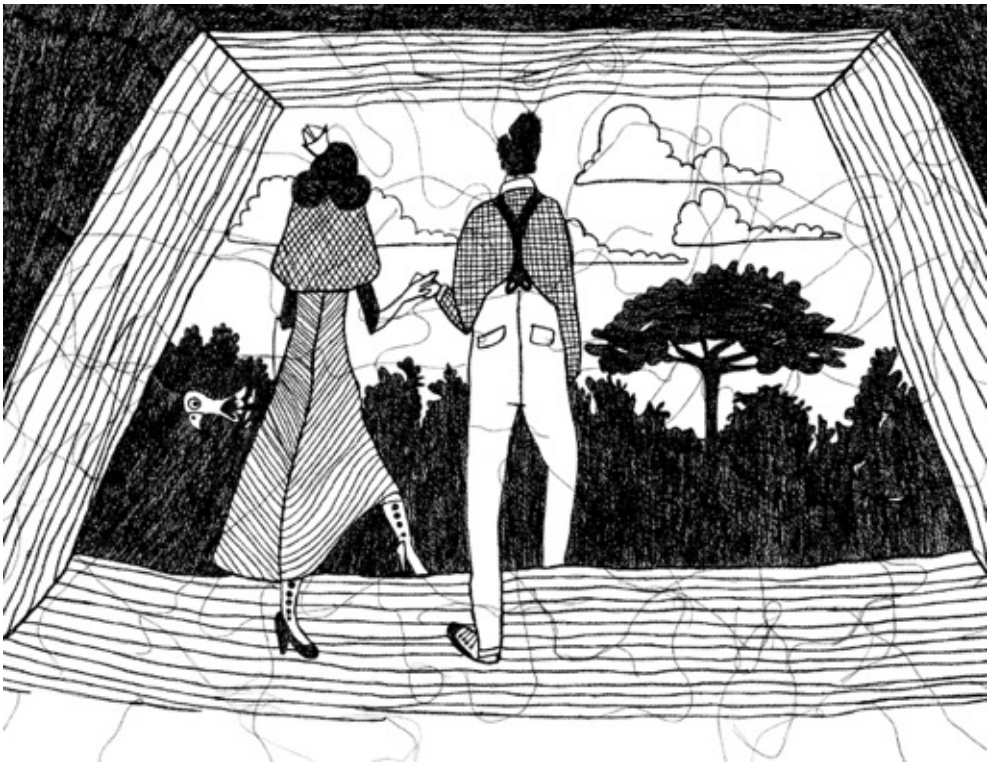
E pelo jeito que falou isso, o fez achar que o quadro merecia estar na Academia Real Inglesa de Artes, que é uma sala bem grande onde as pessoas dependuram os quadros que pintaram. Todo mundo vai até lá vê-los, e depois de olharem para eles um tempão, todos dizem uns aos outros: “Que ideia, minha querida!”.

O quadro seguinte visto por Mary Poppins e pelo Rapaz dos Fósforos era ainda melhor. Era o campo – só árvores e grama e um pouco do mar

azul à distância, e uma cidade que lembrava a praia de Margate ao fundo.

– Minha nossa! – disse Mary Poppins com admiração, inclinando-se para ver melhor. – O que foi, Bert, qual é o problema?





O Rapaz dos Fósforos tinha agarrado a outra mão dela e olhava para Mary Poppins muito animado.

– Mary – ele disse. – Tive uma ideia! Uma ideia *de verdade*. Por que a gente não vai hoje pra lá, agorinha mesmo? Nós dois juntos, ali dentro da pintura, hein, Mary?

E ainda segurando as mãos dela, puxou-a para fora da rua, para longe das balaustradas de ferro e dos postes de iluminação, bem para o meio da pintura. Vupt! Lá estavam eles, dentro do quadro.

E como era verde lá dentro e como era quieto e que gramado macio e quebradiço debaixo de seus pés! Eles mal podiam acreditar que era verdade, e ainda havia galhos verdes que raspavam seus chapéus quando passavam debaixo deles, e pequenas flores coloridas se enrolando em seus sapatos. Eles olharam um para o outro, e perceberam que tinham mudado. Para Mary Poppins, o Rapaz dos Fósforos parecia ter comprado para si um novo conjunto completo de roupas, pois agora estava usando um brilhante casaco listrado verde e vermelho e calças brancas de flanela e, o melhor de tudo, um novo chapéu de palha. Parecia estranhamente limpo, como se tivesse sido polido.

– Uau, Bert, você está ótimo! – ela gritou, em tom de admiração.

Bert não conseguiu pronunciar nada por um momento, pois estava boquiaberto e olhava para ela com olhos arregalados. Então engoliu em seco e disse:

– Caramba!

E aquilo foi tudo. Só que ele disse isso de tal jeito, e a olhou tão fixamente e maravilhado, que ela tirou um espelhinho da bolsa para se ver.

Ela também, logo descobriu, mudara. Em torno de seus ombros estava dependurado um lindo manto de seda sintética todo estampado, e as cócegas que sentia na nuca eram causadas, o espelho lhe contou, por uma longa pluma encaracolada que caía da fita de seu chapéu. Seus melhores sapatos haviam desaparecido, e no lugar deles estavam outros muito mais chiques, com grandes e brilhantes fivelas de diamantes. Ela ainda usava as luvas brancas e carregava a sombrinha.

– Puxa vida – disse Mary Poppins. – Isto *sim* é um Dia de Folga!

E então, ainda espantados e admirando um ao outro, caminharam juntos pela pequena floresta até chegar a uma clareira onde batiam raios de sol. E nela, em cima de uma mesa verde, estava posto o chá da tarde!



Uma pilha de tortas de geleia de framboesa tão alta que batia na cintura de Mary Poppins se equilibrava no centro da mesa, e ao lado tinha chá fervendo em uma grande chaleira de bronze. E o melhor de tudo, havia dois pratos de ostras e dois palitos para espetá-las.

– Macacos me mordam! – disse Mary Poppins. Ela sempre falava assim quando estava contente.

– Caramba! – disse o Rapaz dos Fósforos. E essa era uma palavra típica

dele.

– Gostaria de se sentar, Madammm? – perguntou uma voz, e eles se viraram e deram de cara com um homem alto de casaca preta, que saía da floresta com um guardanapo sobre o braço.

Apesar de surpresa, Mary Poppins se sentou de chofre numa das cadeirinhas verdes dispostas ao redor da mesa.

O Rapaz dos Fósforos, paralisado, olhava de um lado para o outro.

– Como podem perceber, eu sou o garçom! – explicou o homem de casaca preta.

– Ué, mas eu não tinha visto você na pintura! – se surpreendeu Mary Poppins.

– Ah, é que eu estava atrás de uma árvore – explicou o garçom.

– Não vai se sentar? – disse educadamente Mary Poppins.

– Garçons nunca se sentam, Madammm – disse o homem, aparentando satisfação por ter sido convidado.

– Suas ostras, senhor! – ele disse, estendendo um prato por cima do Rapaz dos Fósforos. – E o seu *palito*! – Ele limpou o palito com o guardanapo e o passou ao Rapaz dos Fósforos.

Assim iniciaram o chá da tarde, e o garçom permaneceu ao lado deles para conferir se não precisariam de mais nada.

– No final, a gente conseguiu – Mary Poppins cochichou meio alto enquanto começava a avançar no montão de tortas de geleia de framboesa.

– Caramba! – concordou o Rapaz dos Fósforos, se servindo de duas das grandes.

– Chá? – disse o garçom, enchendo uma xícara larga para cada um deles com o conteúdo da chaleira.

Eles beberam aquela e mais duas xícaras cada um, e então, que sorte, acabaram com a pilha de tortas de geleia de framboesa. Depois disso, se levantaram e sacudiram as migalhas.

– Não é preciso pagar – disse o garçom antes que eles tivessem tempo de pedir a conta. – Foi um prazer. E tem um Carrossel bem ali! – e apontou um intervalo entre as árvores, onde Mary Poppins e o Rapaz dos

Fósforos puderam ver vários cavalos de madeira girando sobre um suporte.

– Que engraçado – ela disse. – Também não lembro de ter visto isso na pintura.

– Ah, já sei – disse o Rapaz dos Fósforos, que igualmente não se lembrava –, devia estar bem no fundo!

O Carrossel estava quase parando quando eles chegaram lá perto. Ambos subiram nele, Mary Poppins sobre um cavalo negro e o Rapaz dos Fósforos em um cinza. E quando a música recomeçou e eles começaram a se mover, rodaram até Yarmouth e voltaram, pois era o lugar que os dois mais queriam ver.

Quando retornaram, já estava quase escuro e o garçom os procurava.

– Sinto muito, Madammm e Senhor – ele disse, educadamente –, mas nós fechamos às sete. Regras, como sabem. Posso mostrar a saída para vocês?

Eles assentiram enquanto o garçom fez um floreio com seu guardanapo e seguiu na frente por meio da floresta.

– Desta vez você fez um desenho maravilhoso, Bert – disse Mary Poppins colocando sua mão no braço do Rapaz dos Fósforos e vestindo seu manto.

– Bem, fiz o melhor que pude, Mary – respondeu modestamente o Rapaz dos Fósforos. Era evidente que ele estava muito satisfeito consigo mesmo.

Então o garçom parou logo adiante, ao lado de uma imensa porta branca que parecia ter sido desenhada com finas linhas de carvão.

– Aí estão vocês! – ele disse. – Esta é a saída.

– Adeus, e muito obrigado – disse Mary Poppins, apertando a mão dele.

– Adeus, Madammm! – respondeu o garçom, curvando-se de tal maneira que sua cabeça bateu nos joelhos.

Ele acenou com a cabeça para o Rapaz dos Fósforos, que balançou sua cabeça para o lado e piscou um olho para o garçom, que era a sua maneira de se despedir. Então Mary Poppins atravessou a porta branca e o Rapaz

dos Fósforos a seguiu.

E conforme se afastavam, caíram a pluma do chapéu e o manto acetinado dos ombros e os diamantes dos sapatos dela. As roupas brilhantes do Rapaz dos Fósforos desbotaram e o chapéu de palha voltou a ser o velho boné esfarrapado. Mary Poppins se virou, olhou para ele e repentinamente entendeu o que tinha acontecido. Parada na calçada, ela o observou por um longo minuto, e depois seu olhar explorou a floresta lá atrás à procura do garçom. Mas não encontrou o garçom em lugar nenhum. Não havia ninguém na pintura. Nada se movia nela. Até mesmo o Carrossel desaparecera. Apenas as árvores, o gramado e o pequeno pedaço imóvel de mar estavam lá.



Mary Poppins e o Rapaz dos Fósforos, porém, sorriram um para o outro. Eles sabiam, é claro, o que havia detrás das árvores...

Quando ela retornou de seu Dia de Folga, Jane e Michael foram correndo ao seu encontro.

– Onde você esteve? – perguntaram.

– Na Terra das Fadas – contou Mary Poppins.

– Você viu a Cinderela? – perguntou Jane.

– Hum, Cinderela? Eu não – disse Mary Poppins com desdém. – Cinderela? De jeito nenhum!

– E Robinson Crusoé? – perguntou Michael.

– Robinson Crusoé, credo! – Mary Poppins disse rudemente.

– Então como é que você pode ter estado lá? Com certeza não foi *na nossa* Terra das Fadas!

Mary Poppins fungou, com ar superior.

– Mas será que vocês não sabem – ela disse, passivamente – que cada um de nós tem a sua própria Terra das Fadas?

E com outra fungadela, ela subiu as escadas para tirar as luvas brancas e guardar sua sombrinha.

. Gás do Riso

– Tem certeza de que ele vai estar em casa? – perguntou Jane, enquanto ela, Michael e Mary Poppins desciam do ônibus.

– Por acaso meu tio me pediria para levar você ao chá se pretendesse sair? Essa é boa – disse Mary Poppins, evidentemente muito ofendida com a pergunta. Ela estava usando seu casaco azul de botões prateados e o chapéu azul para combinar, e, nos dias em que se vestia assim, a coisa mais fácil do mundo era ofendê-la.

Todos os três estavam indo fazer uma visita ao tio de Mary Poppins, o sr. Peruca, e Jane e Michael aguardaram tanto pelo passeio que depois de tanto esperar temiam que o sr. Peruca não estivesse mais.

– Por que o nome dele é senhor Peruca? – perguntou Michael, todo afobado ao lado de Mary Poppins. – Ele usa peruca?

– Ele chama senhor Peruca porque senhor Peruca é o nome dele. E ele não usa peruca. Ele é careca – respondeu Mary Poppins, dando seu costumeiro suspiro de insatisfação. – E se alguém perguntar mais alguma coisa, vamos voltar para casa.

Jane e Michael olharam um para o outro e franziram a testa. E a franzida significava: "Não vamos perguntar mais nada para ela senão a gente nunca vai chegar lá".

Mary Poppins endireitou seu chapéu na tabacaria da esquina, onde havia uma daquelas vitrines engraçadas, nas quais é possível ver três de nós mesmos em vez de um, e, então, se você olhar por tempo suficiente para os reflexos, vai começar a achar que você não é você, e sim uma multidão de outras pessoas. Mary Poppins, porém, suspirou com satisfação quando se viu em três, cada uma de si vestindo o casaco azul de botões prateados e um chapéu azul que combinava. Ela achou aquela

uma visão tão bela que desejou que os reflexos fossem de uma dezena, ou quem sabe trinta, de si mesma. Quanto mais Mary Poppins, melhor.



– Vamos logo – ela disse com ar severo, sendo que eram *eles* que a esperavam. Então viraram a esquina e tocaram a campainha do Número Três da rua Robertson. Jane e Michael ouviram a campainha ecoar fracamente por um longo caminho adiante e perceberam que em um minuto, ou dois no máximo, estariam tomando chá pela primeira vez com o sr. Peruca, o tio de Mary Poppins.

– Se ele estiver, claro – cochichou Jane para Michael.

Naquele momento a porta abriu e uma moça delicada, de aspecto franzino, apareceu.

– Ele está? – perguntou Michael, rapidamente.

– Eu lhe agradeceria – disse Mary Poppins dando uma olhada terrível para ele – se deixasse que *eu* fizesse as perguntas.

– Como vai, senhora Peruca? – perguntou Jane, educadamente.

– Senhora Peruca! – disse a magricela, com uma voz ainda mais fina que ela própria. – Como ousa me chamar de senhora Peruca? Não, muito obrigada! Sou simplesmente senhorita Persimmon e tenho *muito* orgulho disso. Senhora Peruca, essa é boa! – Ela parecia ter ficado muito chateada, e eles pensaram que o sr. Peruca devia ser um esquisitão, já que a srta. Persimmon se sentia tão feliz de não ser a sra. Peruca.

– Sigam em frente até a primeira porta no patamar – disse a srta. Persimmon, indicando o caminho a passos rápidos e dizendo para si mesma em voz alta, fina e ultrajada: "Senhora Peruca, essa é boa!".

Jane e Michael seguiram Mary Poppins pela escadaria. Lá em cima, Mary Poppins bateu na porta.

– Entrem! Entrem! E sejam bem-vindos! – chamou uma voz alta e animada, saindo lá de dentro. O coração de Jane tamborilou acelerado de tanta excitação.

– Ele *está*! – ela lançou um olhar para Michael.

Mary Poppins abriu a porta, empurrando-os na frente. Uma sala larga e convidativa surgiu diante deles. De um lado havia uma lareira acesa que iluminava ao centro uma enorme mesa posta para o chá – quatro xícaras e pires, montes de pão e manteiga, bolinhos, bolos de coco e um grande bolo de ameixa com calda cor-de-rosa.

– Bem, isto é um prazer de verdade – disse um vozeirão os cumprimentando, e Jane e Michael procuraram ao redor pelo dono. Não estava em lugar algum que pudesse ser visto. O aposento parecia estar vazio. Então ouviram Mary Poppins dizer, zangada:

– Não é possível, tio Albert. *De novo*? Não é seu aniversário, é?

E, enquanto falava isso, ela olhava para o teto. Jane e Michael também olharam para cima e para surpresa deles viram um homem careca e balofo dependurado no ar sem estar preso a nada. Na verdade, parecia estar *sentado* no ar, pois suas pernas estavam cruzadas e acabara de pôr

de lado o jornal que lia quando eles entraram.

– Minha querida – disse o sr. Peruca, sorrindo para as crianças lá embaixo e se desculpando com Mary Poppins –, sinto muito, mas receio que seja *sim* o meu aniversário.

– Tsc, tsc, tsc – fez Mary Poppins.

– Só me lembrei ontem à noite, e já não havia mais tempo para enviar a vocês um cartão-postal pedindo que viessem em outro dia, não é mesmo? – ele falou, olhando para Jane e Michael, lá embaixo.

– Dá para ver que vocês estão um pouco surpresos – disse o sr. Peruca. E realmente, eles estavam tão boquiabertos de espanto que se o sr. Peruca fosse um pouco menor poderia cair dentro de uma de suas bocas.

– Acho que é melhor explicar – prosseguiu o sr. Peruca, calmamente. – Vocês vão ver, é por aqui. Eu sou um sujeito feliz e de riso fácil. Vocês não acreditariam, nenhum de vocês, na quantidade de coisas que acho engraçadas. Eu consigo rir de praticamente qualquer coisa, consigo sim.

E após dizer isso o sr. Peruca começou a subir e a descer, sacudindo-se de rir apenas por pensar em sua própria alegria.

– Tio Albert! – ralhou Mary Poppins, e com um pulo o sr. Peruca parou de rir.

– Oh, desculpe, minha querida. Onde é que eu estava? Ah, sim. Bom, a coisa engraçada a meu respeito é... – disse o sr. Peruca – ... tudo bem, Mary, se ajudar, não vou mais rir! O fato é que se meu aniversário cai numa sexta-feira, tudo fica para cima. Literalmente para C.I.M.A.



– Mas por quê?... – começou Jane.

– Mas como?... – começou Michael.

– Bem, vejamos, se dou risada nesse dia em particular fico tão cheio de Gás do Riso que simplesmente não consigo permanecer no chão. Até mesmo um simples sorriso faz isso acontecer. Na primeira coisa divertida que me vem à cabeça, já estou no alto feito um balão. E não consigo descer de novo até conseguir pensar em alguma coisa séria.

Ao dizer isso, o sr. Peruca começou a dar uns risinhos meio abafados, mas parou logo que viu a cara que Mary Poppins fazia, e prosseguiu:

– É estranho, claro, mas não chega a ser desagradável. Nunca aconteceu com nenhum de vocês, imagino.

Jane e Michael sacudiram a cabeça.

– Não, claro que não, imaginei que não. Esse parece ser um hábito único, só meu. Certa vez, depois de ter ido ao circo na noite anterior, ri tanto que, vocês não vão acreditar!, fiquei aqui em cima por doze horas inteirinhas, sem conseguir descer até que batesse a última badalada da meia-noite. E daí, claro, eu desci num baque só pois já era sábado e não era mais meu aniversário. É um bocado esquisito, não? Para não dizer engraçado.

E agora é sexta-feira outra vez e é meu aniversário, e vocês dois e Mary P. vieram me visitar. Ai ai ai, minha nossa, não me façam rir, eu imploro...

Embora Jane e Michael não tivessem feito nada de muito impressionante, a não ser olhar para ele com espanto, o sr. Peruca começou a rir alto outra vez e enquanto ria ele saltava e balançava no ar, o jornal chacoalhando em sua mão e os óculos quase caindo do seu nariz.

Ele parecia tão engraçado, debatendo-se no ar feito uma grande bolha humana, segurando o teto de vez em quando e esbarrando no encanamento do gás de rua, que Jane e Michael, embora estivessem se esforçando para ser educados, não ajudaram muito com o que acabaram fazendo. Eles riram. E riram. Eles lacraram a boca, procurando evitar que as risadas escapassem, e isso não adiantou de nada. E logo estavam rolando no chão, dando guinchos e uns gritos de alegria.

– Mas *realmente* – disse Mary Poppins. – Realmente, que *comportamento*!

– Não posso fazer nada. Mas não mesmo! – gritou Michael. – Isso é *tão* engraçado. Hein, Jane, não é engraçado?

Jane não respondeu, pois algo curioso estava acontecendo com ela. Enquanto ria, ela aos poucos foi se sentindo mais leve, como se estivesse sendo bombeada até ficar cheia de ar. Era uma sensação curiosa e agradável que a fez ter vontade de rir ainda mais. E de repente, com um sacolejo sacudido, ela se viu saltando no ar. Para seu próprio espanto, Michael viu Jane flutuar pelo aposento. Numa pancadinha, a cabeça dela tocou o teto e então ela saiu balançando adiante, até ser alcançada pelo sr. Peruca.

– Bem, *olá* – falou o sr. Peruca, aparentando estar muito surpreso. – Não me diga que também é *seu* aniversário.

Jane sacudiu a cabeça.

– Não é? Então é efeito do Gás do Riso! Olhe ali para a lareira!

Ele apontava para Michael, que repentinamente ascendeu do chão e mergulhava no ar, gargalhando com estrondo e quase esbarrando nos enfeites chineses da prateleira sobre a lareira. O menino pousou, num pulo, bem no joelho do sr. Peruca.

– Como vai? – disse o sr. Peruca, cumprimentando Michael cordialmente, com um aperto de mãos. – Achei isso muito simpático de sua parte, nossa, como achei. Subir até mim já que eu não podia descer até você, hein?

Então ele e Michael olharam um para o outro e jogaram a cabeça para trás, uivando de pura e simples felicidade.

– Imagino que você esteja pensando que sou a pessoa mais mal-educada do mundo – confessou o sr. Peruca para Jane enquanto enxugava os olhos. – Uma boa garota como você aí de pé, sem ter onde sentar. Receio não poder lhe oferecer uma cadeira aqui em cima, mas tenho a impressão de que você vai achar o ar bastante confortável para se sentar. Pelo menos eu acho.

Jane experimentou, e se sentou confortavelmente no ar. Ela tirou seu chapéu, colocando-o de lado e ele permaneceu dependurado ali no espaço sem nada para ampará-lo.

– Isso mesmo – aprovou o sr. Peruca. Daí se virou e olhou para Mary Poppins lá embaixo. – Bem, Mary, nós já estamos instalados. E agora posso perguntar coisas sobre *você*, minha querida. Devo dizer que hoje estou muito satisfeito em receber você e meus dois amiguinhos aqui. Mas por que está carrancuda, Mary? Receio que não aprove isso, bem, tudo isto aqui.

Ele apontou, mostrando Jane e Michael, e disse apressadamente:

– Eu peço desculpas, minha querida Mary. Mas você sabe como são as coisas comigo. Ainda por cima, devo dizer que nunca imaginei que meus dois amiguinhos aqui poderiam entender tudo isto, realmente não

imaginei isso, Mary! Acho que deveria tê-los convidado para vir aqui num outro dia ou então ter pensado em algo triste ou alguma coisa...

– Bem, devo dizer – disse Mary Poppins toda empertigada – que nunca vi nada parecido em minha vida. E na sua idade, tio...

– Mary Poppins, Mary Poppins, venha até aqui em cima! – interrompeu Michael. – Pense em algo engraçado e você vai ver como é fácil.

– Ah, faça isso agora, Mary! – disse, persuasivo, o sr. Peruca.

– Estamos solitários aqui em cima sem você! – falou Jane, estendendo os braços em direção a Mary Poppins. – Pense em algo *engraçado*!

– Ah, *ela* não precisa fazer isso – disse o sr. Peruca, suspirando. – Ela pode subir aqui se quiser, até mesmo sem dar risada. E ela *sabe* disso.

E lançou um misterioso e secreto olhar para Mary Poppins, que continuava parada sobre o tapete da lareira.

– Bem – falou Mary Poppins –, acho tudo isso muito bobo e inapropriado. Porém, já que vocês estão todos aí em cima e não parecem capazes de descer, acho melhor eu subir também.

Assim, para surpresa de Jane e Michael, ela pôs as mãos na cintura e – sem dar uma risada nem dar o menor vislumbre de um sorriso – disparou pelo ar, sentando-se ao lado de Jane.

– Gostaria de saber quantas vezes vou ter de explicar – ela começou, num estalo – que você deve tirar seu casaco ao entrar em um lugar aquecido.

E desabotoou o casaco de Jane, depois o depositou no ar ao lado do chapéu.

– Tudo bem, Mary, tudo bem – disse o sr. Peruca, satisfeito, enquanto descia para guardar seus óculos sobre a lareira. – Agora estamos todos confortáveis.

– Existem conforto *e* conforto – fungou Mary Poppins.

– E podemos tomar chá – disse o sr. Peruca ao voltar, aparentemente não dando atenção ao comentário. Mas eis que apareceu uma expressão assustada em seu rosto.

– Minha nossa! – ele falou. – Que horrível! Só agora percebi que a mesa

está lá embaixo e nós estamos aqui em cima. E agora, o que vamos *fazer*? Nós aqui e ela, lá. É uma tragédia medonha, horrorosa! Oh, como isso é engraçado!

Ele escondeu o rosto sob o guardanapo e gargalhou bem alto. Apesar de não quererem perder os bolinhos e muito menos as tortas, Jane e Michael não puderam deixar de rir também. A alegria do sr. Peruca era contagiante.

O sr. Peruca enxugou os olhos.

– Só existe um jeito – ele disse. – Nós devemos pensar em alguma coisa séria. Algo triste, muito triste. E daí conseguiremos descer. Um, dois, três e já! Mas vejam bem, tem de ser algo *muito* triste!

Eles pensaram e pensaram, com o queixo nas mãos.

Michael pensou na escola, e que um dia precisaria frequentá-la. Mas até isso parecia engraçado, e ele não conseguiu segurar a risada.

Jane pensou: "Daqui a catorze anos eu serei adulta!". Porém isso não pareceu triste de jeito nenhum, até pareceu legal e meio engraçado. Ela não pôde conter o riso ao pensar em si mesma adulta, de saia comprida e bolsa na mão.

– Lá vai minha pobre e velha tia Emily – pensou o sr. Peruca em voz alta. – Ela foi atropelada por um ônibus. Triste. Ai, que triste. Triste demais. Pobre tia Emily. Pelo menos conseguiram salvar sua sombrinha. Essa é boa, não é?

E assim que ele percebeu, já estava se levantando e balançando e arrebentando de dar risada por ter pensado na sombrinha de tia Emily.

– Não adianta – ele disse, assoando o nariz. – Eu desisto. E parece que meus amigos aqui não são melhores em tristeza do que eu. Mary, você poderia fazer *alguma coisa*? Queremos nosso chá.

Depois disso, Jane e Michael não têm muita certeza do que aconteceu. Tudo o que sabem é que a mesa começou a se torcer sobre as próprias pernas assim que o sr. Peruca pediu ajuda para Mary Poppins. Logo, balançando perigosamente e com a porcelana chacoalhando e os bolos deslizando para fora dos pratos sobre a toalha, a mesa veio subindo pela sala, deu uma suave guinada e pousou ao lado deles de maneira que o sr.

Peruca ficasse na cabeceira.

– Boa garota! – disse o sr. Peruca, sorrindo com orgulho para ela. – Eu sabia que você poderia nos dar uma mãozinha nisso. Agora, que tal se sentar do outro lado da mesa e se servir, Mary? E os convidados devem ficar ao meu lado. É isso aí – prosseguiu, enquanto Michael flutuava pelo ar e se sentava à direita do sr. Peruca. Jane permaneceu do lado esquerdo. E lá estavam, todos juntos no alto, com a mesa entre eles. Nem um só pedaço de pão com manteiga ou cubo de açúcar ficou para trás.



O sr. Peruca sorriu, satisfeito.

– Creio que o mais normal seria começar pelo pão com manteiga – ele disse para Jane e Michael –, mas como é meu aniversário vamos começar do jeito errado, que na verdade acho que seja o jeito *certo*. Pelo bolo!

E cortou uma grande fatia para cada um deles.

– Mais chá? – ele perguntou a Jane. Mas antes que ela tivesse tempo para responder, uma leve batida soou na porta.

– Entre! – disse o sr. Peruca.

A porta se abriu, e lá estava a srta. Persimmon com um jarro de água quente numa bandeja.

– Senhor Peruca, achei que... – ela começou, procurando pela sala – ... estivesse precisando de mais água... Mas nunca pensei! *Nunquinha* mesmo! – ela disse assim que os viu sentados no ar em torno da mesa. – Eu nunca vi nada parecido com isso! Desde o dia em que nasci não vi nada igual. Sempre tive certeza de que o senhor era meio *esquisito*, senhor Peruca, mas já que pagava regularmente o salário resolvi fingir que não percebia. Porém um comportamento desses, tomando chá no ar com seus convidados... Senhor Peruca, o senhor me deixa pasma! Isso é tão pouco distinto, e ainda mais para um cavalheiro da sua idade. Eu nunca pensei...

– Mas talvez a senhora devesse, senhorita Persimmon! – disse Michael.

– Devesse o quê? – perguntou a srta. Persimmon, toda empertigada.

– Pegar o Gás do Riso como a gente fez – disse Michael.

A srta. Persimmon empinou o nariz com desdém.

– Meu jovenzinho, acredito ter mais respeito por mim mesma – ela respondeu – do que sair sacudindo no ar por aí feito uma bola presa a um bilboquê. Vou permanecer sobre meus próprios pés, muito obrigada, ou meu nome não é Amy Persimmon, e... ai, meu deus, AI, AI, AI, o que está *acontecendo*? Não consigo andar, eu estou... Oh, me ajudem, socorro, SOCORRO!

Meio contra a vontade dela, a srta. Persimmon decolou do chão e saiu quicando pelo ar, rolando de um lado para o outro como se fosse um barril magrelinho, balançando a bandeja em sua mão. Ela estava quase chorando de tão aflita quando alcançou a mesa e depositou nela o jarro de água quente.

– Muito obrigada – disse Mary Poppins, de um jeito calmo e com a voz em um tom educado.

Então a srta. Persimmon deu meia-volta e saiu novamente flutuando, enquanto murmurava: – Tão pouco distinto. Ainda mais comigo, uma moça tão comportada e equilibrada. Preciso procurar um médico.

Quando tocou o chão, ela esfregou as mãos e saiu apressadamente da sala sem dar uma só olhada para trás.

– Tão pouco distinto! – todos a ouviram resmungar enquanto ela fechava a porta.

– O nome dela não pode mais ser Amy Persimmon, pois ela *não* permaneceu sobre os próprios pés! – cochichou Michael para Jane.

Contudo o sr. Peruca estava olhando para Mary Poppins – e era um olhar curioso, entre divertido e acusatório.

– Mary, Mary, minha nossa, como pôde? A pobrezinha nunca vai superar aquilo. Nossa, mas ela não ficou engraçada bamboleando pelo ar, ave nossa, se ficou!

Daí ele, Jane e Michael subiram novamente, rolando pelo ar, agarrando seus flancos e engasgando de risada só por terem pensado em como a srta. Persimmon pareceu engraçada.

– Opa! – disse Michael. – Não me faça rir mais. Eu não aguento. Vou explodir!

– Opa, opa, opa! – gritou Jane, enquanto prendia a respiração com a mão sobre o peito.

– Oh, ave nossa, nossa, minha nossa, minha nossa senhora! – urrou o sr. Peruca, secando os olhos com a cauda do casaco pois não conseguia encontrar seu guardanapo.

– É HORA DE IR PARA CASA – a voz de Mary Poppins soou feito um trompete acima dos alegres rugidos.

E na mesma hora Jane, Michael e o sr. Peruca desceram. Eles pousaram no chão com grande estrondo, de uma só vez. O pensamento de precisar ir para casa foi o primeiro pensamento triste da tarde, e para eles foi o momento em que o Gás do Riso acabou sendo expelido.

Jane e Michael suspiraram, enquanto acompanharam Mary Poppins descer lentamente através do ar, carregando o casaco e o chapéu de Jane.

O sr. Peruca também suspirou. Foi um grande, longo e pesado suspiro.

– Bem, não é uma pena? – ele disse, gravemente. – É muito triste que vocês tenham que voltar para casa. Nunca apreciei tanto uma tarde. E vocês?

– Nunca – disse Michael tristemente, pensando em como era chato estar no chão de novo e sem o Gás do Riso dentro dele.

– Nunca, nunca – disse Jane enquanto ficava na ponta dos pés e beijava as murchas bochechas cor de maçã do sr. Peruca. – Nunca, nunca, nunca, nunca...!

Eles se sentaram ao lado de Mary Poppins, no ônibus, a caminho de casa. Os dois estavam muito quietos, pensando naquela tarde tão amável. Depois de um tempo, Michael perguntou, com a voz sonolenta, para Mary Poppins:

– Com que frequência o seu tio fica daquele jeito?

– De que jeito? – perguntou Mary Poppins com secura, como se Michael tivesse dito algo para ofendê-la.

– Ué, daquele jeito todo saltitante, pimpão, risonho e subindo pelos ares.

– Subindo pelos ares? – a voz de Mary Poppins subiu, brava. – Como assim, hein, subindo pelos ares?

Jane procurou explicar.

– O que Michael quis dizer foi se o seu tio está sempre cheio de Gás do Riso e se ele rola e saltita até o teto quando...

– Rolando e saltitando? Mas que ideia! Rolando e saltitando até o teto! Daqui a pouco você vai me dizer que ele é um balão!

Ofendida, Mary Poppins deu uma fungadela.

– Mas ele fez isso! – falou Michael. – A gente viu.

– O quê, rolar e saltitar? Que ousadia! Pensei que soubesse que meu tio é um homem sério, honesto e trabalhador, e você deveria ser gentil e falar dele com respeito. E não morda seu bilhete de ônibus! Rolar e saltitar, mas claro. Que ideia!

Michael e Jane se entreolharam por cima de Mary Poppins. Não disseram nada, pois aprenderam que o melhor a fazer era não discutir com Mary Poppins, não importasse o quão estranho as coisas parecessem ser.

Contudo, o olhar que trocaram entre si queria dizer: “É verdade ou não? A respeito do senhor Peruca, Mary Poppins está certa ou nós é que estamos?”.

Mas não havia ninguém que pudesse lhes dar a resposta correta.

O ônibus rugiu, balançando e sacudindo selvagemente.

Mary Poppins sentou entre eles, chateada e quieta e, como estavam muito cansados, eles se aconchegaram nela, encostando-se e caindo adormecidos, ainda se perguntando...

. O Andrew da srta. Lark

A srta. Lark srta. Lark vivia na Casa Vizinha.

Mas antes de prosseguirmos, devo lhe contar como é que era a Casa Vizinha. Era uma casa muito grande, de longe a maior da Cherry Tree Lane. Até o Almirante Boom era conhecido por invejar a maravilhosa casa da srta. Lark, apesar de a dele ter chaminés de navio em vez de chaminés normais e um mastro de bandeira no jardim da frente. De sempre em sempre os habitantes da rua o ouviram exclamar ao passar diante da mansão da srta. Lark:

– Pelas barbas do profeta! O que será que ela *quer* com uma casa dessas?

O fato de a srta. Lark ter dois portões era a razão da inveja do Almirante Boom. Um deles servia aos amigos e conhecidos da srta. Lark, e o outro era para o Açougueiro, o Padeiro e o Leiteiro.

Certa vez o Padeiro se confundiu, entrando pelo portão destinado aos amigos e conhecidos, e a srta. Lark ficou tão brava a ponto de dizer que nunca mais comeria pão.

Mas no final ela acabou perdoando o Padeiro, pois ele era o único na vizinhança que fazia aqueles rolinhos achatados com a casquinha dando voltas e crocante bem no topo. Ela nunca voltou a gostar muito dele depois do incidente, que seja dito, e, quando aparecia, ele costumava baixar o chapéu até a altura dos olhos de modo a fazer a srta. Lark achar que fosse outra pessoa. Mas ela nunca achou.

Jane e Michael sempre sabiam quando a srta. Lark estava no jardim ou vinha pela rua, pois ela usava tantos broches e colares no pescoço e anéis que ela balançava para lá e para cá a ponto de parecer uma banda de metais. E quando os encontrava, ela sempre dizia a mesma coisa:

– Bom dia! (ou "Boa tarde!", se fosse depois do almoço), e como *estamos* hoje?

E Jane e Michael nunca sabiam com certeza se a srta. Lark se referia a como *eles* estavam, ou a como ela e Andrew estavam.

Assim, apenas respondiam:

– Boa tarde! (ou, claro, "Bom dia!", se fosse antes do almoço).

Durante o dia inteiro, não importava onde estivessem, as crianças podiam ouvir a srta. Lark perguntando, com uma voz muito estridente, coisas como:

– Andrew, onde você está? – ou

– Andrew, você não deve sair sem seu casaco! – ou

– Andrew, venha com a Mamãe!

E, caso você não soubesse, poderia pensar que Andrew fosse um garotinho. Na verdade, Jane achava que a srta. Lark pensava que Andrew era um garotinho. Mas Andrew não era. Ele era um cão – um desses cãezinhos sedosos e fofinhos que parecem mais uma gola de pele até que começam a latir. Mas, é claro, quando eles fazem isso você logo percebe que são cachorros. Nenhuma gola peluda jamais fez um barulho daquele.

Agora, Andrew levava uma vida tão luxuosa que você poderia pensar que ele era o xá da Pérsia disfarçado. Ele dormia num travesseiro de seda no quarto da srta. Lark; ele ia de carro duas vezes por semana ao cabeleireiro para ter o pelo lavado com xampu; ele comia doce em todas as refeições e ostras de vez em quando, e possuía quatro sobretudos axadrezados e listrados de cores diferentes. Os dias comuns de Andrew eram preenchidos com o tipo de coisa que a maioria das pessoas só tem no aniversário. E quando era aniversário de Andrew ele tinha duas velas no bolo em vez de uma só.

O efeito disso tudo tornava Andrew muito impopular na vizinhança. Pessoas costumavam gargalhar quando viam Andrew sentado no banco traseiro do carro da srta. Lark a caminho do cabeleireiro, com a manta de pele sobre os joelhos e vestido com seu melhor casaco. E no dia em que a srta. Lark comprou para ele dois pares de botinhas de couro para que pudesse ir ao Parque com tempo bom ou ruim, todos na rua se

aproximaram de seus portões para vê-lo passar, sorrindo secretamente detrás das mãos.



– Pô! – disse Michael enquanto eles observavam Andrew certo dia através da cerca que separa o Número Dezessete da Casa Vizinha. – Pô, ele é um almofadinha!

– Como você sabe? – perguntou Jane, muito interessada.

– Eu sei porque ouvi o papai chamá-lo assim de manhã! – disse Michael, rindo de um jeito malcriado para Andrew.

– Ele *não* é um almofadinha – disse Mary Poppins. – Nem isso nem chouriço.

E Mary Poppins estava certa. Andrew não era um almofadinha, como você logo verá.

Você não deve achar que ele respeitava pouco a srta. Lark. Ele respeitava. E até que gostava dela de um jeito meio morno. Ele não poderia deixar de ter bons sentimentos por alguém que o tratou tão bem desde que era um filhotinho, mesmo que ela o *beijasse* com mais frequência do que ele gostaria. Mas não havia dúvidas de que a vida de Andrew o entediava. Ele daria metade de sua fortuna, se tivesse uma, por um bom pedaço de carne vermelha crua, em vez do usual peito de frango ou dos ovos mexidos com aspargos.

No mais fundo de seu íntimo, Andrew desejava ser um cão vira-lata. Ele nunca conseguiu passar diante de seu pedigree (que ficava dependurado na parede da sala de estar da srta. Lark) sem um estremecimento de vergonha. E muitas vezes desejaria – se a srta. Lark não fizesse tanto alarde disso – nunca ter tido pai, nem avô, nem bisavô.

Era essa vontade de *ser* um cão vira-lata que levava Andrew a escolher vira-latas como amigos. E todas as vezes que tinha uma oportunidade, ele corria para o portão da frente e lá sentava para observá-los, pois assim poderiam trocar umas ideias. Mas tenha certeza de que a srta. Lark iria chamá-lo se o descobrisse:

– Andrew, Andrew, venha já para dentro, meu querido! Fique longe desses pavorosos cães vadios!

E é claro que Andrew *tinha* que entrar, ou então a srta. Lark o envergonharia, *trazendo-o* para dentro. E, ruborizado, Andrew apressaria o passo para que seus amigos não a ouvissem chamá-lo de Precioso, de sua Alegria, de seu Docinho de Coco.

O amigo mais especial de Andrew era mais do que um vira-lata, era um figura. Ele era meio Airedale e meio Retriever e a pior metade de ambas. Onde quer que houvesse uma briga de rua pode ter certeza de que ele estava no meio; sempre arranjava encrenca com o Carteiro e com o Guarda, e não tinha nada que amasse mais do que sair por aí cheirando ralos de esgoto e latões de lixo. Na verdade, ele era o assunto da rua

inteira e mais de uma pessoa foi vista feliz, agradecendo por ele não ser *seu* cachorro.

Mas Andrew o amava e permanecia sempre à sua espreita. Algumas vezes eles tinham tempo apenas para trocar uma cheirada no Parque, mas, nas ocasiões mais felizes – embora fossem raras –, eles mantinham longas conversas no portão. De seu amigo, Andrew ouvia todas as fofocas da cidade, e dava para perceber, pelo jeito rude que o outro cão ria ao contá-las, que não eram fofocas nada amáveis.

Então de repente a voz da srta. Lark era ouvida, chamando-o de uma janela, e o outro cão se levantava, punha a língua para a srta. Lark, piscava para Andrew e caía fora, balançando os quadris só para mostrar que não estava *nem* aí.

Andrew, claro, nunca tinha permissão para sair pelo portão, a não ser que fosse para um passeio com a srta. Lark pelo Parque, ou então com uma das faxineiras para ir à manicure fazer os dedos dos pés.

Imagine, portanto, a surpresa de Jane e Michael quando viram, no Parque, Andrew passar sozinho correndo por eles, com as orelhas para trás e a cauda empinada como se estivesse na pista de um tigre.

Mary Poppins parou o carrinho de bebê com um tranco, com receio de que o voo maluco de Andrew incomodasse os Gêmeos. E Jane e Michael gritaram ao vê-lo passar.

– Oi, Andrew! Cadê o seu sobretudo? – berrou Michael, procurando fazer uma voz bem aguda e empolada como a da srta. Lark.

– Andrew, seu garotinho danado! – disse Jane, e sua voz era muito mais parecida com a da srta. Lark; afinal ela era uma garota.

Mas Andrew apenas deu uma olhadela altiva para eles e latiu com força na direção de Mary Poppins.

– Au, au! – Andrew disse várias vezes, muito rapidamente.



– Deixe ver, acho que é na primeira à direita e na segunda casa à esquerda – disse Mary Poppins.

– Au? – perguntou Andrew.

– Não, não tem jardim. Só um quintal. Normalmente o portão fica aberto.

Andrew latiu novamente.

– Não tenho certeza – disse Mary Poppins. – Mas acho que sim. Geralmente vai para casa na hora do chá.

Andrew ergueu novamente a cabeça e disparou a galope.

Os olhos de Jane e de Michael se arregalaram e ficaram do tamanho de um pires, de tanto espanto.

– O que ele disse? – ambos perguntaram ao mesmo tempo quase sem respirar.

– Que está apenas matando tempo! – disse Mary Poppins, e fechou a boca bem fechada para mostrar que não pretendia deixar mais palavras escaparem de dentro dela. John e Barbara gorgolejaram em seu carrinho de bebê.

– Não foi isso! – disse Michael.

– Não *pode* ter sido! – disse Jane.

– Bem, vocês sabem melhor do que eu, claro. Como *sempre* – disse Mary Poppins, com altivez.

– Ele deve ter perguntado onde alguém mora. Tenho certeza de que perguntou isso – começou Michael.

– Bom, se você já sabe por que se dar ao trabalho de me perguntar? – disse Mary Poppins, fungando. – Eu *não sou* um dicionário.

– Oh, Michael – disse Jane –, ela nunca vai nos contar se você continuar falando assim. Mary Poppins, diga o que Andrew contou para você, *por favor*.

– Pergunte *a ele* – disse Mary Poppins, apontando a cabeça desdenhosamente para Michael. – Ele sabe, o senhor Sabichão!

– Oh, não, eu não sei. Juro que não sei, Mary Poppins. Conta, vai.

– Três e meia. Hora do chá – disse Mary Poppins, e deu meia-volta no carrinho de bebê, fechando a boca bem fechada como um alçapão. Não disse mais uma palavra durante todo o trajeto de volta para casa.

Jane ficou para trás com Michael.

– A culpa é sua! – ela disse. – Agora a gente nunca vai saber.

– Não me importo! – disse Michael, e começou a empurrar seu patinete bem rapidamente. – Não quero nem saber.

Mas ele queria muito mesmo saber, de verdade. E bem antes da hora do chá, enquanto ainda voltavam, Jane e todo mundo já tinham percebido.

Quando estavam prestes a atravessar a rua na direção de casa, eles ouviram altos berros vindos da Casa Vizinha, e deram uma olhadela curiosa. As duas empregadas da srta. Lark estavam revirando enlouquecidamente o jardim, fuçando debaixo dos arbustos e em cima das árvores como as pessoas fazem quando perdem suas coisas mais valiosas. E lá estava Robertson Ay, do Número Dezessete, muito ocupado desperdiçando seu tempo enquanto cutucava o cascalho da trilha da srta. Lark com um rastelo, como se esperasse encontrar um tesouro perdido sob as pedrinhas. A srta. Lark em pessoa corria pelo jardim, sacudindo os braços e chamando: "Andrew, Andrew! Oh, ele se perdeu. Meu querido garoto se perdeu! Precisamos avisar a polícia. Preciso falar com o

Primeiro-Ministro. Andrew está perdido! Oh, meu querido! Oh, queridinho!".

– Poxa, pobre senhorita Lark! – disse Jane, apressando-se ao atravessar a rua. Não podia deixar de sentir pena, pois a srta. Lark parecia muito chateada.

Mas foi Michael quem realmente confortou a srta. Lark. Bem na hora em que atravessava o portão do Número Dezessete, ele olhou para a rua e lá viu:

– Olha, lá está o Andrew, senhorita Lark. Veja, lá embaixo, perto da esquina do Almirante Boom!

– Onde, onde? Mostre pra mim! – disse a srta. Lark, sem respirar, procurando na direção apontada por Michael.

E lá estava, com toda a *certeza*, Andrew, caminhando tão lenta e tranquilamente como se nada mais no mundo importasse; e ao lado dele gingava um cachorrão que aparentemente era meio Airedale e meio Retriever, a pior metade de ambos.

– Ai, que alívio! – disse a srta. Lark, soluçando bem alto. – Que peso saiu de minha cabeça!

Mary Poppins e as crianças esperaram na rua, do lado de fora do portão da srta. Lark. A srta. Lark em pessoa e suas duas empregadas se inclinaram por cima da cerca e até Robertson Ay, que descansava do trabalho, ergueu-se com seu rastelo, e todos acompanharam em silêncio o retorno de Andrew.

Ele e seu amigo marcharam vagarosamente em direção ao grupo, abanando alegremente a cauda e mantendo as orelhas bem empinadas, e só pelo olhar de Andrew dava para perceber que, independentemente do que fosse, ele vinha era para negociar.

– Este cão pavoroso! – disse a srta. Lark, olhando para o companheiro de Andrew. – Xô, xô, vá para casa!

Mas o cachorro simplesmente sentou no asfalto e coçou a orelha direita, soltando um bocejo.

– Vá embora! Vá para casa! Xô, já mandei! – disse a srta. Lark, sacudindo os braços com raiva na direção do cachorro.

– E você, Andrew – ela prosseguiu –, venha para dentro neste minuto! Saindo desse jeito, sozinho e sem seu sobretudo. Estou muito chateada com você!

Andrew latiu preguiçosamente, mas não se moveu.

– O que significa isso, Andrew? Venha já para dentro! – disse a srta. Lark.

Andrew latiu de novo.

– Ele está falando – disse Mary Poppins – que não vai entrar.

A srta. Lark se virou e olhou para ela de um jeito arrogante.

– E posso saber como *você* sabe o que o meu cão fala? É claro que ele vai entrar.

Andrew, porém, apenas sacudiu a cabeça e soltou um ou dois grunhidos baixinhos.

– Ele não vai – disse Mary Poppins. – A menos que o amigo dele também entre.

– Esta é muito boa – interrompeu a srta. Lark. – Ele *não pode* ter dito isso. Como se eu pudesse permitir um mestiço enorme e desajeitado como esse do lado de dentro dos meus portões.

Andrew latiu três ou quatro vezes.

– Ele disse que está falando sério – disse Mary Poppins. – E mais: irá viver com o amigo se o amigo não puder viver aqui com ele.

– Oh, Andrew, você não pode fazer isso, mas não mesmo, não depois de tudo o que fiz por você!

A srta. Lark estava quase chorando.

Andrew latiu e deu meia-volta. O outro cão se levantou.

– Oh, ele está falando sério mesmo! – gritou a srta. Lark. – Dá pra ver que sim. Ele está indo embora. – Ela soluçou um instante em seu lenço, então assoou o nariz e disse:

– Muito bem então, Andrew. Eu aceito. Esse... esse vira-lata pode ficar. Com a condição, claro, de que ele durma no porão onde guardamos o carvão.

– Ele *insiste*, senhora, que não vai fazer isso. O amigo dele deverá ter uma almofada de seda igualzinha à dele e também irá dormir no seu

quarto. De outra forma, ele dormirá no porão junto do amigo – disse Mary Poppins.

– Andrew, como pôde? – gemeu a srta. Lark. – Nunca vou aceitar algo assim.

Andrew a olhou como se estivesse se preparando para partir. O outro cão fez a mesma coisa.

– Oh, ele está me abandonando! – berrou a srta. Lark. – Então está bem, Andrew. Vai ser como você deseja. Ele *poderá* dormir no meu quarto. Mas nunca mais serei a mesma, nunca, nunca. Esse vira-lata!

Ela enxugou os olhos úmidos e prosseguiu:

– Nunca esperei isso de você, Andrew. Mas não vou dizer mais nada, não importa o que eu pense. E essa... er... criatura... devo chamá-la de Pixote, Vadinho ou o quê?

Nesse instante, o outro cachorro olhou para a srta. Lark com jeito indignado, e Andrew latiu bem alto.

– Estão dizendo que deve chamá-lo de Willoughby e nada mais – disse Mary Poppins. – Willoughby é o nome dele.

– Willoughby! Mas que nome! Está ficando cada vez pior! – disse a srta. Lark desesperadamente. – O que ele está dizendo agora?

Andrew estava latindo novamente.

– Ele falou que, se voltar, nunca mais vai querer usar sobretudo e ser levado ao cabeleireiro – disse Mary Poppins. – Estas são as últimas palavras dele.

Houve uma pausa.

– Muito bem – disse a srta. Lark. – Mas estou lhe avisando, Andrew, não me culpe se você morrer resfriado!

E depois dessa, deu meia-volta e caminhou altivamente, secando sua última lágrima.

Andrew inclinou a cabeça para Willoughby como se dissesse "Vamos!", e ambos saíram gingando lado a lado pela trilha do jardim, abanando os rabos como dois estandartes e seguindo a senhorita Lark para dentro de casa.

– Viu só como ele não é um almofadinha? – disse Jane, enquanto

subiam as escadas para tomarem chá no quarto das crianças.

– É – concordou Michael. – Mas como você acha que a Mary Poppins sabia?

– Não sei – disse Jane. – E ela nunquinha da silva vai nos contar. Disso eu tenho certeza...

. A vaca dançante

Jane, com a cabeça enrolada pelo lenço de Mary Poppins, estava de cama, com dor de ouvido.

– Qual é a sensação? – quis saber Michael.

– Parece uma salva de tiros na minha cabeça – descreveu Jane.

– De canhão?

– Não, de espingardinha de pressão.

– Vixe – disse Michael. E quase desejou ter dor de ouvido também. Parecia tão excitante.

– Quer que eu lhe conte uma história de um de meus livros? – disse Michael, caminhando em direção à estante.

– Não, eu não conseguiria aguentar – e Jane tapou as orelhas com as mãos.

– Então, que tal eu sentar na janela e lhe contar o que está acontecendo lá fora?

– Sim, faça isso.

Assim, Michael passou a tarde inteira sentado na janela, contando para ela tudo o que acontecia na rua. Algumas vezes o que ele contava era muito chato e outras vezes era muito interessante.

– Lá vai o Almirante Boom! – Michael disse em determinado momento. – Ele saiu pelo seu portão e está descendo a rua todo apressado. Lá vem ele. Seu nariz está mais vermelho do que nunca e ele está usando um quepe. Agora está passando pela Casa Vizinha...

– Ele está dizendo "Pelas barbas do profeta!"? – perguntou Jane.

– Não consigo ouvir. Acho que sim. A segunda empregada da senhorita Lark está no jardim. E Robertson Ay está no *nosso* jardim, varrendo folhas e olhando para ela por cima da cerca. Agora ele está

sentado, descansando.

– Ele tem o coração fraco.

– Como você sabe?

– Ele me contou. Ele disse que o médico falou que ele deve trabalhar o mínimo possível. E eu escutei papai falar que se Robertson Ay fizer o que o médico mandar ele vai despedi-lo. Ai, que *bangue-bangue*! – disse Jane, tapando novamente as orelhas.

– Caramba! – disse Michael, animadíssimo, da janela.

– O que foi? – gritou Jane, sentando. – Conta, vai.

– Uma coisa muito extraordinária. Tem uma vaca lá na rua – disse Michael, pulando para cima e para baixo apoiado no parapeito da janela.

– Uma vaca? Uma vaca de verdade bem no meio da cidade? Que divertido! Mary Poppins! – disse Jane. – O Michael disse que tem uma vaca lá na rua!

– Tem, sim, e está caminhando bem devagarinho, colocando a cabeça em cada portão e olhando como se tivesse perdido alguma coisa.

– Eu queria *tanto* vê-la... – disse Jane, meio triste.

– Veja! – disse Michael, apontando para baixo enquanto Mary Poppins se aproximava da janela. – Uma vaca. Não é engraçado?

Mary Poppins deu uma espiadela rápida na rua. Ela comentou, surpresa:

– Claro que não é – ela disse, virando-se para Jane e Michael. – Não é engraçado de jeito nenhum. Eu conheço aquela vaca. Ela era uma grande amiga da minha Mãe e eu agradeceria se falassem educadamente a seu respeito.

Ela alisou seu avental e olhou para os dois com ar muito sério.

– Você a conhece faz muito tempo? – perguntou Michael gentilmente, com a esperança de que, sendo educado, escutasse um pouco mais sobre a vaca.

– Desde que ela viu o Rei.

– E quando foi isso? – perguntou Jane, com voz suave e encorajadora.

Mary Poppins olhou para o vazio, seus olhos fixos em algo que eles não podiam ver. Jane e Michael prenderam a respiração, aguardando.

– Foi há muito tempo – disse Mary Poppins, com sua voz de contar histórias. Ela fez uma pausa, como se lembrasse de eventos acontecidos centenas de anos antes daquele tempo. Então prosseguiu, sonhadora, ainda olhando para o meio do quarto mas sem nada ver.

A Vaca Vermelha – esse era o nome pelo qual era conhecida. Também era muito importante e próspera (assim minha Mãe dizia). Ela vivia no melhor pasto de todo o distrito – um pasto enorme e repleto de ranúnculos do tamanho de pratos e dentes-de-leão enfileirados feito soldadinhos. Cada vez que ela arrancava a cabeça de um soldado, nascia outro no lugar com um casaco militar verde e seu barrete amarelo.

Ela sempre viveu lá – ela contou para minha Mãe que não podia se lembrar de ter vivido em outra campina. Seu mundo era delimitado pelas sebes verdejantes e pelo céu e ela não sabia de nada que ficasse além dali.

A Vaca Vermelha era muito respeitável, sempre se comportava como uma perfeita dama e sabia colocar os pingos nos is. Para ela, as coisas eram pretas ou brancas – não havia meio-termo. Dentes-de-leão eram doces ou amargos – lá nunca houve nem sequer alguns que fossem moderadamente bons.

Ela levava uma vida muito ocupada. Investia suas manhãs em dar lições à sua filha, a Bezerra Vermelha, e de tarde ensinava regras de etiqueta à pequena, e como mugir e todas as coisas que uma bezerra muito bem-educada deve saber. Então elas ceavam, e a Vaca Vermelha mostrava à Bezerra Vermelha como diferenciar uma boa folha de grama de uma ruim; e quando sua criança dormia à noite, ela seguia até um canto do pasto e ruminava e meditava seus pensamentos silenciosos.

Todos os seus dias eram exatamente iguais. Uma Bezerra Vermelha crescia e ia embora e outra vinha em seu lugar. E era natural que a Vaca Vermelha imaginasse que a vida dela seria sempre a mesma – na verdade, sentia que não podia pedir nada além disso, que todos os seus dias fossem iguais até que ela chegasse ao fim deles.

Mas a cada momento em que pensava nisso, a aventura, como ela depois contou para minha Mãe, perseguia os seus cascos. E certa noite a encontrou, quando as estrelas pareciam dentes-de-leão no céu e a Lua, uma grande margarida entre as estrelas.

Naquela noite, muito depois de a Bezerra Vermelha ter adormecido, a Vaca Vermelha se ergueu abruptamente e começou a dançar. Ela dançou loucamente de um jeito muito lindo e num ritmo perfeito, embora não tivesse nenhuma música para acompanhar. Às vezes era uma polca, outras uma dança montanhesa da Escócia e de vez em quando uma dança que inventou da própria cabeça. E entre essas danças, ela fazia mesuras e arcos arrebatadores e batia sua cabeça contra os dentes-de-leão.

– Pobre de mim! – disse a Vaca Vermelha para si mesma enquanto embarcava numa melodia de marujo. – Que coisa mais extraordinária! Sempre considerei inapropriado dançar, mas deixei isso para lá desde que me tornei dançarina. Pois sou uma vaca-modelo.

E continuou a dançar, e a gostar de si mesma. Contudo, finalmente ela se sentiu cansada e decidiu que já dançara o suficiente e que iria dormir. Mas, para sua grande surpresa, percebeu que não podia parar de dançar. Quando se deitou ao lado da Bezerra Vermelha, suas pernas não lhe obedeceram. Saíram saltitando e dando pinotes e, claro, carregando-a. E deu voltas e voltas na campina, pulando e valsando e sapateando nas pontas dos pés.

– Pobre de mim! – ela murmurava de quando em quando com pronúncia de madame. – Que inusitado!

Mas não conseguia parar.

De manhã ela ainda estava dançando e a Bezerra Vermelha teve que tomar seu café da manhã de dentes-de-leão sozinha, pois a Vaca Vermelha não conseguia ficar parada para comer.

Durante o dia inteiro ela dançou, para cima e para baixo pelos prados, e dando voltas neles, com a Bezerra Vermelha mugindo copiosamente atrás dela. Quando a segunda noite chegou, e ela ainda dançava sem parar, começou a ficar preocupada de verdade. E ao final de uma semana assim, já estava quase maluca.

– Para resolver isto, preciso ir ver o Rei – decidiu-se, assentindo com a cabeça.

Daí beijou sua Bezerra Vermelha e pediu que ela se comportasse. Então deu meia-volta e saiu dançando pela pradaria para ir falar com o Rei.

Ela dançou todo o caminho, arrebatando um bocadinho da comida verdejante nas cercas enquanto prosseguia, e cada olhar que a via se estatelava de espanto. Mas ninguém estava mais espantado do que a própria Vaca Vermelha.



Enfim ela chegou ao Palácio onde o Rei vivia. Ela puxou a corda do sino com a boca, e quando a ponte abriu, dançou através dela e ao longo das trilhas do jardim até chegar ao lance de escadas que conduzia ao trono real.

O Rei estava sentado nele, muito ocupado, estabelecendo um novo conjunto de leis. O secretário as anotava em um caderninho vermelho, uma a uma, enquanto o Rei as ditava. Havia Cortesãos e Damas de

Companhia por todos os lados, todos vestidos com capricho e falando ao mesmo tempo.

– Quantas eu fiz hoje? – perguntou o Rei, virando-se para o secretário. O secretário contou as leis que anotara no caderninho vermelho.

– Setenta e duas, Vossa Majestade – ele disse, se curvando e tomando cuidado para não tropeçar em sua caneta bico de pena, que era enorme.

– Humm. Nada mau para uma hora de trabalho – disse o Rei, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. – Por hoje é só.

Ele se levantou e arrumou com satisfação seu manto de arminho, típico de reis.

– Chame a carruagem. Preciso ir ao Barbeiro – disse, majestosamente.

Foi então que notou a Vaca Vermelha se aproximando. Ele se sentou de novo e tomou seu cetro.

– O que temos aqui, hein? – ele perguntou, enquanto a Vaca Vermelha dançava até o pé dos degraus da escada.

– Uma vaca, Vossa Majestade! – ela respondeu com simplicidade.

– *Isso* eu posso ver – disse o Rei. – Minhas vistas ainda funcionam. Mas o que você quer? Seja breve, pois tenho hora marcada no Barbeiro às dez.

Ele não vai me esperar muito além disso e eu preciso cortar o cabelo.

E pela Santa Paciência, pare de rebolar para lá e para cá desse jeito! –e acrescentou irritado – ... isso me deixa tonto!

– Me deixa tonto! – ecoaram todos os Cortesãos, a encarando.

– Este é o meu problema, Vossa Majestade. Eu *não posso* parar! – lamentou-se a Vaca Vermelha.

– Não pode parar? Que besteira! – disse o Rei, com fúria. – Pare *de uma vez*! Eu, o Rei, vos ordeno!

– Pare de uma vez! O Rei vos ordena! – gritaram todos os Cortesãos.

A Vaca Vermelha fez um grande esforço. Ela tentou parar de dançar com tanta vontade que cada músculo e cada costela se levantaram, fazendo cordilheiras por cima dela. Mas de nada adiantou. Ela apenas continuou a dançar aos pés da escada do Rei.

– Eu *tentei*, Vossa Majestade. E não consegui. Já estou dançando há sete dias sem parar. E não tenho dormido. E comido muito pouco. Uma ou

duas beliscadinhas na espinheira e nada além disso. Por isso vim pedir o vosso conselho.

– Humm, muito curioso... – disse o Rei, empurrando a coroa para o lado e coçando a cabeça.

– Muito curioso... – disseram os Cortesãos, também coçando a cabeça.

– E qual é a sensação? – perguntou o Rei.

– É divertido. E ainda por cima – disse a Vaca Vermelha, fazendo uma pausa para escolher as palavras –, é também bastante agradável. Como se risadas corressem de cima para baixo dentro de mim.

– *Extraordinário* – disse o Rei, apoiando o queixo na mão e observando a Vaca Vermelha, enquanto pensava qual era a melhor coisa a fazer.

De repente, ele deu um pulo e ficou em pé.

– Minha nossa!

– Que foi? – gritaram os Cortesãos.

– Ué, vocês não percebem? – perguntou o Rei, tão animado que largou o cetro. – Como pude ter sido tão idiota de não perceber antes? E que bando de idiotas *vocês* são!

Ele se virou para os Cortesãos, com raiva: – Não perceberam que tem uma estrela cadente presa no chifre dela?

– É mesmo! – gritaram os Cortesãos, ao notarem a estrela pela primeira vez. E ao olharem, parecia que a estrela ficava mais brilhante.

– É isso o que está errado! – disse o Rei. – Agora, Cortesãos, tirem isso daí para que esta... *err*... senhorita pare de dançar e vá tomar seu café da manhã. Trata-se da estrela, senhora, é isso o que a faz dançar – ele disse à Vaca Vermelha. – Ei, você aí, mexa-se!

E gesticulou ao Chefe dos Cortesãos, que se postou espertamente diante da Vaca Vermelha e começou a puxar a estrela com toda a força. Mas a estrela não queria sair. Um a um, todos os Cortesãos se juntaram ao Chefe, até formarem uma longa corrente, cada qual puxando o homem diante de si pela cintura, e um cabo de guerra se formou entre os Cortesãos e a estrela.

– Cuidado com minha cabeça!

– Puxem com mais força! – rugiu o Rei.

Eles puxaram com mais força. Puxaram até seus rostos ficarem vermelhos feito framboesas. Eles puxaram até não poderem mais e todos caírem um em cima do outro. A estrela nem se mexeu. Continuou presa ao chifre com muita firmeza.

– Tsc, tsc, tsc! – disse o rei. – Secretário, dê uma olhadinha aí na enciclopédia o que diz sobre vacas com estrelas nos chifres.

O Secretário se ajoelhou e começou a rastejar debaixo do trono. Logo emergiu de volta, arrastando um grande livro verde que era sempre mantido ali para o caso de o Rei querer saber alguma coisa.

O Secretário revirou as páginas.

– Não há nada sobre o assunto, Vossa Majestade, exceto a história da Vaca que Pulou por Cima da Lua, mas essa o senhor já conhece.

O Rei esfregou o queixo, pois isso o ajudava a pensar.

Ele suspirou meio irritado e olhou para a Vaca Vermelha.

– Tudo o que posso dizer é que seria melhor *você* também tentar fazer isso.

– Tentar fazer o quê? – disse a Vaca Vermelha.

– Pular por cima da Lua. Deve dar em alguma coisa. De qualquer modo, vale a pena tentar.

– Eu? – disse a Vaca Vermelha com um olhar indignado.

– Sim, você. Quem mais? – disse o Rei, impaciente. Ele estava ansioso para ir ao Barbeiro.

– Senhor – disse a Vaca Vermelha–, peço-lhe que se lembre de que sou um animal muito respeitável e decente e que aprendi desde a infância que pular não é coisa que uma dama faça.

O Rei se ergueu e chacoalhou seu cetro na direção dela.

– Senhora – ele disse –, você veio aqui atrás de um conselho meu e acabei de dá-lo. Você quer continuar dançando para sempre? Você quer passar fome para sempre? Você quer continuar sem dormir para sempre?

A Vaca Vermelha pensou no suculento gosto doce dos dentes-de-leão. Ela pensou na grama do pasto e em como era macia de se deitar. Ela pensou em suas esgotadas pernas saltitantes e em como seria bom poder descansá-las. E disse a si mesma: “Talvez só uma vez não faça mal – e

ninguém além do Rei precisa saber".

– Será que é muito alto? – ela gritou, enquanto dançava.

O Rei olhou para a Lua lá em cima.

– Pelo menos um quilômetro e meio, acredito.

A Vaca Vermelha concordou. E também pensou sobre o assunto. Refletiu por um momento, então se decidiu.

– Nunca pensei que chegaria a tanto, Vossa Majestade. Pular, e por cima da Lua! Mas eu vou tentar – e fez uma graciosa reverência em frente ao trono.

– Muito bem – disse o Rei, satisfeito, percebendo que depois de tudo aquilo não chegaria atrasado ao Barbeiro. – Siga-me!

Ele enveredou pelo caminho até o jardim, e a Vaca Vermelha e os Cortesãos foram atrás dele.

– Agora – disse o Rei, ao atingir o espaçoso gramado –, pule quando eu apitar!

Ele retirou um grande apito dourado do bolso de seu colete e assoprou para se certificar de que não havia poeira dentro dele.

A Vaca Vermelha dançava, prestando atenção.

– Agora – disse o Rei. – Um! Dois! Três!

Então apitou.

A Vaca Vermelha, prendendo a respiração, deu um pulo enorme, gigantesco, e a terra balançou debaixo dela. Ela podia ver lá embaixo as silhuetas do Rei e dos Cortesãos ficando cada vez menores, até desaparecerem. Disparando acima, através do céu, com as estrelas girando ao redor dela como grandes baixelas douradas, logo a Vaca Vermelha sentiu, acima de si, a luz cegante e os raios frios da Lua. Fechou os olhos ao ultrapassá-la, e conforme o brilho deslumbrante ficou para trás, jogou a cabeça em direção à Terra e sentiu a estrela cadente deslizando pelo seu chifre. Fazendo um barulhão, a estrela se soltou de vez e saiu rolando pelo céu. E pareceu à Vaca que, ao desaparecer dentro da grande escuridão, acordes musicais saíram da estrela e ecoaram através do espaço.

No minuto seguinte, a Vaca Vermelha já pousara novamente na Terra.

Para sua grande surpresa, ela percebeu que não estava no jardim do Rei, e sim na sua própria campina de dente-de-leão.



E ela tinha parado de dançar! Seus pés estavam tão imóveis como se tivessem sido feitos de pedra, e ela caminhava tão vagarosamente quanto qualquer outra respeitável vaca. Quieta e serenamente, ela se moveu através da campina, decapitando seus soldadinhos dourados enquanto seguia para cumprimentar a Bezerra Vermelha.

– Estou tão feliz que você voltou! – disse a Bezerra Vermelha. – Eu

estava *tão* sozinha...

A Vaca Vermelha a beijou e se sentou para ruminar o pasto. Era sua primeira refeição de verdade em uma semana. E até sua fome ser satisfeita, teve que comer várias vezes. Depois disso sentiu-se melhor e logo começou a viver sua vida do mesmo jeito que era antes.

Primeiro, ela apreciou bastante sua rotina tranquila, e ficou feliz por poder comer seu café da manhã sem ter que dançar, e também de poder se deitar na grama e dormir de noite em vez de ficar reverenciando a Lua até de manhã.

Mas, depois de um tempo, ela passou a se sentir desconfortável e insatisfeita. Estava tudo muito bem com sua campina de dentes-de-leão e com a Bezerra Vermelha, mas ela queria algo mais e não podia imaginar o que podia ser. E, afinal, percebeu que sentia falta da estrela.

Ela tinha se acostumado a dançar, e também à alegria que a estrela lhe dera, e gostaria de novamente dançar a melodia do marujo e ter a estrela em seu chifre.

Ficou aflita, perdeu o apetite, seu humor se tornou atroz. E com frequência caía no choro sem nenhuma razão aparente. Por fim, procurou minha Mãe, contou-lhe toda a história e pediu o conselho dela.

– Diacho, minha querida! – minha Mãe disse a ela. – Você não acredita que apenas uma estrela tenha caído do céu, não é? Bilhões caem todas as noites, estou lhe dizendo. Mas elas caem em lugares diferentes, claro. Não espere que duas estrelas caiam na mesma campina no tempo inteiro de uma vida.

– Então você acha... que se eu me mudasse?... – a Vaca Vermelha começou, com um olhar ansioso e feliz.

– Se fosse comigo – minha Mãe falou –, eu iria procurar por uma.

– Eu vou – disse a Vaca Vermelha, feliz da vida. – Mas vou mesmo.

Mary Poppins fez uma pausa.

– E é por isso, imagino, que ela esteja vagando pela Cherry Tree Lane – interrompeu Jane, com gentileza.

– Sim – sussurrou Michael –, ela está procurando a estrela.

Mary Poppins se sentou bruscamente. O olhar perdido desaparecera de seus olhos e a tranquilidade, de seu corpo.

– E o senhor, desça já dessa janela! – ela disse, zangada. – Vou apagar as luzes. – E caminhou rapidamente em direção ao interruptor.

– Michael! – cochichou Jane com muito cuidado. – Dê só uma olhadinha para ver se a vaca continua lá.

Com pressa, Michael lançou uma espiadela através do anoitecer crescente.

– Rápido! Mary Poppins vai voltar em um minuto. Você consegue enxergar a vaca?

– Nãooo – disse Michael, olhando para fora. – Nenhum sinal. Ela foi embora.

– Espero que ela encontre a estrela! – disse Jane, imaginando a Vaca Vermelha atravessando o mundo à procura de uma estrela para espetar em seu chifre.

– Eu também – disse Michael, que, ao ouvir os passos de Mary Poppins voltando, fechou com rapidez a cortina...

. Uma terça-feira ruim

Não foi muito depois disso que Michael acordou certa manhã com uma sensação esquisita dentro de si. Ele soube, no momento em que abriu os olhos, que alguma coisa estava errada, mas não tinha muita certeza do que era.

– Que dia é hoje, Mary Poppins? – ele perguntou, afastando as roupas de cama para bem longe.

– Terça-feira. Está na hora de tomar banho. Rápido! – ela completou, já que ele não fazia nenhum esforço para se mexer. Ele se virou, enfiando a cabeça debaixo dos lençóis, enquanto a sensação esquisita aumentava.

– O que foi que eu disse? – falou Mary Poppins naquela voz gélida que era sempre um aviso.

Agora Michael sabia o que estava lhe acontecendo. Ele sabia que estava prestes a ser malcriado.

– Não vou – ele disse devagarinho, sua voz abafada pelo cobertor. Mary Poppins arrancou os lençóis do menino e olhou para ele.

– NÃO VOU.

Ele aguardou, imaginando o que ela faria, e ficou surpreso quando, sem uma única palavra, ela entrou no banheiro e abriu a torneira. Ele apanhou a toalha e entrou vagarosamente, e esperou que ela saísse do banheiro. E pela primeiríssima vez em sua vida, Michael tomou banho sozinho. Logo percebeu que depois disso estaria lascado, e, de propósito, não lavou atrás das orelhas.

– Já posso sair de debaixo d'água? – perguntou com a voz mais rude que pôde encontrar.

Não houve resposta.

– Ih, não estou nem aí! – disse Michael, e o peso fervente que estava

dentro dele inchou, ficando cada vez maior. – *Não* estou nem aí!

Então ele se vestiu, colocando suas melhores roupas, que eram apenas para os domingos. E depois disso, desceu as escadas chutando os balaústres com os pés – algo que sabia que não deveria fazer, pois acordaria todos na casa. Ainda na escadaria, cruzou com Ellen, a arrumadeira, e ao passar esbarrou no jarro de água quente que ela segurava.

– Ora, mas você é *bem* desastrado! – disse Ellen, enquanto se abaixava para enxugar a água. – Isto aqui era para o seu Pai se barbear.

– Fiz por querer – disse Michael, calmamente.

O rosto vermelho de Ellen ficou branco de surpresa.

– *Por querer*? Você fez *por querer*... ora, então você não passa de um garoto muito rude e malvado, e vou contar para sua Mãe, ora se vou...

– Pode contar – e pulou os degraus.

Bem, isso foi só o começo. Ao longo do dia nada deu certo com ele. O peso fervente em seu interior fez com que bolasse as coisas mais horrorosas, e assim que as executava se sentia extraordinariamente satisfeito e feliz, e no mesmo instante já planejava a seguinte.

Na cozinha, a sra. Brill, a cozinheira, fazia biscoitos.

– Não, patrão Michael. O senhor *não pode* raspar a tigela. Ainda não está vazia.

E de repente ele ergueu o pé e chutou a canela da sra. Brill com toda a força, fazendo com que ela largasse o rolo de abrir a massa e gritasse bem alto.

– Você chutou a senhora Brill? A gentil senhora Brill? Estou com vergonha de você! – a Mãe dele disse alguns minutos depois de a sra. Brill contar a história completa. – Você vai pedir desculpas para ela agora. Peça desculpas, Michael!

– Mas eu não tenho culpa nenhuma! Estou contente. As pernas dela são gordas demais! – e antes que pudessem pegá-lo, disparou pela escada e desapareceu no jardim. Lá, trombou de propósito com Robertson Ay, que ressonava em cima da melhor rocha escondida entre as plantas, e Robertson Ay ficou pra lá de bravo.

– Vou contar pro seu Pai! – ameaçou.

– E eu vou contar pra ele que você não engraxou os sapatos hoje de manhã! – disse Michael, que se impressionou consigo mesmo. Era costume dele e de Jane sempre protegerem Robertson Ay, pois o amavam e não queriam perdê-lo.

Mas não ficou impressionado por muito tempo, já que precisava imaginar aquilo que faria em seguida. E não demorou muito a pensar em alguma outra coisa.

Através das grades da cerca ele podia ver o Andrew da srta. Lark cafungando graciosamente o gramado da Casa Vizinha, e escolhendo a melhor folhinha de grama para si. Chamou Andrew com jeitinho e lhe ofereceu um biscoito, que tirou do bolso. Enquanto Andrew mastigava, amarrou o rabo dele na cerca com um pedaço de corda. Depois fugiu, ainda com a estridente voz de chateação da srta. Lark zoando nos ouvidos, e seu corpo quase explodiu de excitação devido ao peso que carregava dentro de si.

A porta do escritório de seu Pai ainda estava aberta, pois Ellen acabara de espanar os livros. Então Michael fez uma coisa proibida. Entrou, sentou-se na escrivaninha do Pai e, com a caneta dele, começou a rabiscar o mata-borrão. De repente, seu ombro esbarrou no tinteiro, derrubando-o, e a cadeira e a mesa e sua melhor roupa ficaram com grandes manchas de tinta azul. Aquilo era terrível, e o medo do que poderia lhe acontecer deixou Michael agitado. Mas, a despeito disso, não se importava – ele não se arrependia nem um pouco.

– Este moleque deve estar doente – disse a sra. Banks quando Ellen, após retornar subitamente ao escritório e pegá-lo no flagra, relatou a ela a última aventura do menino. – Michael, você precisa tomar um pouco do xarope de figo.

– Eu não estou doente! – disse Michael com rudeza. – Estou mais saudável que você!

– Então você só é malcriado – disse a Mãe dele. – E merece ser castigado.

E é claro que, cinco minutos depois, Michael se viu em pé, com suas roupas manchadas, encarando a parede de um dos cantos de seu quarto.

Jane tentou conversar com ele nos momentos em que Mary Poppins não olhava, mas Michael não respondeu e, além disso, mostrou a língua para ela. Quando John e Barbara engatinharam pelo chão e se penduraram em seus sapatos, gorgolejando para ele, apenas os empurrou para longe. E, durante todo aquele tempo, ele curtiu a própria malvadeza, que o abraçava como se fosse a um amigo, e não se importou nem um pouco com nada.

– Eu *odeio* ser bonzinho – ele disse bem alto para si mesmo, enquanto tardava em seguir Mary Poppins, Jane e o carrinho de bebê na caminhada vespertina até o Parque.

– Não demore – disse Mary Poppins, olhando de relance para ele.

Mas Michael continuou enrolando e começou a esfregar as laterais dos sapatos no calçamento, para ver se arranhava o couro.

Então, de repente, Mary Poppins se virou e o encarou, enquanto guiava o carrinho de bebê com apenas uma das mãos.

– Você – ela começou – saiu da cama do lado errado hoje de manhã.

– Não saí! Não existe lado errado na minha cama!

– Toda cama tem um lado certo e um lado errado – disse Mary Poppins, empertigada.

– A minha, não. Está encostada na parede.

– Não importa. Não deixa de ser um lado – zombou Mary Poppins.

– Ora, o lado esquerdo é o lado errado e o lado direito é o certo? Porque eu saí pelo lado direito, então como pode ser o errado?

– Hoje de manhã ambos os lados eram errados, senhor Espertinho!

– Mas se havia apenas um, e saí do lado direito... – ele argumentou.

– Mais uma palavrinha sua... – cortou Mary Poppins, e ela falou de um jeito tão ameaçador que Michael até ficou ligeiramente nervoso. – Mais uma palavrinha e eu...

Ela não disse o que faria, mas ele acelerou o passo.

– Comporte-se, Michael – disse Jane, sussurrando.

– Cala a boca – ele disse, mas tão baixinho que Mary Poppins não pôde ouvi-lo.

– Agora, senhor – disse Mary Poppins –, vá na minha frente, por favor. Não quero mais você se comportando mal lá atrás. Você me obriga a passá-lo adiante – ela o colocou diante de si e prosseguiu: – E tem uma coisa brilhante no caminho bem ali. Agradeço se a pegar e a trouxer para mim. Alguém deve ter deixado cair uma tiara, ou algo assim.

Contra sua vontade, mas também porque não ousaria desobedecer, Michael olhou na direção para a qual Mary Poppins apontava. Sim: *havia* algo brilhando na trilha. Daquela distância parecia bastante interessante, e seus raios reluzentes eram convidativos. Michael seguiu adiante, meio fanfarrão, caminhando o mais devagar possível e fingindo que não queria dar uma olhada no que era.

Ele chegou ao ponto e, ao parar, pegou a coisa brilhante. Era um tipo de caixa pequena e arredondada, com uma tampa de vidro e uma seta assinalada em cima dela. No interior, havia um disco circular que parecia ficar encoberto por letras conforme Michael balançava suavemente a caixa.

Jane correu e se dependurou nos ombros do irmão.

– O que é isso, Michael?

– Não vou contar – disse Michael, embora ele mesmo não soubesse.

– Mary Poppins, o que é isso? – perguntou Jane, enquanto o carrinho de bebê estacionava ao lado deles. Mary Poppins pegou a caixinha da mão do Michael.

– É minha – ele disse, com ciúme.

– Não, é minha – disse Mary Poppins. – Eu a vi primeiro.

– Mas eu que peguei – ele tentou tirá-la da mão de Mary, mas ela lhe lançou um olhar tal que a mão do menino voltou para o lugar.

Ela balançou a caixa arredondada para trás e para a frente, e dentro da caixa o disco e as letras correram enlouquecidamente sob a luz do Sol.

– Para que serve isso? – perguntou Jane.

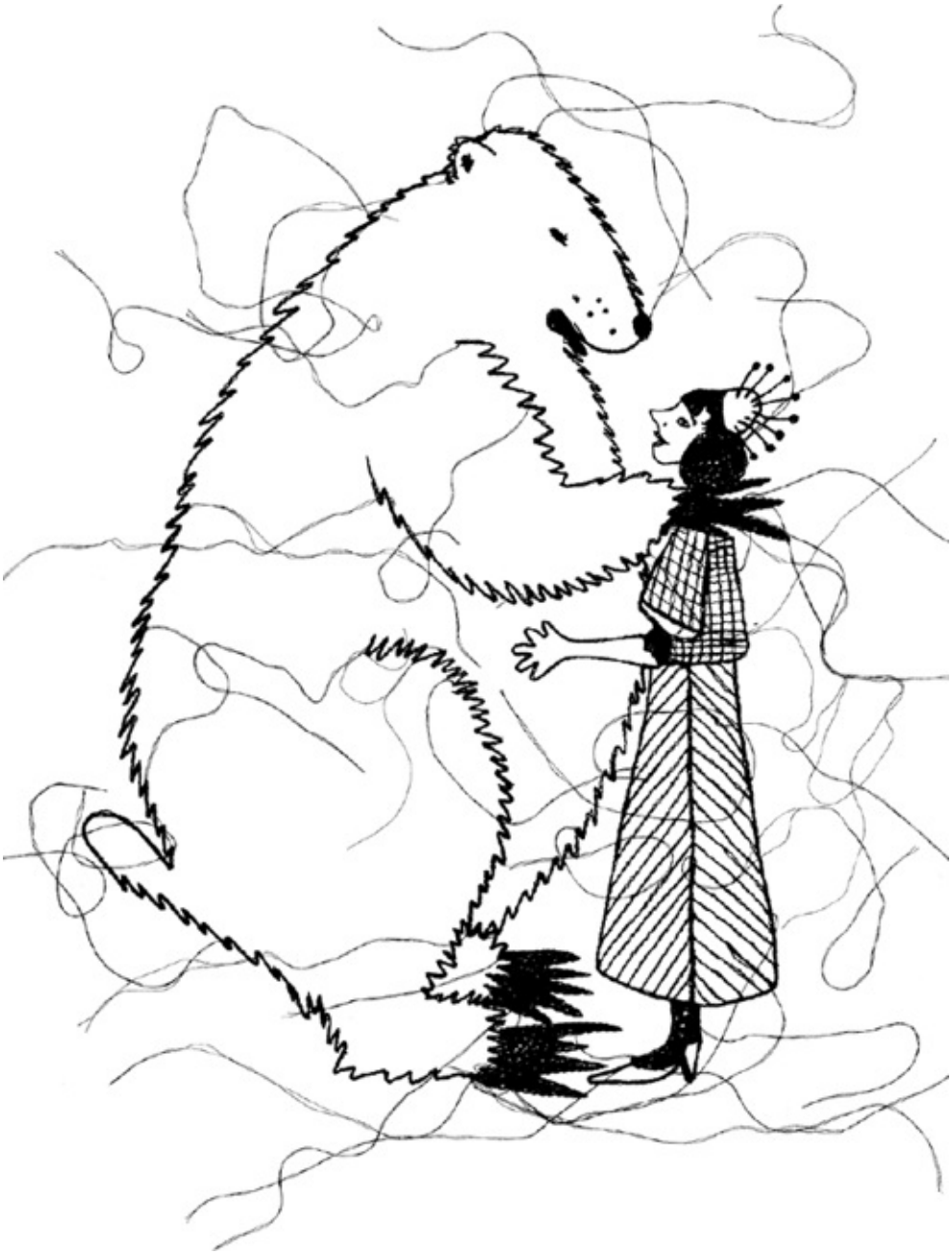
– Para dar a volta ao mundo.

– Bah! A gente dá a volta ao mundo em um navio, ou em um avião. Isso é *óbvio*. Essa coisinha aí da caixa não leva a gente pra dar a volta ao mundo.

– Ah, mas é claro que leva. Você duvida? – disse Mary Poppins, com aquela expressão engraçada de eu-sei-melhor-do-que-você. – Pois dê só uma olhada!

E segurando a bússola na mão ela se virou para a entrada do Parque e disse a palavra “Norte!”.

As letras giraram ao redor da seta, rodando vertiginosamente. De repente, o ar começou a ficar muito frio, e o vento ficou tão gelado que Jane e Michael fecharam os olhos. Quando abriram, o Parque desaparecera por completo – não restara nenhuma árvore, banco pintado de verde ou trilha asfaltada à vista. Em vez disso, estavam cercados por grandes rochedos de gelo e debaixo de seus pés o chão estava recoberto por uma fina camada de neve.



– Uau! – gritou Jane, tiritando de frio e de surpresa, e se apressou a cobrir os Gêmeos no carrinho com a manta. – O que *aconteceu* com a gente?

Mary Poppins deu uma fungadela. Mas não teve tempo para responder pois naquele momento uma cabeça peluda e branca apontou por detrás de um pedregulho, com cautela. De lá surgiu um Urso-Polar enorme que, erguido nas duas pernas traseiras, se aproximou para

abraçar Mary Poppins.

– Temia que fossem caçadores. Sejam bem-vindos ao Polo Norte, todos vocês.

Ele esticou uma longa língua cor-de-rosa para fora, áspera e morna como uma toalha de banho, e gentilmente lambeu as bochechas das crianças.

Elas tremeram. Será que Ursos-Polares comem crianças?, se perguntaram.

– Vocês estão tremendo! – disse o Urso, com delicadeza. – É porque precisam comer algo. Sintam-se à vontade neste meu *iceberg* – ele apontou para um bloco de gelo com a pata. – Agora me digam, o que gostariam de comer? Bacalhau? Camarões? Só alguma coisinha, para distrair os dentes.

– Receio que não possamos ficar – interrompeu Mary Poppins. – Nós estamos dando a volta ao mundo.

– Ora, deixe-me fazer um lanchinho para vocês. Não vai levar mais do que um segundo.

Ele pulou na água verde azulada e voltou com um arenque.

– Queria muito que vocês ficassem para batermos papo – ele pôs o peixe na mão de Mary Poppins. – Ando sentindo falta de uma fofoca.

– Quem sabe da próxima vez. E obrigada pelo peixe.

"Sul!", Mary disse para a bússola.

Jane e Michael acharam que o mundo estava girando. Sentiram o ar se tornar mais suave e morno, e notaram que foram parar em uma selva frondosa de onde vinham grasnidos estridentes.

– Bem-vindos! – guinchou uma Arara-Azul, empoleirada em um galho com as asas abertas. – Você é a pessoa de que precisávamos, Mary Poppins. Minha mulher está zanzando por aí e sobrou para mim chocar os ovos.

Seja uma boa garota e reveze comigo. Preciso de um descanso.

Ele ergueu a asa pontuda com cuidado, mostrando o ninho com dois ovos brancos.

– Ih, viemos só de passagem. Estamos dando nossa volta ao mundo.

– Mãe do céu, que jornada! Ora, fique um instante, assim posso tirar uma soneca. Se você pode cuidar dessas criaturas aí – ele acenou para as crianças –, também pode manter dois ovinhos aquecidos. Faça isso, Mary Poppins! E lhe darei algumas bananas para você levar no lugar desse peixe que ainda se contorce.

– Foi um presente.

– Ora, ora, fique com ele se quiser. Mas que insensatez sair vadiando ao redor do mundo se poderia ficar aqui chocando nossos filhotes. Por que devemos desperdiçar *nosso* tempo fazendo isso se você também pode fazer tão bem quanto nós?

– Melhor, você quer dizer! – fungou Mary Poppins.

Então, para a decepção de Jane e Michael – eles certamente teriam apreciado degustar algumas frutas tropicais –, Mary Poppins sacudiu a cabeça, convicta, e disse: "Leste!".

De novo, o mundo saiu girando ao redor deles – ou eram eles que giravam ao redor do mundo? Daí, repentinamente, parou.

Eles se viram em uma clareira gramada, cercada por bambuzais. Folhas verdes parecidas com papel farfalhavam na brisa. E acima daquele sibilar eles podiam ouvir um som ritmado – seria um ronco, ou um ronronado?

Observando em volta, eles se depararam com uma grande forma peluda – preta com manchas brancas, ou seria branca com manchas pretas? Não dava para ter certeza.

Jane e Michael olharam um para o outro. Seria um sonho do qual iriam despertar? Ou estavam realmente vendo, entre tantas outras coisas, um Panda?! E um Panda em sua própria casa, e não detrás das grades de um zoológico.

O sonho, se é que era um sonho, deu um longo suspiro.

– Seja quem for, por favor vá embora. Costumo dormir à tarde.

A voz soava tão peluda quanto todo o resto.

– Muito bem, então vamos *embora*. Mas talvez – a voz de Mary Poppins soou muito cheia de si – você se arrependa de não nos ver.

O Panda abriu um olho preto.

– Ah, é você, minha querida – ele disse, meio sonolento. – Por que não avisou que viria? Por mais difícil que seja, por *você* eu ficaria acordado.

A forma peluda bocejou e se esticou toda.

– Ora, vou precisar fazer uma casa para vocês. Não tem espaço suficiente no meu quarto – ele apontou para o abrigo que fizera com folhas e varas de bambu. E acrescentou, de olho no arenque. – E não vou permitir essa coisa-do-mar-cheia-de-escamas debaixo do meu teto. Comigo peixe é assim: ame-o ou deixe-o.

– Não vamos ficar – Mary Poppins o tranquilizou. – Estamos fazendo uma viagem ao redor do mundo e paramos só por um instante.

– Que disparate! – o Panda deu um bocejo enorme. – Viajar ao redor do mundo enquanto podiam ficar aqui comigo. Deixa para lá, minha querida Mary, você sempre faz o que lhe dá na veneta, por mais tolo e absurdo que pareça. Colha alguns brotos de bambu. Vão alimentar vocês até chegarem em casa. E vocês dois aí – ele piscou para Jane e Michael –, cocem gentilmente atrás das minhas orelhas. Isso sempre me faz dormir.

Ansiosos, os dois se sentaram atrás dele e acariciaram sua pele sedosa. Nunca mais – disso tinham certeza – teriam outra chance de acariciar um Panda.

A forma peluda se acomodou e, enquanto era acariciada, o ronco – ou ronronado – restabeleceu seu ritmo.

– Ele adormeceu – disse suavemente Mary Poppins. – Não vamos acordá-lo de novo.

Ela chamou as crianças, e conforme elas se aproximaram na ponta dos pés, girou sua mão, como se ela fosse de mola. E a bússola pelo jeito compreendeu, pois voltou a rodar.

Colinas e lagos, montanhas e florestas valsaram ao redor deles ao som de uma música inaudível. E então novamente o mundo parou, como se nunca tivesse se movido.

Dessa vez eles se viram em uma longa praia branca na qual ondas corcoveavam e quebravam na areia.

E logo na frente deles havia uma nuvem rodopiante de areia da qual saía uma série de grunhidos. Então a nuvem pousou suavemente,

revelando um grande Golfinho fêmea, preto e cinza, acompanhado por outro mais jovem.

– É você, Amélia? – perguntou Mary Poppins.

O Golfinho assoou um pouco de areia do nariz e mostrou sua surpresa.

– Ora se não é a Mary Poppins! Você chegou bem a tempo de pegar nosso banho de areia. Não há nada como um banho de areia para limpar as barbatanas e a cauda.

– Já tomei banho de manhã, obrigada!

– Está certo, mas e essa garotada, querida? Eles não precisam de uma limpezinha?

– Eles não têm barbatanas e caudas – disse Mary Poppins, para a decepção das crianças. Bem que eles gostariam de rolar na areia.

– Tudo bem, e que ondas ou ventos a trouxeram aqui? – perguntou Amélia, com vivacidade.

– Ah, estamos apenas dando a volta ao mundo, sabe? – disse Mary Poppins distraidamente, como se dar a volta ao mundo fosse uma coisa que se fizesse todos os dias.

– Bem, é um prazer para Sapinho e para mim, não é, Sapinho? – Amélia cutucou-o com o nariz, e o jovem golfinho soltou um guincho amigável. – Eu o chamo de Sapinho porque, como aquele sapo da historinha que sempre quer ir embora, mesmo sem que a mãe deixe, ele sempre se perde. Não é mesmo, Sapinho?

A resposta foi outro guincho.

– Mas agora vamos pensar na refeição. O que gostariam de comer? – Amélia sorriu para Jane e Michael, exibindo uma esplêndida sequência de dentes. – Temos moluscos e mexilhões vivos, vivinhos da silva. E as algas aqui são excelentes.

– Agradeço pela gentileza, Amélia, tenho certeza de que são. Mas precisamos estar em casa em meio minuto – Mary Poppins segurou o carrinho de bebê com firmeza.

Amélia ficou claramente desapontada.

– Mas que tipo de visita é essa? Oi e tchau, tudo de uma só vez! Na próxima ocasião você terá que ficar para o chá, e sentaremos todos em

um rochedo e vamos cantar uma canção para a Lua. Certo, Sapinho?

Sapinho guinchou.



– Isso seria adorável – disse Mary Poppins, e Jane e Michael ecoaram suas palavras. Eles nunca haviam sentado em um rochedo e cantado uma canção para a Lua.

– Bom, *au revoir*,[2] a você e a todos. Aliás, minha querida Mary, aonde você pretende levar esse arenque aí?

Amélia lançou um olhar faminto ao peixe, que, temendo que o pior lhe acontecesse, permaneceu o mais quietinho possível na mão de Mary Poppins.

– Estou planejando devolvê-lo ao mar! – E o arenque arquejou com alívio.

– Uma decisão muito correta, Mary – Amélia deu meio sorriso. – Esses aí são tão raros por aqui, e eles dão uma deliciosa refeição. Que tal eu e Sapinho apostarmos uma corrida por ele? Quando você der a partida nós começamos a nadar para ver quem o pega primeiro.

Mary Poppins ergueu o peixe para o alto.

– Preparar! Apontar! Já! – ela gritou.

E como se fosse um pássaro em vez de peixe, o arenque deu uma pirueta e caiu no mar.

Em um segundo os Golfinhos estavam atrás dele, duas silhuetas escuras e ágeis ondulando através da água.

Jane e Michael mal podiam respirar. Qual dos Golfinhos ganharia o prêmio? Ou o prêmio escaparia?

– Sapinho! Sapinho! Sapinho! – gritou Michael. Se era para o arenque ser pego e comido, que fosse Sapinho o ganhador.

– Sa-pi-nho! – o vento e o mar também gritaram o nome, mas a voz de Michael era a mais forte.

– O que você pensa que está fazendo, Michael? – a voz de Mary Poppins pareceu feroz.

Michael olhou para ela por um instante e se voltou para o mar.

Porém o mar não estava mais lá. Não havia nada adiante, a não ser um gramado verdejante e bem cuidado; Jane, curiosa, estava ao lado dele; os Gêmeos permaneciam no carrinho de bebê; e Mary Poppins o empurrava no meio do Parque.

– Pulando para cima e para baixo e berrando deste jeito! Causando aborrecimentos! Será que você já não aprontou demais por um dia só? Pare com isso de uma vez, por favor!

– Dar a volta ao mundo e voltar em um minuto – disse Jane. – Que caixinha maravilhosa!

– É uma *bússola*, não uma caixa. E é minha – disse Michael. – Eu a encontrei. Devolva-a para mim!

– *Minha* bússola, muito obrigada – disse Mary Poppins, enquanto a guardava dentro de seu bolso.

Michael a olhou como se fosse matá-la. Daí encolheu os ombros e parou de falar, não dando atenção a mais ninguém.

O peso abrasador ainda permanecia crescendo dentro dele. Depois da aventura com a bússola pareceu piorar, e, até a chegada da noitinha, ele se tornou ainda mais malcriado. Beliscou os Gêmeos quando Mary Poppins não estava olhando, e, quando choraram, disse com voz falsa:

– Que foi, queridinhos, qual é o *problema*?

No entanto, Mary Poppins não se deixou enganar.

– Alguma coisa vai sobrar para *você*! – ela avisou.

Contudo, a coisa abrasadora dentro dele não deixou que ele se preocupasse. Apenas encolheu os ombros e puxou o cabelo de Jane. E, depois, foi até a mesa de jantar e bagunçou o leite e o pão.

– E isso foi o ponto-final. Nunca vi tamanha falta de educação. Nunca vi nada igual desde o dia em que nasci, é fato. Acabou! Vá direto para a cama sem mais uma palavra!

Ele nunca a vira com aparência tão terrível.

Ainda assim, não se importava.

Entrou no quarto e tirou a roupa. Não, ele não se importava. Era malvado e, se eles descuidassem, ficaria ainda pior. Não estava *nem aí*. Ele odiava todo mundo. Se não tomassem cuidado, fugiria para se juntar ao circo. Para bem longe! Abriu um botão. Muito bom – não haveria muito o que fazer quando acordasse pela manhã. Mais um! Tanto melhor. Ninguém em todo o mundo poderia fazê-lo se arrepender. Ele poderia ir para a cama sem pentear o cabelo ou escovar os dentes – e com certeza não faria suas orações.

Estava prestes a deitar na cama, na verdade já estava com um pé dentro dela, quando viu a bússola bem em cima da cômoda.

Lentamente, ele retirou o pé de cima da cama e atravessou o quarto na ponta dos dedos. Agora sabia o que fazer. Pegaria sua bússola e a giraria e

daria uma volta ao mundo. E ninguém jamais o encontraria. Isso bem que lhes viria a calhar. Sem fazer ruído, empurrou uma cadeira, apoiando-a ao lado da cômoda. Então a escalou e reteve a bússola em sua mão.



Michael a fez girar.

– Norte, Sul, Leste, Oeste! – disse bem rápido, no caso de alguém entrar

antes de ter partido.

Um barulho atrás da cadeira o assustou, ele se virou, sentindo que fora flagrado e esperando deparar com Mary Poppins. Mas, em vez disso, havia quatro figuras gigantescas bem em cima dele – o Urso exibindo suas presas, a Arara-Azul batendo ferozmente as asas, o Panda com seu pelo eriçado, o Golfinho empinando seu focinho. Caíam sobre ele vindas de todos os cantos do quarto, suas sombras cada vez maiores no teto. Não mais pareciam gentis e amigáveis, agora queriam vingança.

As terríveis caras cheias de raiva se aproximavam cada vez mais de Michael. Podia sentir seu hálito quente no rosto.

– Aiaiai! – Michael largou a bússola. – Socorro, Mary Poppins!

Ele gritou e fechou os olhos com terror.

Então algo o envolveu. As grandes criaturas e suas sombras enormes, com rugidos e guinchos misturados, triunfantes, jogaram-se em cima dele. E o que seria aquilo macio e morno que o envolvia em um abraço sufocante? O manto de pele do Urso-Polar? As penas da Arara-Azul? O pelo do Panda que acariciara tão gentilmente? As barbatanas da mamãe Golfinho? E o que ele – poderia ser ela – planejava fazer com ele? Devia ter se comportado – como devia!

– Mary Poppins... – ele gemeu ao sentir-se carregado pelo ar e depositado em algo ainda mais macio.

– Oh, *querida* Mary Poppins!

– Está certo, está certo. Não sou surda, fico satisfeita em informá-lo. Não precisa gritar – ele a ouviu falar, calmamente.

Ele abriu um olho. Não via nenhum sinal das quatro figuras gigantescas saídas da bússola. Abriu o outro olho para ter certeza. Não – nenhuma pista delas. Sentou-se e olhou ao redor do quarto. Não havia nada lá.

Então percebeu que a coisa macia que o rodeava era o seu próprio cobertor, e que a coisa macia na qual estava deitado era sua própria cama. E, poxa, a coisa pesada e abrasadora que estivera dentro dele o dia todo tinha derretido e desaparecera. Sentiu-se em paz e feliz, e se pudesse daria um presente de aniversário a todo mundo que conhecia.

– O que foi – ele perguntou, meio ansioso, para Mary Poppins – que aconteceu?

– Eu não lhe disse que a bússola era minha? Seja educado e não mexa nas minhas coisas, por favor – foi tudo o que ela falou, enquanto pegava a bússola e a guardava dentro do bolso. Daí ela começou a dobrar as roupas que ele esparramara pelo chão.

– Posso fazer isso?

– Não, obrigada.

Ele a acompanhou com o olhar até o quarto que ficava ao lado. Quando voltou, ela depositou alguma coisa quentinha em suas mãos. Era um copo de leite.

Michael sorveu o leite, apreciando cada gota diversas vezes com sua língua, fazendo-as durar o máximo possível, assim Mary Poppins permaneceria ao lado dele.

Ela ficou ali sem dizer palavra, observando o leite desaparecer do copo devagarinho. Ele podia sentir o cheiro de seu avental branco, crocante de tão engomado, e o cheirinho delicioso de torradas que sempre havia ao redor dela. Contudo, por mais que tentasse, não poderia fazer o leite durar para sempre e logo lhe devolveu o copo vazio com um suspiro de lamento, enquanto deslizava para dentro da cama. Nunca tinha percebido como era confortável, pensou. E pensou também no quanto estava aquecido e em como se sentia feliz e sortudo por estar vivo.

– Não é engraçado, Mary Poppins? – ele disse, sonolento. – Fui tão malcriado e agora me sinto tão bem.

– Humpf! – disse Mary Poppins enquanto terminava de cobri-lo e saía para lavar a louça do jantar...

A Mulher Pássaro

– Talvez ela não esteja lá – disse Michael.

– Sim, ela estará – disse Jane. – Ela está lá e para sempre vai estar.

Ambos subiam a Ludgate Hill para visitar o sr. Banks no Centro da cidade. Ele dissera à sra. Banks naquela manhã:

– Minha querida, se não chover acho que Jane e Michael deviam me visitar hoje no Escritório. Isto é, se você concordar, claro. Pressinto que eu deveria ser convidado a lanchar no Chá com Biscoitos, pois nem sempre posso me dar um trato.

E a sra. Banks disse que iria pensar a respeito.

Durante o dia inteiro, porém, apesar de Jane e Michael a observarem com ansiedade, ela não pareceu pensar a respeito, mas de jeito nenhum. Pelas coisas das quais falou, ela andara pensando na conta da Lavanderia e sobre o novo corta-vento de Michael e sobre o paradeiro do endereço de tia Flossie, e sobre afinal por que a infeliz da sra. Jackson a teria convidado para o chá na segunda quinta-feira do mês, quando bem sabia que era o dia de a sra. Banks ir ao dentista.

De repente, quando tiveram absoluta certeza de que ela nunca pensaria a respeito do convite feito pelo sr. Banks, a sra. Banks falou:

– Crianças, não fiquem olhando para mim com essa cara. Arrumem suas coisas. Vocês irão à cidade tomar chá com seu pai. Será que esqueceram?



Como poderiam ter esquecido! É claro que o chá não era a única coisa que importava. Também havia a Mulher Pássaro, e só ela já era o melhor de todos os divertimentos.

É por isso que eles estavam subindo a Ludgate Hill e sentindo-se muitíssimo animados.

Mary Poppins caminhava entre eles, usando seu novo chapéu e parecendo muito elegante. A cada segundo ela olhava para as vitrines das lojas para verificar se o chapéu ainda estava lá, e se suas rosas não tinham se tornado flores comuns, tipo um malmequer.

Jane e Michael soltavam um suspiro toda vez que ela parava para se

certificar, porém não ousavam falar nada com medo de que ela se demorasse ainda mais, olhando para si mesma nas vitrines, virando-se assim e assado para assegurar-se de qual pose adotaria a seguir.

Mas afinal eles chegaram à Catedral de Saint Paul, que fora construída fazia muito tempo por um homem com nome de pássaro. Chamava-se Wren,[3] mas não tinha nenhuma relação com Jenny.[4] É por isso que tantos pássaros vivem nas proximidades da Catedral de sir Christopher Wren, que pertence a Saint Paul, e é por isso que a Mulher Pássaro também vive lá.

– Lá está ela! – berrou Michael num rompante, dançando na ponta dos pés de tanta excitação.

– Não aponte – disse Mary Poppins, dando uma última olhadela nas rosas que se refletiam na vitrine de uma loja de tapetes.

– Ela está falando aquilo! Ela está falando aquilo! – gritou Jane, contendo-se com receio de se quebrar em duas de tanta alegria.

E ela estava *mesmo* falando aquilo. A Mulher Pássaro estava lá e estava falando *aquilo*.

– Dê comida pros passarinho, um saquinho por dois centavo! Dê comida pros passarinho, um saquinho por dois centavo! Dê comida pros passarinho, um saquinho por dois centavo!

Ela repetia e repetia a mesma coisa, com uma voz melodiosa que fazia com que as palavras parecessem uma canção.

E conforme dizia, estendia saquinhos de alpiste aos passantes.

Ao redor dela, voavam passarinhos, rodopiando, saltitando, mergulhando e subindo. Mary Poppins sempre os chamava de "brigões"[5] pois, como ela explicava, todos os pássaros se pareciam com ela. Porém, Jane e Michael sabiam que não havia nenhum passarinho brigão por ali, somente pacíficos pombos e rolinhas. Havia rolinhas cinzentas, irrequietas e tagarelas feito vovozinhas; e pombos de voz áspera como vovôs; e cacarejantes e esverdeados pombos do tipo não-hoje-eu-não-tenho-dinheiro feito papais. E tolas e ansiosas rolinhas de um azul macio como são as mamães. Bem, ao menos era isso o que Jane e Michael pensavam.

Voavam ao redor e em volta da cabeça da Mulher Pássaro assim que as crianças se aproximavam, e então, como se fosse para provocá-la, eles saíam deslizando pelo ar e sentavam no topo da Catedral de Saint Paul, rindo e revirando a cabeça para outro lado e fingindo que não a conheciam.

Era a vez de Michael comprar um saquinho. Da última vez Jane tinha comprado o seu. Ele caminhou até a Mulher Pássaro e lhe estendeu quatro moedas de meio centavo.

– *Dê comida pros passarinho*, um saquinho por dois centavo! – disse a Mulher Pássaro, enquanto colocava um saco de alpiste na mão dele e guardava o dinheiro nas dobras de sua longa saia escura.

– Por que você não vende saquinhos de um centavo, hein? Daí eu poderia comprar dois.

– Dê comida pros passarinho, um saquinho por *dois centavo*! – disse a Mulher Pássaro, e Michael percebeu que era melhor não lhe fazer mais perguntas. Ele e Jane já haviam tentado, mas tudo que dizia, tudo o que ela parecia capaz de dizer era "dê comida pros passarinho, um saquinho por dois centavo!". Assim como um relógio cuco repete somente "cuco", não importa a pergunta que lhe seja feita.

Jane, Michael e Mary Poppins esparramaram o alpiste em um círculo no chão e logo, primeiro de um em um, depois de dois em dois, os pássaros desceram da Catedral de Saint Paul.

– Danty Guloso – disse Mary Poppins com uma fungada, enquanto um único passarinho catava e deixava cair o alpiste com o bico.

Porém, os outros pássaros chegaram feito um enxame e atacaram a comida, empurrando, brigando e gritando. Ao final, não sobrou sequer um grãozinho, pois não é nem um pouco educado para um pombo ou uma rolinha deixar sobrar alguma coisa no prato. Quando tiveram absoluta certeza de que a comida tinha acabado, os pássaros subiram em um grande e único movimento flutuante e voaram ao redor da cabeça da Mulher Pássaro, compreendendo em sua linguagem própria as palavras ditas por ela. Um deles sentou-se em seu chapéu e fingiu que era um enfeite de coroa. E outro confundiu o enfeite do chapéu novo de Mary Poppins com uma rosa de verdade e bicou a flor.



– Seu brigão! – gritou Mary Poppins, sacudindo sua sombrinha para ele. O pombo, profundamente ofendido, voou de volta até a Mulher Pássaro, e para retribuir a grosseria de Mary Poppins, espetou a rosa dela na fita do chapéu da Mulher Pássaro.

– Você deveria estar no recheio de uma torta, é esse o lugar em que você deveria *estar*! – disse Mary Poppins, com muita raiva. Então chamou Jane e Michael.

– Hora de ir embora – disse, lançando um furioso olhar de adeus ao pombo. Mas ele riu e arrebitou a cauda, virando-lhe as costas.

– Tchau – disse Michael para a Mulher Pássaro.

– Dê comida pros passarinho – ela respondeu, sorrindo.

– Adeus – disse Jane.

– Um saquinho por dois centavo! – a Mulher Pássaro acenou com a mão.

Então a deixaram para trás, seguindo Mary Poppins, um de cada lado.

– O que acontece quando *todos* vão embora, como a gente? –Michael perguntou para Jane.

Ele sabia muito bem o que acontecia, mas era algo muito pertinente a ser perguntado para Jane, porque a história era realmente dela.

Daí Jane contou para ele, que acrescentou alguns detalhes que ela esquecera.

– De noite, quando todos vão para a cama – começou Jane.

– E as estrelas aparecem – prosseguiu Michael.

– Sim, e mesmo se não aparecem, todos os pássaros descem do topo da Catedral de Saint Paul e correm com muito cuidado pelo chão só para ver se não sobrou nenhuma migalha de alpiste, e para deixar tudo bem-arrumadinho para a manhã seguinte. E após fazerem isso...

– Você se esqueceu dos banhos.

– Ah, é verdade. Eles tomam banho e penteiam as asas com as garras. E depois de fazerem isso, voam três vezes ao redor da cabeça da Mulher Pássaro e então pousam.

– Eles pousam nos ombros dela?

– Sim, e em seu chapéu.

– E na sacola na qual ela carrega os saquinhos?

– Sim, e alguns no joelho dela. Então ela alisa as penas da cabeça de cada um deles e lhes pede que sejam bons passarinhos...

– Na linguagem dos pássaros?

– Sim. E quando todos estão sonolentos e não querem mais ficar acordados, ela estica a saia como a mamãe galinha abre as asas, e os pássaros vão engatinhando e rastejando por debaixo dela. Assim que o

último deles entra, ela se acomoda sobre eles, que soltam pios e arrulhos no ninho e dormem até de manhã.

Michael suspirou de felicidade. Ele amava tanto aquela historinha que nunca se cansava dela.

– E tudo isso é verdade, não é? – ele perguntou, como sempre fazia.

– Não – disse Mary Poppins, que sempre dizia "não".

– Sim – disse Jane, que sempre sabia mais que tudo...

. A sra. Corry

– Duas libras da melhor salsicha – disse Mary Poppins. – E veja logo, por favor. Estamos com pressa.

O Açougueiro, que usava um grande avental com listras azuis e brancas, era um homem gordo e amistoso. Também era grande, vermelho e um pouco parecido com suas próprias salsichas. Ele se inclinou sobre a tábua de cortar e olhou com admiração para Mary Poppins. Depois piscou prazerosamente para Jane e Michael.

– *Compressa*? – ele disse a Mary Poppins. – Bom, é uma pena. Esperava que vocês ficassem um pouco para conversar. Sabe, nós, açougueiros, gostamos de companhia. E não é sempre que se tem a chance de conversar com uma linda jovem como você...

Ele interrompeu de repente, pois percebeu a cara de Mary Poppins. A expressão dela era assustadora. E o Açougueiro começou a desejar que tivesse um alçapão no piso de seu açougue que abrisse e o engolisse naquele exato instante.

– Ora – ruborizando ainda mais do que seu vermelho habitual. – Claro que sim, já que você está usando essa *compressa*. Disse duas libras? Da melhor salsicha? É para já!

E todo apressado retirou do gancho uma longa fileira de salsichas que decoravam o açougue. Cortou um pedaço – mais ou menos de uns trinta centímetros –, embalando-o em uma espécie de guirlanda e depois em papel branco e daí em papel marrom. Ele empurrou o pacote pela tábua de cortar.

– E o que mais? – ele disse, esperançoso e ainda meio ruborizado.

– Mais nada – disse Mary Poppins, com uma fungadela toda metida. E pegou as salsichas, deu meia-volta rapidamente com o carrinho de bebê e

saiu empurrando-o para fora do açougue de tal maneira que na hora o Açougueiro soube que a ofendera mortalmente. Mas ela olhou para a janela, onde podia ver seus sapatos novos refletidos. Os sapatos eram de uma pelica marrom brilhante e tinham dois botões, muito modernos.

Jane e Michael a seguiram, pensando quando ela chegaria ao final de sua lista de compras. Porém, devido à cara dela, não arriscaram lhe perguntar nada.

Mary Poppins olhava a rua acima e abaixo como se estivesse perdida em pensamentos, mas então, decidindo-se de repente, disparou:

– A peixaria! – e estacionou o carrinho de bebê na loja ao lado do açougue.

– Uma solha de Dover,[6] uma libra e meia de linguado, um quartilho de camarão e uma lagosta – disse Mary Poppins, falando tão rapidamente que somente alguém habituado a receber tais pedidos poderia entendê-la.

O Peixeiro, diferentemente do Açougueiro, era um homem magro, mas tão magro que não parecia ter frente, apenas dois lados. E era tão triste que parecia ter acabado de chorar ou então que estava prestes a começar. Jane afirmou que isso se devia a alguma mágoa secreta que o assombrava desde a juventude, e Michael pensou que a mãe do Peixeiro com certeza o alimentara somente com pão e água quando era bebê, e ele jamais esquecera disso.

– Mais alguma coisa? – disse o Peixeiro, esperançoso, porém com uma voz que já permitia entrever sua certeza de que ela não iria querer mais nada.

– Não hoje – disse Mary Poppins.

O Peixeiro sacudiu a cabeça com tristeza e não pareceu nem um pouco surpreso. Ele sabia o tempo todo que ela não iria querer mais nada.

Soltando leves bufadas, ele atou o pacote e dependurou-o no carrinho de bebê.

– Clima feio – observou, coçando o olho com a mão –, não espere nenhum verão este ano. Não que alguma vez já tenhamos tido um, claro. Hoje você não parece assim tão viçosa – disse para Mary Poppins –, mas

quem é que parece?



Mary Poppins levantou a cabeça.

– Fale por si mesmo – ela disse, zangada, então avançou para a porta empurrando o carrinho com tanta ferocidade que bateu em um saco de ostras.

– Tive uma ideia! – Jane e Michael a ouviram dizer, enquanto conferia os próprios sapatos. Não parecia muito viçosa em seus sapatos de pelica

marrom com dois botões – a ideia! Isso foi o que eles a ouviram pensar.

Ela parou na calçada do lado de fora, olhou a lista e riscou dela o que já havia comprado. Michael permaneceu parado primeiro em uma perna e depois em outra.

– Mary Poppins, nós nunca voltaremos para casa? – ele disse, chateado.

Mary Poppins se virou, olhando para ele com certo desgosto.

– Pode ser que sim – ela disse brevemente.

E Michael, vendo-a dobrar a lista, desejou não ter falado nada.

– *Você* pode ir para casa, se quiser – ela disse, muito altiva. – *Nós* iremos comprar o bolo de gengibre.

A cara de Michael caiu. Devia ter tido o cuidado de não dizer nada! Como poderia saber que o bolo de gengibre estava bem no finalzinho da lista?

– O seu caminho é este aqui – disse Mary Poppins com secura, apontando na direção da Cherry Tree Lane. – Isso, se você não se perder, claro – acrescentou como adendo.

– Oh, não, Mary Poppins, *por favor*, não! Eu não quis dizer aquilo de verdade. Eu... Oh! Por favor, Mary Poppins – gritou Michael.

– Deixe-o vir, Mary Poppins! – disse Jane. – Se você deixar ele vir eu empurro o carrinho de bebê.

Mary Poppins suspirou.

– Se não fosse sexta-feira – ela disse de um jeito meio sinistro para Michael –, você iria para casa em uma piscadela. Em uma só piscadela!

Ela seguiu adiante, empurrando John e Barbara. Jane e Michael pensaram que se arrependera e a seguiram, matutando o que viria a ser uma piscadela. De repente, Jane percebeu que seguiam na direção errada.

– Mas, Mary Poppins, pensei que você tinha falado em bolo de gengibre. Este aqui não é o caminho para a Green, Brown and Johnson, onde a gente sempre... – ela começou, parando imediatamente por causa da cara de Mary Poppins.

– Quem está fazendo compras? – perguntou Mary Poppins. – Eu ou você?

– Você – disse Jane, com uma voz bem miudinha.

– Ah, é mesmo? Pensei que fosse o contrário – disse Mary Poppins com seu sorriso de desdém.

Ela fez uma pequena curva com o carrinho e dobrou a esquina, estacionando de repente. Jane e Michael, estacando abruptamente logo atrás, depararam-se diante da mais curiosa loja que jamais tinham visto. Era muito pequena e meio desbotada. Havia rolos de papel esmaecido dependurados nas janelas, e, nas prateleiras, caixinhas desbotadas de limonada, velhos paus de alcaçuz e maçãs do amor muito murchas e endurecidas. Havia uma portinha entre as janelas, e por ela Mary Poppins empurrou o carrinho enquanto Jane e Michael seguiram atrás de seus calcanhares.

No interior da loja eles mal podiam ver o balcão de tampo de vidro que ocupava três laterais inteiras do lugar. E numa caixa debaixo do vidro havia fileiras e mais fileiras de bolo de gengibre escuro e seco, cada pedaço tão salpicado de estrelas douradas a ponto de a loja parecer levemente iluminada por eles. Jane e Michael olharam ao redor para encontrar que tipo de pessoa os atenderia, e ficaram bastante surpresos quando Mary Poppins chamou:

– Fannie! Annie! Cadê vocês? – sua voz parecia ir e ecoar de volta de cada uma das paredes escuras da loja.

E enquanto ela chamava, duas das maiores pessoas que as crianças jamais tinham visto se ergueram de detrás do balcão e apertaram a mão de Mary Poppins. Então, as enormes mulheres passaram por cima do balcão e disseram “Olalará, como vá?” em vozes tão altas como elas próprias, e apertaram as mãos de Jane e Michael.

– Olá, como vai, senhorita?... – Michael interrompeu, considerando qual das moças gigantes era qual.

– Meu nome é Fannie – disse uma delas. – Meu reumatismo continua infame; obrigado por perguntar.

Falou isso com pesar, como se não estivesse acostumada com um cumprimento tão cortês.

– É um lindo dia... – Jane começou a falar com educação para a outra

irmã, que a manteve aprisionada por quase um minuto com seu enorme aperto de mão.

– Eu sou Annie – ela informou miseravelmente. – E lindo é tão lindo quanto.

Jane e Michael pensaram que as duas irmãs tinham maneiras bem estranhas de se expressar, mas não tiveram muito tempo para ficar surpresos, pois a srta. Fannie e a srta. Annie esticavam seus longos braços até o carrinho de bebê. Cada uma delas chacoalhou mãos solenemente com os Gêmeos, que ficaram tão espantados a ponto de começar a chorar.

– Ora, ora, ora, ora! Que é isso, que é isso, que é isso? – falou uma aguda voz fininha e quebradiça vinda dos fundos da loja. Ao ouvirem aquele som, a expressão no rosto da srta. Fannie e da srta. Annie, anteriormente tristonha, tornou-se ainda mais triste. Pareciam, ao mesmo tempo, assustadas e enjoadas, e de certa forma Jane e Michael compreenderam que as duas enormes irmãs desejavam ser muito menores e menos chamativas.

– Que é isso que eu ouvi? – gritou a estranha vozinha aguda, aproximando-se. Logo depois disso, dando a volta na caixa de vidro, a dona da voz apareceu. Era tão pequena quanto sua voz e igualmente quebradiça, e às crianças parecia ser mais velha que qualquer outra coisa do mundo, com seu cabelo fino e suas pernas-palito e sua carinha enrugada e amassada. Mas a despeito disso ela correu na direção deles com alegria equivalente à de uma mocinha.

– Ora, ora, ora, vejam, é o que eu digo! Vejam se não é Mary Poppins, com John e Barbara Banks. O quê? Jane e Michael também? Ora, não é uma bela surpresa para mim? Asseguro a vocês que não me sentia tão surpresa assim desde que Cristóvão Colombo descobriu a América, juro que não!

Ela sorriu, deleitada, enquanto se aproximava para os cumprimentos, e seus pés se movimentavam em dancinhas dentro das minúsculas botinas. Seguiu até o carrinho de bebê e o balançou com suavidade, curvando seus finos dedos retorcidos e velhos para John e Barbara até que parassem de chorar e começassem a rir.

– Assim melhorou! – ela disse, cacarejando de felicidade. Daí fez uma

coisa para lá de esquisita. Ela arrancou dois de seus dedos e os deu para John e Barbara, um dedo para cada. A parte mais estranha de todas foi que no espaço deixado pelos dedos arrancados nasceram outros novos de uma só vez. Jane e Michael viram muito claramente isso acontecer.



– É só açúcar mascavo – a velha senhora disse a Mary Poppins. – Não vai lhes fazer mal.

– Qualquer coisa que dê a eles só lhes fará bem, senhora Corry – disse Mary Poppins com surpreendente cortesia.

– Que pena – Michael logo emendou. – Não são barras azedinhas de hortelã.

– Bem, às vezes são – disse a sra. Corry gentilmente. – E muito saborosas também. Eu sempre dou umas mordiscadas quando não consigo dormir à noite. São esplêndidas para a digestão.

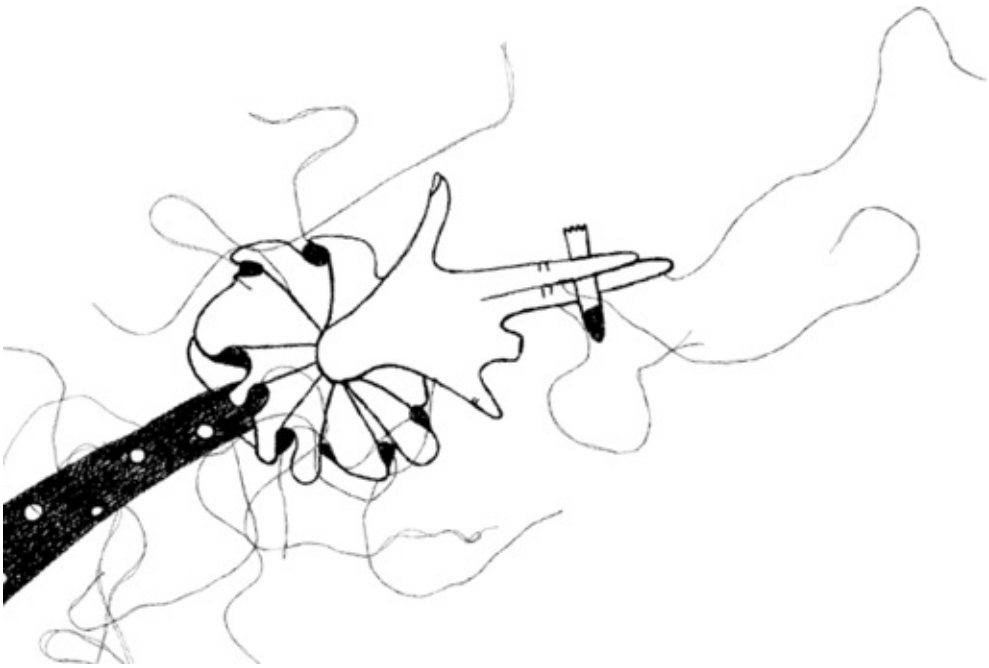
– E da próxima vez o que eles serão? – perguntou Jane, olhando para os dedos da sra. Corry com interesse.

– Arrá! – disse a sra. Corry. – Essa é a questão. Nunca sei de um dia para outro o que é que eles vão ser. Simplesmente corro o risco, minha querida, como ouvi uma vez William, o Conquistador, dizer à mãe dele quando ela o aconselhou a não ir embora para conquistar a Inglaterra.

– Você deve ser muito velha! – disse Jane, suspirando de inveja e considerando se conseguiria se lembrar de tudo da mesma maneira que a sra. Corry se lembrava.

A sra. Corry jogou para trás sua cabecinha delgada e guinchou de prazer.

– Velha! – ela disse. – Como assim? Sou só uma franguinha se comparada à minha avó. Aquela sim era uma velhinha, se querem saber. Ainda me lembro bem dela. Lembro de quando ainda estavam fazendo este mundo, naquela época eu mal tinha saído da adolescência. Minha nossa, aquilo era um deus nos acuda, ora se era!



De repente, ela parou de falar, arregalando seus olhinhos para as crianças.

– Coitadinha de mim. Começo a falar e a falar e vocês aí à espera, sem serem atendidos! Imagino, minha querida – ela se virou para Mary Poppins, a quem parecia conhecer muitíssimo bem –, que todos vocês vieram atrás de bolo de gengibre, certo?

– É isso mesmo, senhora Corry – disse Mary Poppins com educação.

– Muito bem. E Fannie e Annie já atenderam vocês? – ela olhou para Jane e Michael ao dizer isso.

Jane negou com a cabeça. Duas vozes meio abafadas vieram de detrás do balcão.

– Não, mãe – disse humildemente a srta. Fannie.

– Já vamos fazer isso, mãe – prosseguiu a srta. Annie com um cochicho assustado.

Ao ouvir isso, a sra. Corry se espichou, ficando em pé, e olhou para suas gigantescas filhas com raiva. Então disse com voz suave, furiosa e aterrorizante:

– *Já vão* fazer isso? Mas claro que vão! Muito interessante. E posso saber, Annie, quem deu permissão para levar o *meu* bolo de gengibre?...

– Ninguém, mãe. E eu não o levei embora. Apenas pensei que...

– Você só *pensou*! Muito gentil de sua parte. Mas agradeço se você não pensar nada. Eu posso fazer todo o trabalho de pensar necessário por aqui! – disse a sra. Corry com sua suave e terrível voz. Então explodiu em um desagradável cacarejo de satisfação.

– Olhem para ela! Dêem uma boa olhada nela! Pudim de amarelão! Chora, nenê! – ela guinchou, apontando seu dedo nodoso para a filha.

Jane e Michael se viraram e enxergaram uma grande lágrima despencando do imenso rosto tristonho da srta. Annie, mas preferiram não dizer nada, pois a despeito de sua miudeza a sra. Corry os fazia se sentirem menores ainda e mais assustados do que jamais tinham sido. Contudo, assim que a sra. Corry olhou para outro lado, Jane aproveitou para oferecer seu lenço à srta. Annie. A grande lágrima encharcou o lenço por completo, e a srta. Annie o torceu antes de devolvê-lo a Jane.

– E você, Fannie, será que também *pensa*? – a vozinha aguda agora era dirigida à outra filha.

– Não, mãe – disse a srta. Fannie tremendo.

– Humpf! Que bom para você! Abra essa caixa!

Com dedos apavorados e hesitantes, a srta. Fannie abriu a caixa de vidro.

– Agora, meus queridos – disse a sra. Corry com uma voz diferente. Ela sorriu e acenou tão suavemente para Jane e Michael que eles se sentiram envergonhados de se assustarem e acharam que, apesar de tudo, ela podia ser legal.

– Não querem vir escolher, meus carneirinhos? Hoje temos uma receita especial que consegui com Alfredo, o Grande. Lembro que ele era ótimo cozinheiro, embora certa vez tenha queimado os bolos. Quantos querem?

Jane e Michael olharam para Mary Poppins.

– Quatro para cada – ela disse. – São doze. Uma dúzia.

– Farei uma dúzia especial de padeiro – disse a sra. Corry. – Levem treze.

Então Jane e Michael escolheram treze pedaços de bolo de gengibre, todos com papel de estrelas douradas. Seus braços ficaram cobertos com

pilhas do delicioso bolo escuro. Michael não resistiu e mordiscou os cantos de um deles.

– Gostou? – guinchou a sra. Corry, e enquanto ele assentia, ela ergueu a saia e deu alguns passinhos do Sapateado das Montanhas só por puro prazer.

– Ipi, ipi, esplêndido, hurra! – ela gritou com sua vozinha esganiçada. Então parou e sua cara ficou séria. – Porém, lembrem-se de que não estou dando nada, certo? Tem de pagar. O preço é de três centavos para cada um de vocês.

Mary Poppins abriu sua carteira e retirou três moedas de três centavos. Deu as moedas para Jane e Michael.

– Agora – disse a sra. Corry –, podem ir passando essas moedinhas aqui para o meu casaco. É onde todas elas vão parar.

Eles olharam bem de perto o longo casaco negro dela. E verificaram que estava repleto de moedas de três centavos, do mesmo modo que o casaco de um vendedor de rua é cheio de botões de pérola.

– Vamos logo. Passem as moedas! – repetiu a sra. Corry, esfregando as mãos cheia de expectativa. – Fiquem tranquilos que elas não vão cair.

Mary Poppins deu alguns passos e pressionou sua moeda de três centavos contra o colarinho do casaco da sra. Corry. E a moeda colou, para surpresa de Jane e Michael.

Então eles pressionaram as suas – Jane no ombro direito e Michael na bainha da frente. Também ficaram coladas.

– Que extraordinário – disse Jane.

– De jeito nenhum, minha querida – disse a sra. Corry, cacarejando. – Nem tão extraordinário assim, não se comparado a outras coisas que eu poderia mencionar. – E piscou longamente o olho para Mary Poppins.

– Receio que precisemos ir embora agora, senhora Corry – disse Mary Poppins. – Vamos ter manjar para o almoço e preciso estar em casa a tempo de fazê-lo. Aquela senhora Brill...

– Má cozinheira? – perguntou a sra. Corry, interrompendo.

– Má! – disse Mary Poppins com desdém. – Essa não é a palavra exata.

– Ah! – a sra. Corry esticou o dedo ao lado do nariz parecendo muito

sábia. Então disse:

– Bem, minha querida Mary Poppins, sua visita foi um prazer e estou certa de que minhas garotas a apreciaram tanto quanto eu – ela acenou com a cabeça na direção das suas grandes filhas chorosas. – Voltará logo, com Jane, Michael e os bebês, não? Vocês têm certeza de que conseguem carregar o bolo de gengibre? – prosseguiu, virando-se para Michael e Jane.

Eles disseram que sim. A sra. Corry se aproximou com uma cara curiosa, importante e inquisitiva.

– Andei pensando – ela disse com ar sonhador –, o que vocês vão fazer com os papéis estrelados?

– Oh, vamos guardá-los – disse Jane. – Nós sempre fazemos isso.

– Ah, vocês os guardam! E *onde* vocês os guardam? – os olhos da sra. Corry estavam meio fechados e ela parecia mais inquisitiva do que nunca.

– Ora – Jane prosseguiu –, os meus estão todos debaixo dos meus lenços na gaveta esquerda de cima e...

– Os meus estão numa caixa de sapatos na prateleira de baixo do guarda-roupa – disse Michael.

– Gaveta esquerda de cima e prateleira de baixo do guarda-roupa – disse a sra. Corry, pensativa, como se estivesse registrando as palavras na memória. Então ela deu uma longa olhada para Mary Poppins e acenou levemente com a cabeça. Mary Poppins concordou discretamente em retorno. Parecia que algum segredo tinha sido transmitido entre elas.

– Bem – disse a sra. Corry com brilhantismo –, isso é muito interessante. Não imaginam o quanto fico feliz por saber que guardam suas estrelas. Vou lembrar disso. Sabem, eu me lembro de tudo (lembro até o que Guy Fawkes[7] jantava a cada segundo domingo do mês). E agora, adeus. Voltem logo. Voltem lo-o-o-o-go!

A voz da sra. Corry pareceu se tornar mais fraca até desaparecer. Logo, sem terem muita certeza do que acontecera, Jane e Michael estavam na calçada, caminhando atrás de Mary Poppins que novamente examinava sua lista.

Ambos se viraram e olharam para trás.

– Olha, Jane – disse Michael com surpresa. – Não está lá!

– É, estou vendo – disse Jane, olhando e olhando.

E estavam certos. A loja não estava lá. Desaparecera completamente.

– Que esquisito! – disse Jane.

– Não é? – disse Michael. – Mas o bolo de gengibre é muito bom.

E ficaram tão ocupados mordiscando seus bolos de gengibre de diferentes formatos – um homem, uma flor, uma chaleira – que acabaram esquecendo o quanto havia sido esquisito.

Eles se lembraram daquilo novamente, aquela noite, quando as luzes estavam apagadas e os dois deveriam estar dormindo.

– Jane, Jane! – cochichou Michael. – Ouvi alguém na ponta dos pés na escadaria. Ouça!

– Psiu! – sussurrou Jane de sua cama, pois também ouvira passos.

Então a porta se abriu com um pequeno clique e alguém entrou no quarto. Era Mary Poppins, vestida com seu casaco e chapéu, pronta para sair.

Ela se moveu suavemente através do quarto, em segredo e com movimentos rápidos. Jane e Michael a observaram com os olhos entreabertos, sem se mexer.

Primeiro ela foi até a cômoda, abriu uma gaveta e a fechou novamente depois de um instante. Daí, nas pontas dos pés, caminhou até o guarda-roupa, abriu-o, curvou-se e colocou algo dentro dele ou retirou alguma coisa (não dava para dizer o quê). Vapt! A porta do guarda-roupa foi fechada rapidinho e Mary Poppins saiu apressada do quarto.

Michael se sentou na cama.

– O que ela estava fazendo? – ele disse a Jane, sussurrando meio alto.

– Eu não sei. Talvez tenha esquecido suas luvas ou seus sapatos ou... – Jane interrompeu de repente. – Escute, Michael!

Ele escutou. Lá embaixo – aparentemente no jardim –, podiam ouvir várias vozes murmurando ao mesmo tempo, muito sérias e animadas.

Com um movimento rápido, Jane saiu da cama e chamou Michael. Eles arrastaram seus pés descalços até a janela e olharam para baixo.

E lá fora, na rua, havia uma silhueta miúda e duas figuras gigantescas.

– A senhora Corry, a senhorita Fannie e a senhorita Annie – disse Jane em um sussurro.

E eram mesmo elas. Tratava-se de um estranho grupo, aquele. A sra. Corry olhava através da cerca do Número Dezessete e a srta. Fannie carregava duas longas escadas em seu imenso ombro, enquanto a srta. Annie aparentemente carregava em uma das mãos um grande balde que parecia ser de cola e na outra um enorme pincel.

De onde estavam, escondidos pela cortina, Jane e Michael podiam distinguir suas vozes.

– Ela está atrasada! – dizia secamente a sra. Corry, ansiosa.

– Talvez – a srta. Fannie começou a dizer timidamente, ajeitando com firmeza as escadas em seu ombro – uma das crianças esteja doente e ela não possa...

– ... chegar a tempo – disse a nervosa srta. Annie, completando a sentença de sua irmã.

– Silêncio! – disse a sra. Corry com ferocidade, e Jane e Michael puderam ouvi-la sussurrar com clareza algo relacionado a "grandes girafas galopantes", sabendo de imediato que se referia às suas desafortunadas filhas.

– Psiu! – disse a sra. Corry de repente, ouvindo apenas de um lado de sua cabeça, assim como um passarinho.

Era o som da porta da frente sendo aberta com rapidez e sendo fechada de novo, e o ranger de passos na trilha. A sra. Corry sorriu e acenou com a mão, enquanto Mary Poppins vinha ao encontro delas, carregando uma cesta de compras no braço; na cesta havia algo que soltava uma luz esvanecente e misteriosa.

– Venha logo, venha logo, precisamos nos apressar! Não temos muito tempo – disse a sra. Corry, pegando Mary Poppins pelo braço. – Mexam-se, vocês duas!

E saiu caminhando, seguida pelas srtas. Fannie e Annie, que

obviamente procuravam se mexer o mais rápido possível, contudo não estava dando muito certo. Elas pisoteavam atrás da mãe e de Mary Poppins, curvando-se com suas cargas.

Jane e Michael olharam as quatro descendo a Cherry Tree Lane e daí virando um pouco à esquerda, subindo a colina. Quando atingiram o topo da colina onde não havia casas, somente grama e trevos, elas pararam.

A srta. Annie baixou seu balde de cola, e a srta. Fannie balançou as escadas de seus ombros, firmando-as até que ambas ficassem em posição vertical. Então segurou uma delas e a srta. Fannie a outra.

– Valha-me, o que será que elas pretendem fazer? – disse Michael, boquiaberto. No entanto, não houve por que Jane responder, pois ele podia ver por si só o que estava acontecendo.

Tão logo a srta. Fannie e srta. Annie firmaram as escadas de maneira a uma extremidade ficar sobre a terra e a outra inclinada para o céu, a sra. Corry arrepanhou as saias e, com o pincel em uma das mãos e o balde de cola na outra, colocou o pé no degrau mais baixo de uma das escadas e começou a escalá-la. Mary Poppins, carregando sua cesta, escalou a outra.

Então Jane e Michael tiveram uma visão maravilhosa. Assim que chegou ao topo de sua escada, a sra. Corry mergulhou o pincel dentro da cola e começou a esfregar a substância grudenta no céu. E Mary Poppins, quando isso já havia sido feito, retirou alguma coisa brilhante de sua cesta e a fixou na cola. Quando retirou a mão, eles viram que ela colava as estrelas do bolo de gengibre no céu. A cada vez que uma delas era colada, começava a piscar furiosamente, emitindo raios de uma cintilante luz dourada.

– Mas elas são nossas! – disse Michael quase sem respirar. – São as nossas estrelas. Ela pensou que estávamos dormindo, entrou aqui e as pegou!

Contudo, Jane estava silenciosa. Ela acompanhava a sra. Corry esparramando cola no céu e Mary Poppins colando as estrelas, enquanto a srta. Fannie e a srta. Annie moviam as escadas para uma nova posição conforme os espaços no céu eram preenchidos.

E finalmente acabaram. Mary Poppins sacudiu sua cesta e mostrou à

sra. Corry que não sobrara nada. Então apearam das escadas e a procissão tornou a descer a colina, a srta. Fannie carregando as escadas e a srta. Annie balançando seu balde de cola vazio. Na esquina, pararam e conversaram um instante; daí Mary Poppins apertou as mãos de todas e se apressou a subir a rua outra vez. A sra. Corry, dançando levemente com suas botinas e segurando suas saias graciosamente com as mãos, desapareceu na outra direção com suas imensas filhas sapateando com alarde atrás dela.

O portão do jardim fez clique. Passos rangeram na trilha. A porta da frente foi aberta e fechada com um suave clangor. Logo ouviram Mary Poppins subir em silêncio as escadas, pisando na ponta dos pés em frente ao quarto deles e indo ao quarto onde dormia com John e Barbara.

Assim que o som dos passos sumiu, Jane e Michael olharam um para o outro. Então, sem uma só palavra, foram até a gaveta da esquerda de cima e conferiram.

Não havia nada lá, além de uma pilha de lenços de Jane.

– Eu falei para você – disse Michael.

Em seguida, foram até o guarda-roupa e olharam dentro da caixa de sapatos. Estava vazia.

– Mas como? Por quê? – disse Michael, sentando-se na beirada de sua cama e olhando para Jane.

Jane não disse nada. Apenas sentou ao seu lado com braços abraçados aos joelhos e pensou e pensou e pensou de novo. Afinal, jogou os cabelos para trás, esticou-se e ficou em pé.

– O que eu quero saber – ela disse – é isso: as estrelas são papel dourado ou é o papel dourado que é estrelas?

Não houve resposta para a pergunta dela e não esperava por uma. Ela sabia que somente alguém muito mais sábio do que Michael poderia lhe dar a resposta correta...



. A história de John e Barbara

Jane e Michael tinham saído para uma festa, usando suas melhores roupas e parecendo, conforme a arrumadeira Ellen disse quando os viu, "iguaizinhos a uma vitrine de loja".

A tarde inteira a casa permaneceu muito quieta e tranquila, como se pensasse seus próprios pensamentos ou talvez sonhasse.

Embaixo, na cozinha, a sra. Brill lia o jornal com seus óculos encarapitados no nariz. Robertson Ay sentava-se no jardim, rigorosamente ocupado em não fazer nada. A sra. Banks estava no sofá da sala de estar com seus pés para cima. E a casa permanecia muito silenciosa ao redor de todos, sonhando seus próprios sonhos, ou pensando, talvez.

Escadaria acima, no quarto das crianças, Mary Poppins arejava roupas junto à lareira, e o raio de Sol batia na janela, cintilando nas paredes brancas, dançando sobre os berços onde os bebês estavam deitados.

– Tô dizendo pra você sair daí! – disse John, em voz alta. – Você está bem nos meus olhos.

– Desculpe! – disse o raio de Sol. – Mas não posso fazer nada. Preciso atravessar a sala de qualquer jeito. Ordens são ordens. Tenho que me mover de Leste a Oeste em um dia, e meu caminho passa por este quarto. Desculpe! Feche os olhos e você nem vai me perceber.

O facho dourado de luz do Sol se estendeu através do cômodo. Obviamente, mexia-se o mais rápido que podia para não incomodar John.

– Como você é suave e macio! – disse Barbara, estendendo suas mãos para o reluzente calor do Sol. – Eu te amo.

– Boa garota – disse o raio de Sol em tom de aprovação,

movimentando-se sobre as bochechas e pelo cabelo dela com um suave gesto de carinho. – Que tal a sensação de me sentir? – quis saber, pois adorava elogios.

– De-li-ci-o-saaa! – disse Barbara, suspirando de felicidade.

– Tagarelice, tagarelice e mais tagarelice! Nunca vi lugar igual para se tagarelar. Tem sempre alguém conversando neste quarto – disse uma voz esganiçada na janela.

John e Barbara olharam para cima.

Era o Estorninho que vivia no topo da chaminé.

– Gosto disso – disse Mary Poppins, voltando-se rapidamente. – E você, hein? Poderia conversar o dia inteiro! Sim, e também metade da noite, nos telhados e postes de telégrafo. Grunhindo e gritando e berrando! Até com a perna arrancada de uma cadeira você falaria, se pudesse. Pior que qualquer pardal, essa que é a verdade.

O Estorninho deitou a cabeça de lado e olhou para Mary de soslaio, empoleirado no batente da janela.

– Bem – ele disse –, tenho os meus assuntos para cuidar. Consultas, debates, brigas, barganhas. E isso tudo, claro, precisa de certo... hum... papo tranquilo...

– Tranquilo?! – exclamou John, gargalhando.

– E eu não estava falando com você, rapazinho – disse o Estorninho, saltitando para baixo, pulando o peitoril da janela. – E de *você* nem precisaria falar. No sábado passado ouvi você durante horas. Ave, pensei que não ia parar nunca! Você me manteve acordado a noite inteira.

– Aquilo não era conversa – John se defendeu. – Eu estava, bem... – parou por alguns segundos. – Quer dizer, eu estava sentindo umas dores.

– Humpf! – fez o Estorninho e pulou para a grade lateral do berço de Barbara. Então saltitou até a cabeceira do berço, e disse com voz macia e lisonjeira:

– Ora, Barbara B., o que temos de bom hoje para seu velho amigo, hein?

Barbara sentou-se, agarrando uma das barras do berço.

– Tem uma metade do meu sequilho – e esticou sua mão redonda e

gordinha.

O Estorninho mergulhou, colheu o pedaço da mão dela e voou de volta ao parapeito da janela. De imediato começou a mordiscar o biscoito com avidez.

– "Obrigado!" – disse Mary Poppins com ironia, mas o Estorninho estava muito ocupado para prestar atenção na reprimenda.

– Eu disse "obrigado"! – disse Mary Poppins um pouco mais alto.

O Estorninho tirou os olhos do biscoito.

– Que foi, hein? Ah, deixa disso, garota. Não tenho tempo para frufrus e babados – e devorou o biscoito até a última migalha.

O cômodo estava muito silencioso.

John, cochilando sob um raio de Sol, enfiou os dedos do pé direito na boca, colocando-os bem no lugar em que seus dentes começavam a nascer.

– Por que se preocupar em fazer isso? – disse Barbara com uma voz suave e cheia de espanto, que sempre parecia repleta de felicidade. – Não tem ninguém para ver.

– Sei disso – disse John, tocando uma melodia com os dedos que estavam dentro da boca. – Mas gosto de praticar. Quando eu faço isso os adultos se divertem *tanto*! Percebeu que a tia Flossie quase enlouqueceu de felicidade quando eu fiz isso ontem à noite? "O mais querido, o mais espertinho, o mais maravilhoso!", você não ouviu ela falando todas essas coisas? – E John afastou o pé e gargalhou de alegria ao se lembrar de tia Flossie.

– Ela também gostou do meu truque – disse Barbara, com complacência. – Eu descalcei minhas duas meias e ela disse que eu era tão doce que me comeria. Mas não achei engraçado... Quando eu digo que gostaria de comer alguma coisa eu falo *a sério*. Os biscoitos, os bolinhos, os puxadores das camas, e por aí vai. Mas parece que os adultos nunca falam a sério. Quer dizer, não é possível que ela tenha sentido vontade de me comer *de verdade*, não é?

– Não. É só o jeito idiota que eles têm de falar – disse John. – Não acredito que algum dia eu vá entender os adultos. Eles parecem todos tão

tapados. Até mesmo a Jane e o Michael parecem meio tapados de vez em quando.

– Arrã – concordou Barbara, pensativa, tirando as meias.

– Por exemplo – prosseguiu John –, eles não entendem uma só coisa que a gente diz. Pior que isso, porém, é que não entendem o que *as outras* coisas dizem. Na segunda-feira passada ouvi a Jane comentar que gostaria de saber que língua o Vento fala.



– Eu sei – disse Barbara. – É espantoso. E Michael sempre insiste, você já o ouviu?, que o Estorninho diz "Piu-piu-piu-uu"! Parece que ele não sabe que não é nada disso, e que o Estorninho fala a mesma língua que a gente. É claro que não dá para esperar que o Papai e a Mamãe saibam disso – eles não sabem de *nada*, apesar de serem tão queridos – mas não dá para imaginar que Jane e Michael não...

– Um dia eles souberam – disse Mary Poppins, dobrando uma das camisolas da Jane.

– Quê? – perguntaram juntos John e Barbara, com a voz cheia de surpresa. – Verdade? Quer dizer que eles entendiam o Estorninho e o Vento e...

– E o que as árvores diziam, e a língua do raio do Sol e das estrelas – disse Mary Poppins. – É claro que um dia eles souberam! *Um dia*.

– Mas... – disse John franzindo a testa e tentando entender. – Como foi que esqueceram de tudo?

– Arrá! – disse o Estorninho, surgindo detrás dos restos do biscoito. – Vocês não gostariam de saber?

– Porque eles cresceram – explicou Mary Poppins. – Barbara, calce suas meias de uma vez, por favor.

– Esse é um motivo meio bobo – disse John, olhando sério para ela.

– Mas é o verdadeiro – disse Mary Poppins, puxando as meias de Barbara com força para cima de seus tornozelos.

– Ora, Jane e Michael é que são tolos – prosseguiu John. – Só sei que *eu* não vou esquecer depois que *eu* crescer.

– Nem eu – disse Barbara, chupando o dedão, toda satisfeita.

– Sim, vocês vão – disse Mary Poppins, firmemente.

Os Gêmeos se sentaram e olharam para ela.

– Ih! – disse o Estorninho, com desdém. – Olhe para eles! Pensam que são as Maravilhas do Mundo. Não creio, pequenos milagres. É *claro* que vocês vão esquecer. Igualzinho a Jane e Michael.

– *Não* vamos – disseram os Gêmeos, olhando para o Estorninho como se fossem matá-lo.

O Estorninho continuou a zombaria.

– Estou dizendo que vão – insistiu. – Não é culpa de vocês, é claro – acrescentou, gentilmente. – Vão esquecer porque nada podem fazer. Nunca existiu ser humano que se lembrasse de algo após fazer um ano. Exceto, claro, ela – e virou a cabeça por cima do ombro em direção a Mary Poppins.

– Mas por que ela se lembra e nós não? – disse John.

– Arrá! Ela é diferente. Ela é a Grande Exceção. Não dá para se comparar com *ela* – disse o Estorninho, sorrindo para a dupla.

John e Barbara permaneceram em silêncio.

O Estorninho prosseguiu com a explicação.

– Ela é uma coisinha especial, sabem? Não é na aparência, claro. Uma

de minhas paqueras dos bons tempos era mais linda do que Mary P. jamais foi...

– Olha aqui, seu impertinente! – zangou-se Mary Poppins, abanando o avental na direção dele. Mas o Estorninho decolou, voando até o parapeito da janela, de onde assobiou com malícia, já fora de alcance.

– Pensou que ia me pegar, não é? – zombou, sacudindo as penas de suas asas para ela.

Mary Poppins bufou.

O raio de Sol se moveu através do quarto, deixando um longo feixe dourado de rastro. Do lado de fora, a brisa surgiu e sussurrou gentilmente às cerejeiras da rua.

– Escutem, escutem, o Vento está falando – disse John, inclinando a cabeça para o lado. – Está falando sério que não vamos conseguir ouvir *isso* quando ficarmos mais velhos, Mary Poppins?

– Vocês vão ouvir, mas não vão entender. – Ao ouvir isso, Barbara começou a chorar baixinho. Também havia lágrimas nos olhos de John. – Bem, não posso ajudá-los nisso. As coisas são assim – falou Mary Poppins, tocada.

– Olhe para eles, olhe só para eles! – zombou o Estorninho. – Parece que vão desmilinguir de tanto chorar. Acho que um Estorninho que ainda está dentro do ovo tem mais bom senso. Olhe só para eles!

Nessa altura, John e Barbara já choravam desbragadamente nos berços – longos soluços da mais profunda infelicidade.

A porta abriu de repente e a sra. Banks entrou.

– Pensei ter ouvido os bebês – e correu até os Gêmeos. – Que foi, meus queridos? Oh, meus tesouros, meus docinhos, meus passarinhos amados, o que foi? Por que eles estão chorando, Mary Poppins? Passaram a tarde toda tão quietinhos, não ouvi nem um pio vindo deles. Qual será o problema?

– Sim, madame. Não, madame. Acho que podem ser os dentes nascendo, madame – disse Mary Poppins, evitando deliberadamente olhar na direção do Estorninho.

– Oh, claro – disse a sra. Banks, com vivacidade. – Deve ser isso.

– Não quero dentes se eles me fizerem esquecer das coisas que eu mais gosto – lamentou John, debatendo-se em seu berço.

– Eu também não quero – choramingou Barbara, enfiando a cara no travesseiro.

– Meus pobrezinhos, meus bichinhos... Vai ficar tudo bem quando esses dentes teimosos chegarem – disse a sra. Banks, tentando tranquilizá-los e indo de um berço a outro.

– Você não entende! – rugiu John, com fúria. – Eu *não quero* dentes!

– Não vai ficar tudo certo – Barbara se lamuriou abraçando o travesseiro. – Vai ficar tudo *errado*!

– Shh. Shh. Tudo bem. Tudo bem. A Mamãe sabe. A Mamãe entende. Vai ficar tudo bem quando os dentes nascerem – cantou a sra. Banks, com ternura.

Um ruído fraco veio da janela. Era o Estorninho engolindo apressadamente uma risada. Mary Poppins lhe lançou um olhar daqueles. Isso o acalmou, e ele continuou a observar a cena sem deixar transparecer nenhum vestígio de sorriso.

A sra. Banks dava palmadinhas nas crianças com gentileza, primeiro em uma depois na outra, murmurando palavras tranquilizadoras. De repente, John parou de chorar. Ele tinha muito bons modos, gostava de sua Mãe e lembrou o que de fato competia a ela. Não era culpa *dela*, pobre mulher, se sempre dizia a coisa errada. Era apenas, ele refletiu, porque ela não compreendia. Assim, para lhe mostrar como a perdoava, virou-se sobre suas costas e com muito pesar, engolindo suas lágrimas, alcançou seu pé direito com as duas mãos e enfiou os dedos dentro da boca.

– Espertinho, oh, espertinho – disse a Mãe, com admiração. Ele fez novamente e ela ficou muito satisfeita.

Então Barbara, para não ficar atrás em cortesia, rolou para longe do travesseiro e, com lágrimas ainda úmidas no rosto, sentou-se e arrancou suas meias.

– Garota maravilhosa – disse a sra. Banks com orgulho, e a beijou.

– Viu só, Mary Poppins, eles estão bem novamente. Eu sempre consigo tranquilizá-los. Muito bom. Muito bom – disse a sra. Banks, enquanto

cantava uma canção de ninar. – E logo os dentes vão nascer.

– Sim, madame – disse Mary Poppins, baixinho. Sorrindo para os Gêmeos, a sra. Banks saiu e fechou a porta.

No exato instante em que ela desapareceu, o Estorninho explodiu em gargalhadas, em alto e bom som.

– Desculpe pelas risadas! – ele gritou. – Mas eu não consigo segurar. Que papelão! Que *papelão*!

John nem lhe deu pelota. Ele empurrou a cara através das barras do berço e berrou suave e ferozmente para Barbara:

– Eu *não vou* ser como os outros. Estou dizendo que não vou. Eles – e sacudiu a cabeça para o Estorninho e para Mary Poppins – podem dizer o que bem entenderem. Nunca vou esquecer, *nunca*!

Mary Poppins sorriu para ela mesma um sorriso secreto do tipo eu-sei-melhor-que-você.

– Nem eu – respondeu Barbara. – Nunquinha.

– Abençoada seja minha cauda de penas – guinchou o Estorninho, colocando as asas na cintura e rugindo com alegria. – Escute só esses aí!

– Como se pudessem não esquecer. Em um mês ou dois, três *no máximo*, eles nem vão se lembrar do meu nome. Cucos tolinhos! Tolos cucos mal crescidos e sem penas. Rárárá! – e com outra risada barulhenta, bateu suas asas e voou para fora do quarto.

Não foi muito depois disso, após muita confusão, que os dentes nasceram como sempre costumam fazer os dentes, e os Gêmeos completaram seu primeiro aniversário.

No dia seguinte ao aniversário, o Estorninho, que estivera fora, de férias em Bournemouth, compareceu ao Número Dezessete da Cherry Tree Lane.

– Alô, alô, alô! Olha eu aqui de novo! – ele gritou com alegria, pousando, meio cambaleante sobre o parapeito da janela.

– Ora, ora, como vai a minha garota? – perguntou com insolência para Mary Poppins, pousando e pendendo a cabecinha para o lado, piscando

para ela com seus olhos brilhantes e divertidos.

– Melhor que nunca, se *você* quer saber – disse Mary Poppins, sacudindo a cabeça.

O Estorninho deu risada.

– A velha e boa Mary P. de sempre. Não vai mudar nunca! Como vão os outros, os cucos? – ele perguntou, e olhou além, em direção ao berço de Barbara.

– Bem, Barbarina... – ele começou, com sua suave voz lisonjeira. – Tem alguma coisa para o seu velho amigo hoje?

– Belé-blé-belá-blablá-bleblé! – disse Barbara, cantarolando gentilmente enquanto continuava a comer seu sequilho.

O Estorninho, meio surpreso, saltitou um pouco mais para perto.

– Eu perguntei... – ele repetiu com mais clareza –... se hoje não tem alguma coisa para seu velho amigo aqui, querida Babiloca?

– Balu-ba-lu-baba-lu! – murmurou Barbara, olhando o teto enquanto engolia a última migalha adocicada.

O Estorninho olhou para ela.

– Rá! – ele disse, virando-se e olhando inquisitivamente para Mary Poppins. O olhar dela sustentou o dele por um longo tempo.

Então, com um movimento rápido, o Estorninho sobrevoou o berço de John e pousou sobre a grade. John tinha uma grande ovelha de lã apertada entre os braços.

– Qual é o meu nome? Qual é o meu nome? Qual é o meu nome? – gritou o Estorninho com voz aguda e ansiosa.

– Ta-tump! – disse John, abrindo a boca e enfiando a perna da ovelha de lã dentro dela.

Com uma sacudidela da cabeça, o Estorninho deu meia-volta.

– Então... aconteceu – ele disse baixinho para Mary Poppins.

Ela assentiu.

O Estorninho olhou por um momento para os Gêmeos. Então encolheu os ombros sapecados de pintinhas.

– Ora, eu sabia que aconteceria. Sempre falei para eles. Mas não queriam acreditar. – Ele permaneceu silencioso por um momento,

observando os berços. Depois sacudiu-se vigorosamente.

– Ora, ora. Preciso ir. De volta à minha chaminé. Anda precisando de uma limpeza de primavera. Tenho que fazer isso – ele voou até o parapeito da janela e aguardou, olhando para trás por cima do ombro.

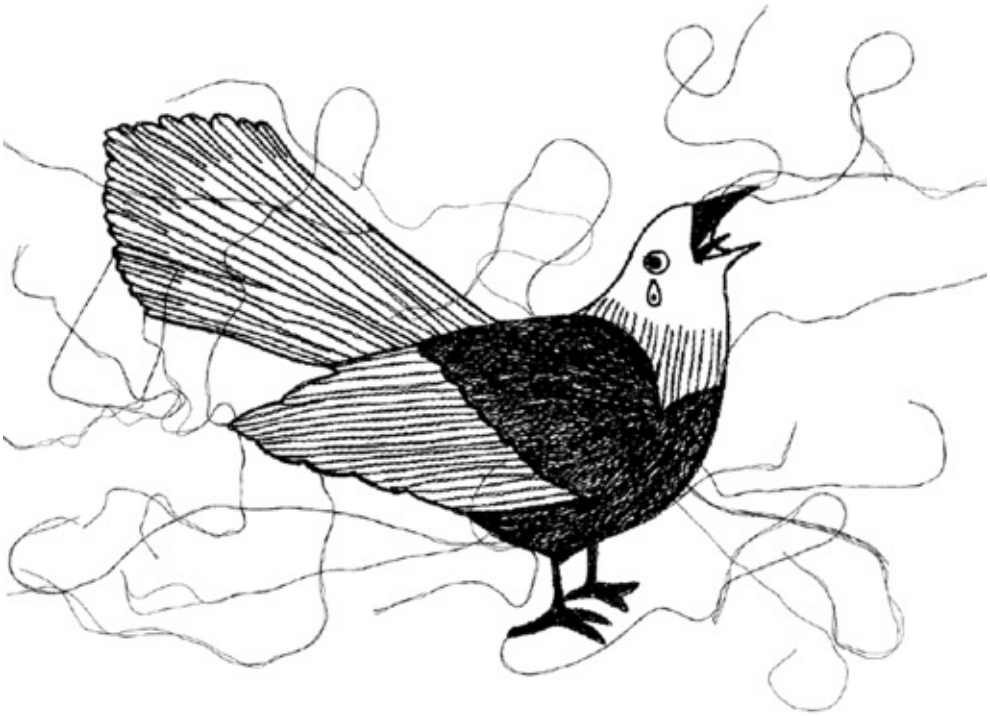
– Vai ser esquisito sem eles. Gostava de conversar com eles, como sempre fiz. Vou sentir falta desses dois.

Com rapidez, ele esfregou as asas por sobre os olhos.

– Chorando? – zombou Mary Poppins.

O Estorninho se empertigou.

– Chorando? Claro que não. Eu peguei um... er... leve resfriado na minha viagem de volta, isso sim. É, um resfriadinho. Nada sério. – Ele se movimentou até a janela, massageou as penas de seu peito com o bico e então – Tchauzinho! – disse animadamente, e abriu suas asas e foi-se embora...



). Lua cheia

Mary Poppins passou o dia inteiro apressada, e quando tinha pressa ficava sempre zangada.

Tudo o que Jane fazia era ruim, e o que Michael fazia era ainda pior. Até os Gêmeos ela repreendeu.

Jane e Michael fizeram o possível para se manter fora do caminho dela, pois sabiam que, de tempos em tempos, o melhor a fazer era não ser visto nem ouvido por Mary Poppins.

– Eu queria que a gente fosse invisível – disse Michael quando Mary Poppins lhe disse que o simples fato de vê-lo era mais do que uma pessoa com autoestima podia suportar.

– Podemos ser – disse Jane –, se ficarmos atrás do sofá. A gente pode contar o dinheiro de nossos cofrinhos, e ela vai se sentir melhor depois que jantar.

Então fizeram isso.

– Seis centavos e quatro vinténs, isto dá oitenta e seis réis, e meio vintém e uma moedinha de três centavos – Jane contou rapidamente.

– Quatro vinténs e três centavos e... isso é tudo – suspirou Michael, colocando seu dinheiro em um montinho.

– Isto é mais do que suficiente para dar de esmola para os pobres – disse Mary Poppins, observando por cima do braço do sofá e dando suas fungadelas.

– Ah, não! – Michael reprovou a ideia. – É para mim. Estou economizando.

– Humpf. Para um daqueles aviõezinhos, imagino! – disse Mary Poppins, com desdém.

– Não, para um elefante. Um só para mim, como a Lizzie no Zoológico.

Daí eu poderia te convidar para dar uma volta nele – disse Michael, olhando-a com o rabicho do olho para ver como ela reagia.

– Humpf – disse Mary Poppins. – Que ideia! – No entanto, dava para perceber que ela já não estava mais tão zangada como antes.

– Fico imaginando – disse Michael, pensativo – no que acontece de noite no Zoológico, quando todos já voltaram para casa.

– A curiosidade matou o gato – retrucou Mary Poppins.

– Não estou *curioso* – corrigiu Michael. – Só estava imaginando. *Você* por acaso sabe? – ele perguntou a Mary Poppins, que sacudia as migalhas da toalha de mesa com a maior rapidez.

– Mais uma pergunta e vapt-vupt, você vai para a cama! – ela avisou, e começou a arrumar o quarto das crianças com tanta pressa que mais parecia um vendaval de touca e avental do que um ser humano.

– Melhor nem perguntar para ela. Ela sabe tudo, mas nunca conta nada – disse Jane.

– Qual é a vantagem de saber as coisas se você não conta para ninguém? – resmungou Michael, mas bem baixinho, para que Mary Poppins não pudesse ouvi-lo...

Jane e Michael não conseguiam lembrar de terem sido colocados na cama tão rapidamente quanto naquela noite. Mary Poppins apagou a luz muito cedo, e foi embora tão apressada como se todos os ventos do mundo a soprassem.

Para eles parecia que não haveria tempo de fazer mais nada, quando escutaram uma voz baixa sussurrando à porta.

– Rápido, Jane e Michael! – disse a voz. – Peguem suas coisas e corram!

Eles pularam da cama, surpresos e assustados.

– Vamos – disse Jane. – Alguma coisa está acontecendo – e começou a revirar tudo, procurando as roupas no escuro.

– Rápido! – a voz chamou de novo.

– Ai-ai-ai, só consegui encontrar meu chapéu de marinheiro e um par de luvas! – disse Michael, zanzando pelo quarto enquanto puxava

gavetas e tateava prateleiras.

– É o suficiente. Vista-os. Não está frio. Vamos.

A própria Jane só conseguiu encontrar um casaquinho de John, mas ela apertou seus braços para dentro dele e abriu a porta. Não havia ninguém lá, porém puderam ouvir algo se movendo com muita pressa pela escadaria abaixo. Jane e Michael seguiram os passos. O que quer que fosse, ou quem quer que fosse, prosseguia sempre na frente deles.

Não conseguiram ver o que era, mas tinham a nítida sensação de estarem sendo guiados cada vez mais para longe por alguma coisa que constantemente os incitava a segui-la. Agora estavam na rua, e seus chinelos faziam um suave ruído quando corriam pelo chão.

– Rápido! –apressava a voz de novo de uma esquina próxima, mas quando a dobravam não conseguiam ver de onde estava vindo. Eles começaram a correr de mãos dadas, seguindo a voz pelas ruas, passando por becos, debaixo de arcos e atravessando parques até pararem, pálidos e arquejantes, em um impasse: diante de uma grande porta giratória que se abria em um muro.

– Aí estão vocês! – disse a voz.

– Onde? – gritou Michael, sem obter resposta. Jane se aproximou da catraca, arrastando Michael pela mão.

– Veja! – ela disse. – Não está vendo onde estamos? É o Zoológico!

Uma Lua cheia muito brilhante iluminava o céu, e, aproveitando sua luz, Michael examinou a grade de ferro e olhou através de suas barras. Claro que sim! Que bobeira a dele não perceber que ali era o Zoológico!

– Mas como vamos entrar? Não temos dinheiro.

– Está tudo certo! – disse uma voz, profunda e rouca, vinda lá de dentro. – Nesta noite, Visitantes Especiais podem entrar de graça. Empurrem a roleta, por favor!

Jane e Michael empurraram e passaram pela catraca em um segundo.

– Aqui estão os bilhetes de vocês – a voz rouca disse, e, olhando para cima, viram que vinha de um enorme Urso Marrom que vestia um casaco com botões de bronze e levava um quepe na cabeça. Em sua pata estavam dois bilhetes cor-de-rosa, que ele oferecia às crianças.



– Mas em geral somos *nós* que damos os bilhetes – disse Jane.

– Força do hábito. Nesta noite vocês os recebem – explicou o Urso, sorrindo.

Michael o olhou bem de perto.

– Eu lembro de você! Uma vez te dei uma lata de melaço.

– Você deu mesmo. E esqueceu de tirar a tampa. Sabia que fiquei mais de dez dias lidando com aquela tampa? Seja mais cuidadoso no futuro, ok?

– Mas por que você não está em sua jaula? Você sempre sai de noite?

– Não. Somente quando o Aniversário cai na Lua cheia. Mas queiram me desculpar. Preciso cuidar da portaria – e o Urso virou-se e começou a rodar a catraca outra vez.

Jane e Michael, segurando seus bilhetes, foram caminhar pelo Zoológico. Cada árvore, flor e arbusto estavam visíveis sob a luz da Lua cheia, e eles podiam enxergar as gaiolas e as jaulas com total clareza.

– Parece que a gente vai ter um montão de coisas para ver – observou Michael.

E havia, de verdade. Animais corriam por todos os caminhos, às vezes acompanhados por pássaros, às vezes sozinhos. Dois lobos passaram pelas crianças, conversando animadamente com uma cegonha bem alta que caminhava na ponta dos pés em movimentos delicados e graciosos. Jane e Michael puderam ouvir as palavras "Aniversário" e "Lua cheia" enquanto iam embora.

Lá longe, três camelos caminhavam lado a lado, e não muito adiante um castor e um abutre mantinham, concentrados, um papo sério. Para as crianças, todos pareciam falar sobre o mesmo assunto.

– De quem será que é Aniversário? – perguntou Michael, mas Jane já estava mais adiantada, observando uma cena diferente.

Próximo à área em que ficava o Elefante, um velho cavalheiro, muito alto e muito gordo, andava de quatro, e em suas costas, em duas pequenas cadeiras paralelas, havia oito macacos sentados, dando uma voltinha.

– Como pode? – disse Jane. – Tudo está de cabeça para baixo!

O velho cavalheiro deu um olhar irado ao passar por ela.

– De cabeça para baixo?! – resmungou. – Eu?! De cabeça para baixo? É claro que não. Que insulto mais grosseiro! – E os oito macacos gargalharam rudemente.

– Oh, por favor, não me referi a você, mas sim a tudo isto aqui – explicou Jane, correndo atrás dele para se desculpar. – Em dias comuns animais carregam seres humanos, e agora é um ser humano que carrega animais. Foi isso o que eu quis dizer.

Mas o ziguezagueante velho cavalheiro, quase sem fôlego, insistiu que

havia sido insultado e partiu com os macacos gritando em sua garupa.

Jane percebeu que não haveria razão para segui-lo, então puxou Michael pela mão e retornou. Assustaram-se quando uma voz, quase a seus pés, os saudou.

– Ora vamos, vocês dois aí! Caso venham, veremos se *vocês* pulam por um pedaço de casca de laranja que nem ao menos querem – era uma voz amarga e raivosa, e, olhando para baixo, viram que vinha de uma Foquinha preta que os olhava de soslaio, em uma piscina iluminada pela Lua.

– Venham, venham para cá – ela disse. – E vamos ver se *vocês* gostam!

– Mas... nós não sabemos nadar! – disse Michael.

– Não posso fazer nada! – disse a Foca. – Deviam ter pensado nisso antes. Ninguém nunca se incomodou em perguntar se *eu* sei nadar ou não. Ei, o que é isso? O que é isso?

Ela fez as perguntas para outra Foca que emergira da água e cochichava em seu ouvido.

– Quem? – quis saber a primeira Foca. – Desembuche!

A segunda Foca cochichou de novo. Jane captou as palavras "Visitantes Especiais" e "Amigos de", mais nada além disso. A primeira Foca pareceu desapontada. Mesmo assim, foi educada ao se dirigir a Jane e Michael.

– Ah, me desculpem. Muito prazer em conhecê-los. Me desculpem – e estendeu a barbatana, apertando suavemente as mãos de ambos.

– Ei, você, olhe por onde anda! – a Foca gritou, enquanto algo trombou com Jane, que se virou com rapidez e teve um pequeno sobressalto ao se deparar com um enorme Leão. Os olhos do Leão brilharam quando ele a viu.

– Hum, quer dizer... – ele começou. – Eu não sabia que era você! Este lugar está tão lotado esta noite e estou tão apressado para ver os humanos serem alimentados que não olhei para onde ia. Vocês também irão? Essa não dá para perder, sabe?

– Talvez – disse Jane com educação – você pudesse nos mostrar o caminho – ela estava um pouco desconfiada do Leão, mas ele parecia ser bastante gentil. "Além disso", ela pensou, "esta noite tudo está muito

esquisito."

– Será um *praaazer*! – disse o Leão, com voz meio afetada, oferecendo-lhe o braço. Ela aceitou, mas, para se sentir segura, deixou Michael bem ao lado dela. Ele era um garoto bem forte e gordinho e, afinal de contas, leões são leões...

– Minha juba está legal? – perguntou o Leão, enquanto caminhavam. – Mandei caprichar nos cachos especialmente para a ocasião.

Jane deu uma olhada. Dava para ver que a juba recebera uma camada de brilhantina e que depois fora cuidadosamente enrolada.

– Muito – ela disse. – Mas... não é meio esquisito um leão se preocupar com essas coisas? Eu pensei que...

– Como assim?! Minha estimada jovenzinha, o Leão, como sabe, é o Rei dos Animais. Ele precisa se lembrar de sua posição. E eu, pessoalmente, não estou disposto a esquecer disso. Acredito que um leão deva aparecer *sempre* da melhor maneira possível, independentemente de onde estiver. É por aí.

E com um gracioso aceno da pata dianteira, apontou para a Grande Casa Felina e os conduziu até a entrada.

Jane e Michael prenderam a respiração com algo que encheu os olhos deles. O grande saguão estava lotado de animais. Alguns se apoiavam na longa barra que os separava das jaulas, outros se erguiam nos assentos das fileiras opostas. Havia panteras e leopardos, lobos, tigres e antílopes; macacos e ouriços, vombates, cabras montanhesas e girafas; e um grupo enorme composto inteiramente de gaivotas e abutres.

– Esplêndido, não é? – disse o Leão com orgulho. – Igualzinho aos bons e velhos tempos na selva. Mas venham. Precisamos encontrar bons lugares.

E ele tomou o caminho por meio da multidão que gritava "Abram alas, abram alas!", arrastando Jane e Michael atrás de si. Logo, bem no centro de um espaço vazio no meio do saguão, eles notaram que teriam uma boa visão das jaulas.

– Nooooossa – disse Michael abrindo a boca bem grande –, estão cheias de seres humanos!

E estavam mesmo.

Em uma jaula dupla, cavalheiros de meia-idade com cartola e calças listradas rodavam para lá e para cá, olhando ansiosamente através das barras como se estivessem à espera de algo.

Crianças de todos os tamanhos e formatos, desde bebês com camisolas puxadas para cima, aprontavam em outra jaula. Do lado de fora, os animais os acompanhavam com grande interesse, e alguns tentavam fazer os bebês sorrirem, enfiando suas patas ou a cauda através das grades. Uma girafa esticou seu longo pescoço por cima da cabeça de outros animais, deixando um garotinho vestido de marinheiro acariciar seu nariz.

Em uma terceira jaula, havia três senhoras mais velhas, com capas de chuva e galochas, aprisionadas. Uma delas tricotava, e as outras duas permaneciam próximas às grades, gritando aos animais e cutucando-os com o guarda-chuva.

– Brutamontes mal-educados. Vão embora. Eu quero o meu chá! – gritava uma delas.

– Ela não é engraçada? – disseram vários animais, e deram risada dela.

– Jane... olhe! – disse Michael, apontando para a jaula no final do corredor. – Não é o...

– Almirante Boom! – disse Jane, parecendo muito surpresa.

E era mesmo o Almirante Boom. Estava subindo e descendo em sua jaula, tossindo e assoando o nariz, babando de raiva.

– Pelas barbas do profeta! Mãos à obra! Terra à vista! Vamos cair fora daqui, rapazes! Pelas barbas do profeta! – berrava o Almirante. A cada vez que ele se aproximava das grades, um tigre o cutucava gentilmente com uma vara, e isso fazia o Almirante Boom praguejar de modo terrível.

– Mas como eles todos vieram parar aqui? – Jane perguntou ao Leão.

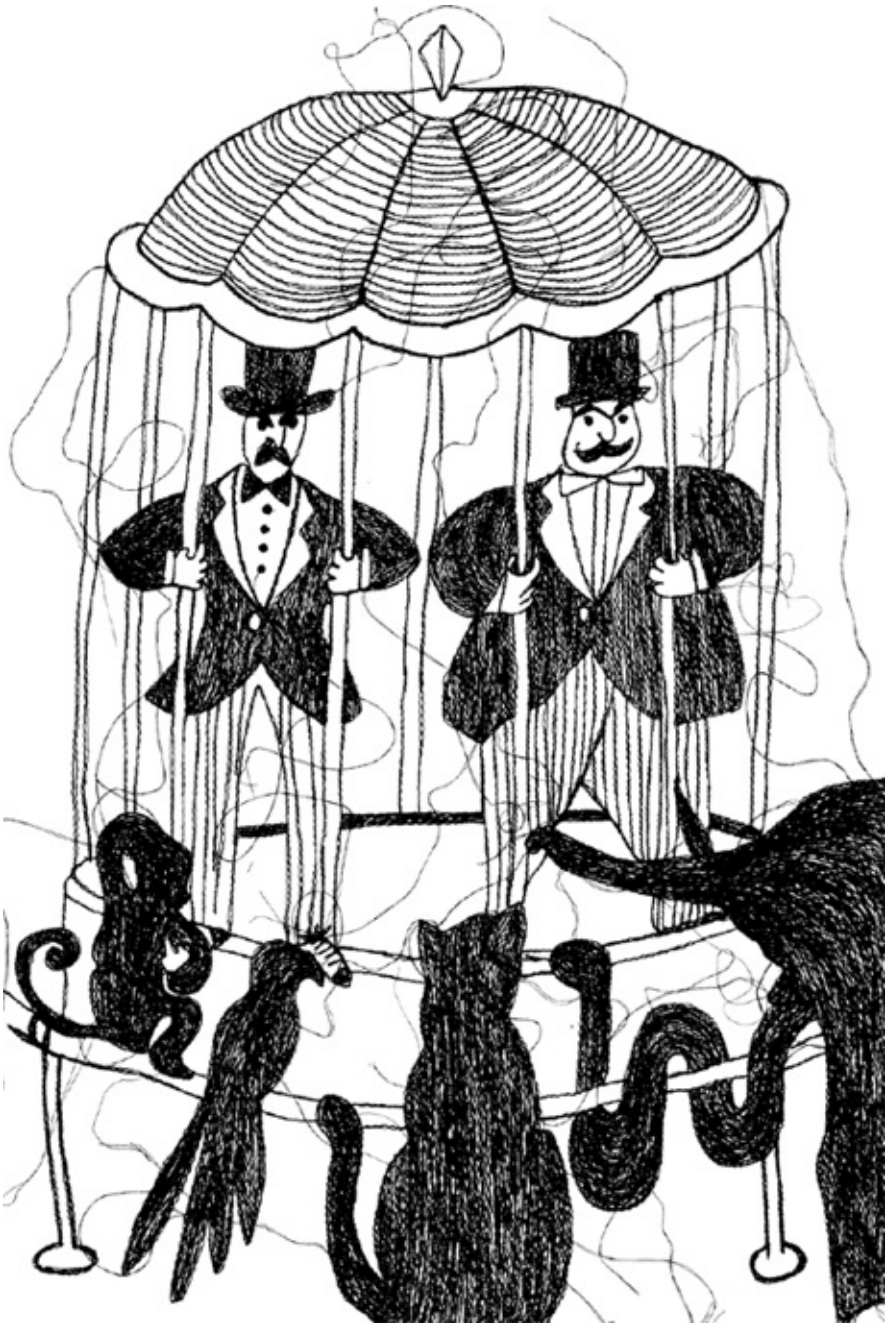
– Estavam perdidos. Ou foram deixados para trás. Essas são as pessoas que se atrasaram e ficaram aqui dentro quando os portões são fechados. Precisavam ser colocadas em algum lugar, então nós as mantemos aqui. Esse aí é perigoso! Quase pegou o cuidador dia desses. Não se aproximem dele! – e apontou o Almirante Boom.

– Um passo para trás, por favor, um passo para trás! Não empurrem! Abram caminho, por favor! – Jane e Michael ouviram muitas vozes berrando tais ordens.

– Ah! Agora eles vão ser alimentados! – disse o Leão, todo animado, se misturando à multidão. – Lá vêm os cuidadores.

Quatro Ursos Marrons usando quepe empurravam carrinhos de mão cheios de comida ao longo do pequeno corredor que separava os animais de suas jaulas.

– Para trás, você aí! – diziam, toda vez que algum animal se punha no caminho. Então abriram as portinholas de cada uma das jaulas, por onde enfiavam a comida, pendurada em garfos pontudos.



Jane e Michael conseguiam ver bem o que acontecia graças a uma brecha entre uma pantera e um dingo. Garrafas de leite foram jogadas aos bebês, cujas mãozinhas se transformaram em garrotezinhos macios, agarrando-as com avidez. As crianças mais velhas arrebataram pães-de-ló e rosquinhas dos garfos, e começaram a comê-los com voracidade. Pratos com pães e manteiga e bolinhos de farinha integral foram providenciados para as senhoras de galochas, e os cavalheiros de cartola

receberam costeletas de cordeiro e pudim em travessas de vidro. Os cavalheiros, assim que recebiam sua comida, a levavam para um canto, abrindo guardanapos sobre suas calças listradas para, aí sim, começarem a comer.

Então, depois que os cuidadores ultrapassaram a linha das jaulas, uma grande comoção foi ouvida.

– Por mil diabos! Vocês chamam isso de refeição? Um minúsculo pedacinho de bife e um bocado de repolho! Como assim, sem pudim? Ultrajante! Içar âncoras! E cadê o meu porto? Quero dizer, vinho do Porto! Vamos embora! Ei, vocês aí embaixo, cadê o Porto do Almirante?

– Ouçam só. Ele está ficando malcriado. Estou dizendo a vocês, aquele ali não é nada confiável – disse o Leão.

Jane e Michael nem precisavam ser avisados disso. Eles conheciam muito bem o linguajar do Almirante.

– Ora, ora – disse o Leão quando a barulheira no saguão diminuiu um pouco. – Parece que acabou. Queiram me desculpar, mas preciso ir andando. Espero revê-los mais tarde na Grande Corrente. Irei procurá-los. – E, conduzindo-os até a porta, despediu-se e saiu gingando o corpo dourado, sacudindo os caracóis de sua juba matizada pelo luar e pelas sombras.

– Oh, por favor! – gritou Jane, lá longe. Mas ele não pôde escutá-la.

– Gostaria de perguntar para ele se algum dia vão libertá-los. Pobres humanos! Poderiam ser John e Barbara, ou qualquer um de nós – ela se virou para Michael, mas percebeu que ele não estava mais ao lado dela. Tinha enveredado por uma das trilhas e, depois de correr em seu encalço, ela o encontrou conversando com um Pinguim que estava parado no meio da trilha com um grande caderno sob uma das asas e um lápis enorme debaixo da outra. Mordiscava a ponta do lápis pensativamente quando ela se aproximou.

– Não faço ideia – ela escutou Michael dizer, pelo jeito em resposta a uma pergunta.

O Pinguim se virou para Jane.

– Talvez *você* possa me ajudar – ele disse. – Bem, que palavra rima com

Mary? Não posso usar "espere" porque ela já foi usada antes, e preciso ser original. Se você pretende dizer "maneire", maneire e não diga. Já havia pensado nisso antes, mas não tem nada a ver com ela.

– Tempere – disse Michael, o espertinho.

– Hum. Não é muito poético, é? – observou o Pinguim.

– Que tal "venere"? – disse Jane.

– Beeem – o Pinguim parecia considerar. – Não tão bom assim, não é? – disse, desamparado. – Acho que vou ter de desistir. Sabem, eu estava tentando escrever um poema para o Aniversário. Pensei que seria legal se começasse:

"Oh, Mary, Mary..."

mas daí não consegui seguir adiante. Isso foi muito chato. Espera-se alguma coisa muito sábia de um Pinguim, e eu não gostaria de desapontá-los. Ora, ora, vocês não podem me ajudar. Devo continuar tentando. – E, ao dizer isso, foi-se embora todo apressado, mordendo o lápis e carregando o caderno.

– Estou achando isso tudo muito confuso – disse Jane. – É aniversário de quem, afinal?

– Ei, vamos indo, vocês dois, vamos indo. Que tal vocês darem os parabéns, pois é o Aniversário etcétera e tal?! – disse uma voz vinda detrás deles e, ao se virarem, deram de cara com o Urso Marrom que lhes entregara os bilhetes no portão de entrada.

– Oh, mas é claro! – prontificou-se Jane, pensando que essa era a coisa mais segura de se dizer, mas sem descobrir, de fato, quem é que deveriam cumprimentar.

O Urso Marrom colocou um braço ao redor deles e os empurrou pela trilha. Eles podiam sentir o pelo fofo e quentinho dele se esfregando em seu corpo, e ouvir a voz ribombar no estômago dele enquanto falava.

– Aqui estamos, *aqui* estamos! – disse o Urso Marrom, parando diante de uma casa pequenina cujas janelas estavam tão iluminadas que, se não fosse uma noite de luar, daria para pensar que era o Sol que brilhava. O Urso abriu a porta e com um peteleco suave empurrou as crianças para dentro.

Primeiro, a luz os ofuscou, porém seus olhos logo se acostumaram, e eles perceberam que estavam no Serpentário. Todas as jaulas estavam abertas e as cobras haviam saído – algumas se enrodilhavam preguiçosamente, formando grandes nós escamosos, outras deslizavam, gentis, sobre o piso. E, no meio das cobras, estava sentada Mary Poppins. Jane e Michael mal podiam acreditar no que viam.

– Os dois convidados do níver tão na área, dona – anunciou o Urso Marrom respeitosamente. Curiosas, as cobras viraram a cabeça para as crianças. Mary Poppins não se moveu. Mas falou.

– E cadê seu casaco, posso saber? – ela perguntou, olhando zangada, mas sem se mostrar surpresa, para Michael.

– E o seu *chapéu* e as *luvas*? – ela resmungou, virando-se para Jane.

Mas, antes que tivessem tempo para responder, o Serpentário virou um rebuliço.

– Hsssst! Hsssst!

As cobras, com um suave sibilar, levantaram sua parte dianteira, curvando-se em seguida para alguma coisa que estava atrás de Jane e de Michael. O Urso Marrom tirou seu quepe. E Mary Poppins, devagarinho, também se levantou.

– Minha querida criança. Minha queridíssima criança! – disse uma vozinha sibilante tão baixinha quanto delicada. E, saindo da maior de todas as jaulas com lento e suave serpentear, veio uma Hamadríade.[8] Ela deslizou em graciosas curvas ultrapassando as cobras dobradas em reverência, o Urso Marrom, e foi em direção a Mary Poppins. Quando a alcançou, a Hamadríade empinou a metade da frente de seu longo corpo dourado e, jogando sua capa dourada para cima, beijou Mary Poppins com delicadeza, primeiro em uma bochecha, depois em outra.

– Muito bem! – a Hamadríade sibilou suavemente. – Isto é muito encantador, muito encantador de verdade. Fazia muito tempo que seu Aniversário não caía em uma Lua cheia, minha querida. – E girou a cabeça.

– Permaneçam sentados, amigos! – pediu, cumprimentando com elegância as outras cobras, que na hora deslizaram de novo em

reverência ao chão, onde se enrodilharam e permaneceram olhando fixamente para a Hamadríade e para Mary Poppins.

A Hamadríade virou-se, então, para Jane e Michael, e com calafrios eles perceberam que o rosto dela era menor e mais sábio do que qualquer outro que jamais tivessem visto. Eles deram um passo adiante, pois os olhos profundos e intrigantes da Hamadríade parecia arrastá-los em sua direção. Eram compridos e estreitos, pareciam sonolentos, mas, em meio àquele negro torpor, havia uma luz tão acesa quanto a de uma joia.

– E quem são esses, posso saber? – a Hamadríade perguntou com voz suave e aterrorizante, observando as crianças de maneira interrogativa.

– Senhorita Jane Banks e senhor Michael Banks, à sua disposição – disse o Urso Marrom com voz grave, apesar de estar meio amedrontado. – Amigos *dela*.

– Ah, amigos *dela*. Então são bem-vindos. Meus queridos, podem se sentar.

Jane e Michael, sentindo que de alguma maneira estavam na presença de uma rainha – como de fato não haviam se sentido ao encontrarem o Leão –, desviaram com dificuldade daquele olhar atraente e procuraram onde se sentar. O Urso Marrom providenciou um lugar, acocorando-se e lhes oferecendo um joelho peludo para cada um.

Jane sussurrou:

– Ela fala como se fosse uma grande senhora.

– Ela *é*. Ela é a senhora de nosso mundo, a mais sábia e terrível entre todos nós – disse o Urso Marrom, em pausada reverência.

A Hamadríade sorriu, um longo, vagaroso e secreto sorriso, e virou-se para Mary Poppins.

– Prima – ela começou a sibilar gentilmente.

– Ela é *mesmo* prima dela? – cochichou Michael.

– Prima em primeiro grau por parte de mãe – respondeu o Urso Marrom, cochichando em segredo por trás de sua pata. – Mas agora prestem atenção. Ela vai dar o Presente de Aniversário.

– Prima – repetiu a Hamadríade –, há muito seu Aniversário não cai em uma Lua cheia, assim como há muito não celebramos o evento como

celebraremos esta noite. De modo que tive bastante tempo para dedicar alguma consideração à questão de seu Presente de Aniversário. E decidi – ela interrompeu a fala, e não houve nenhum som no Serpentário a não ser o de todas as criaturas prendendo a respiração – que não posso fazer nada melhor do que lhe dar uma de minhas próprias peles.

– Minha nossa, prima, é muita bondade sua – começou Mary Poppins, mas a Hamadríade ergueu sua capa exigindo silêncio.

– De forma alguma. De forma alguma. Você sabe que mudo de pele de tempos em tempos, e isso não significa muito para mim. Quem sou eu? – ela perguntou e olhou ao redor.

– A Rainha da Selva! – sibilaram todas as cobras em uníssono, pois tanto a pergunta quanto a resposta faziam parte de uma cerimônia bastante comum.

A Hamadríade assentiu.

– Portanto – ela disse – o que parece bom para mim também será bom para você. É uma pequena lembrança, querida Mary, mas você poderá utilizá-la para fazer um cinto ou um par de sapatos, talvez uma fita para seu chapéu. Como você sabe, essas coisas sempre são úteis.

Dizendo isso, começou a balançar com suavidade de um lado para o outro, e pareceu a Jane e a Michael que aquelas pequenas ondulações corriam por seu corpo inteiro, da cauda até a cabeça. De repente, ela deu um longo giro espiralado e sua pele dourada, que estava por fora, caiu inteira no chão, deixando em seu lugar um novo casaco prateado e reluzente.

– Espere! – disse a Hamadríade, enquanto Mary Poppins se abaixava para alcançar a pele. – Vou escrever uma dedicatória nela. – E passou a cauda muito velozmente ao longo da pele caída, fez um círculo com a pele dourada e enfiou sua cabeça por ela como se a pele fosse uma coroa, oferecendo-a, então, graciosamente, à Mary Poppins. Ela a aceitou, fazendo uma reverência.

– Não tenho palavras para agradecer-lhe – Mary Poppins começou, mas logo interrompeu sua fala. Era evidente que estava muito satisfeita, pois aproximava e afastava a pele de seu rosto e olhava para ela com admiração.

– Nem precisa tentar – disse a Hamadríade. – Hsst! – prosseguiu, esticando sua capa como se escutasse melhor com ela. – Terei ouvido o sinal da Grande Corrente?

Todos prestaram atenção. Um sino tocava e uma voz rouca muito profunda podia ser ouvida cada vez mais próxima, gritando:

– Grande Corrente, Grande Corrente! Todos ao centro da Grande Corrente e Grand Finale. Vamos, vamos. Preparem-se para a Grande Corrente!

– Como pensei – disse a Hamadríade, sorrindo. – Você deve ir, minha querida. Eles a aguardam para que você ocupe o lugar central. Adeus, até o seu próximo Aniversário – e ela se levantou como fizera anteriormente, e beijou Mary Poppins nas duas bochechas.

– Vá logo! – disse a Hamadríade. – Cuidarei de seus jovens amigos.

Jane e Michael sentiram os joelhos do Urso Marrom se movendo e ficaram em pé. Em volta de seus pés eles podiam sentir todas as cobras deslizando e se contorcendo enquanto saíam do Serpentário. Mary Poppins inclinou-se diante da Hamadríade muito cerimoniosamente, e sem ao menos olhar para as crianças, saiu correndo em direção ao grande Quadrado Verde que ficava no centro do Zoológico.

– Você pode nos deixar sozinhos – disse a Hamadríade ao Urso Marrom que, após reverenciá-la com humildade, saiu apressado com seu quepe na mão, indo para o lugar onde todos os outros animais se reuniam ao redor de Mary Poppins.

– Vocês me acompanham? – disse gentilmente a Hamadríade para Jane e Michael. Sem esperar resposta, ela deslizou entre eles, e com um movimento de sua capa indicou que caminhassem ao lado dela.

– Começou – disse, sibilando de prazer.

E pelos altos gritos que vinham agora do Quadrado Verde, as crianças puderam adivinhar o que ela queria dizer com Grande Corrente. Conforme se aproximavam, ouviam a cantoria e o berreiro dos animais, e logo viram leopardos e leões, castores, camelos, ursos, garças, antílopes e muitos outros, todos formando um círculo ao redor de Mary Poppins. Então os animais começaram a se mover, gritando selvagemente suas

Canções da Selva, pulando para dentro e para fora do círculo, e dando os braços e as asas enquanto dançavam na Grande Corrente dos Lanceiros.[9]

Uma vozinha titilante subiu acima das outras:

"Oh, Mary, Mary,

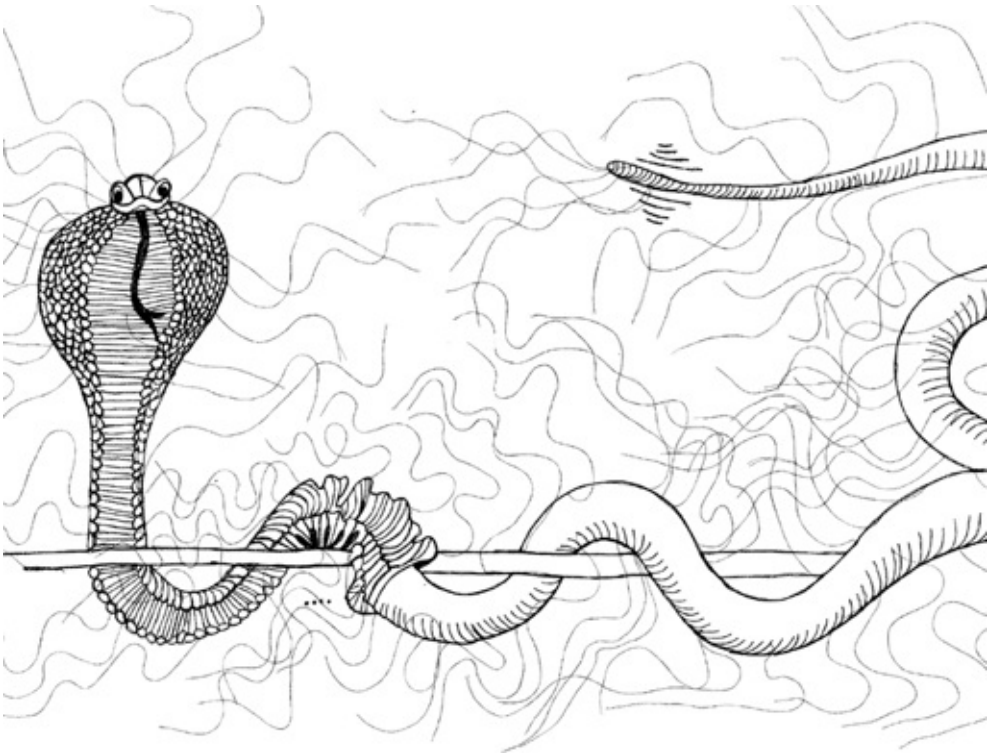
Ela é minha QUÉ-RIDA,

Ela é minha QUÉ-RIDAAAA!"

Eles viram o Pinguim que se aproximava, dançando, acenando com suas curtas asas e cantando a plenos pulmões. Ele também os viu, inclinou-se para a Hamadríade e gritou:

– Eu consegui! Vocês me ouviram cantá-la? Não saiu perfeita, claro. "QUÉ-rida" não *exatamente* rima com "Mary". Mas quebra o galho, ora se quebra! – e saiu pulando oferecendo sua asa a um leopardo.

Jane e Michael olharam a dança, e a misteriosa Hamadríade permanecia ao lado deles. Quando seu amigo Leão passou dançando de braço dado com um Pavão, Jane tentou timidamente traduzir seus sentimentos em palavras.



– Senhora, eu pensei... – ela começou e parou, sentindo-se confusa, e sem muita certeza se conseguiria falar ou não.

– Fale, minha criança! – disse a Hamadríade. – Você pensou?...

– Bem... que leões e pássaros, e tigres e os animaizinhos pequenos...

A Hamadríade a socorreu:

– Você pensou que eles eram inimigos naturais, que o leão não podia encontrar um pássaro sem pensar em comê-lo, nem o tigre ao coelho... Não é?

Jane corou e assentiu.

– Ah, você deve estar certa. É muito provável. Mas não no Aniversário – disse a Hamadríade. – Nesta noite os pequenos estão livres dos grandes e os grandes protegem os pequenos. Até mesmo eu... – ela interrompeu, parecendo refletir com profundidade –, até *eu* posso encontrar um ganso de Barnacle sem pensar em jantá-lo na mesma hora. Além disso – prosseguiu, chicoteando sua terrível linguinha bífida para fora e para dentro enquanto falava – pode ser que comer e ser comido seja a mesma coisa, afinal. Minha sabedoria me diz que é muito provável que sim. Somos todos feitos da mesma matéria, lembre-se, nós da Selva, vocês da Cidade. A mesma substância nos compõe, a árvore logo acima, a pedra debaixo de nós, a feiura, a beleza. Somos um só, todos rumando para o mesmo final. Lembre-se disso, mesmo quando você não se lembrar mais de mim, minha criança.

– Mas como a árvore pode ser pedra? Um pássaro não é igual a mim. Jane não é um tigre – disse Michael, resoluto.

– Você pensa que não? – disse a voz sibilante da Hamadríade. – Olhe! – e ela apontou a cabeça à massa movente de criaturas à frente deles.

Pássaros e animais agora bamboleavam juntos, em um remelexo em torno de Mary Poppins, que balançava levemente de um lado para outro. A multidão sacolejante seguia para a frente e para trás, compartilhando o mesmo ritmo, gingando feito maria-mole quando balança no prato.

Até as árvores se dobravam e se esticavam, e a Lua parecia tremular no céu como um navio oscila no mar.

– Pássaro e fera e pedra e estrela, somos todos um só, um só –

murmurava a Hamadríade, dobrando com discrição sua capa enquanto ela própria bamboleava entre as crianças.

– Criança e serpente, estrela e pedra... todos um só.

Com suavidade, a voz sibilante foi aumentando. Os gritos dos animais sacolejantes diminuíram e ficaram mais fracos. Enquanto escutavam, Jane e Michael sentiram que eles próprios sacudiam um pouco, ou então eram sacudidos...

Delicada, uma luz tênue caiu sobre suas faces.

– Os dois estão adormecidos e sonhando – disse uma voz sussurrante. Era a voz da Hamadríade, ou a voz de sua mãe enquanto os cobria em sua habitual ronda pelo quarto das crianças?

– Que delícia... – disse o Urso Marrom com sua voz grave, ou seria o sr. Banks?

Jane e Michael, gingando e bamboleando, não sabiam... não sabiam...

– Eu tive um sonho tão estranho na noite passada – disse Jane, enquanto polvilhava açúcar sobre seu mingau de aveia no café da manhã. – Sonhei que estávamos no Zoológico e que era aniversário de Mary Poppins, e em vez de animais havia seres humanos nas jaulas, e os animais estavam do lado de fora...

– Como assim? Esse é o *meu* sonho. Também sonhei isso! – disse Michael, parecendo muito surpreso.

– Nós dois não podemos ter sonhado a mesma coisa! – disse Jane. – Você tem certeza? Você se lembra do Leão que encaracolou sua juba e da Foca que gostaria que nós...

– Pulássemos por cascas de laranja? Claro que sim! E dos bebês dentro da jaula, e do Pinguim que não conseguia encontrar uma rima, e da Hamadríade...

– Então não pode ter sido um sonho, de jeito nenhum – disse Jane enfaticamente. – Deve ter sido *verdade*. E se foi... – ela olhou com curiosidade para Mary Poppins, que fervia o leite. – Mary Poppins, pode acontecer de Michael e eu sonharmos o mesmo sonho?

– Vocês e os seus sonhos! – disse Mary Poppins, fungando. – Coma seu mingau, por favor, ou não vai ganhar torrada com manteiga.

Mas Jane não ia desistir. Ela *precisava* saber.

– Mary Poppins – disse, olhando com firmeza para ela –, você esteve no Zoológico a noite passada?

Os olhos de Mary Poppins saltaram.

– No Zoológico? No meio da noite? Eu? Uma tranquila e organizada pessoa que sabe que dormir e acordar cedo torna um homem saudável, rico e sábio?

– Mas você *esteve lá*? – insistiu Jane.

– Tenho tudo o que preciso de um zoológico neste quarto de criança, muito obrigada – disse Mary Poppins, arrogante. – Hienas, orangotangos, todos vocês. Sentem-se direito e chega de absurdos.

Jane colocou seu leite na xícara.

– Então deve ter sido um sonho, afinal de contas.

Mas Michael olhava, de boca aberta, para Mary Poppins, que agora fazia torradas no fogão.

– Jane – ele disse com um sussurro agudo. – Jane, olhe! – apontou, e Jane também viu aquilo que ele olhava.

Ao redor da cintura, Mary Poppins usava um cinto feito de uma escamosa pele de cobra dourada, e nele estava gravado com uma letra serpenteante:

"Um Presente do Zoológico".

I. Compras de Natal

– Sinto cheiro de neve – disse Jane ao saírem do ônibus.

– Sinto cheiro de árvores de Natal – disse Michael.

– Sinto cheiro de peixe frito – disse Mary Poppins.

E daí não restou tempo para sentir cheiro de mais nada, pois o ônibus parou em frente à Maior Loja do Mundo, onde eles iam entrar para as compras de Natal.

– Podemos primeiro ver a vitrine? – perguntou Michael, pulando numa perna só, de tanta animação.

– Vamos, vamos, sim – disse Mary Poppins, com uma brandura surpreendente. Jane e Michael não ficaram *tão* surpresos assim, pois sabiam que a coisa de que Mary Poppins mais adorava era olhar as vitrines das lojas. Também sabiam que enquanto viam brinquedos e livros e ramos de azevinho e tortas de ameixa, Mary Poppins não via nada além do reflexo de si mesma.

– Olhem, aviõezinhos! – disse Michael assim que pararam diante da vitrine onde aeroplanos de brinquedo cruzavam o ar presos em arames.

– E olhem ali! – disse Jane. – Dois bebezinhos negros em um berço. Você acha que são de chocolate ou de porcelana chinesa?

– Olhem para *vocês*! – Mary Poppins disse para si mesma, notando, em especial, como suas novas luvas de pelica pareciam bonitas. Era o primeiro par que jamais tivera, e pensou que nunca se cansaria de olhá-las refletidas nas vitrines das lojas, com suas mãos elegantemente enfiadas dentro delas. Tendo examinado o reflexo das luvas, passou a analisar com cuidado a totalidade de sua pessoa – casaco, chapéu, cachecol e sapatos, com ela dentro – e pensou que nunca vira ninguém parecer tão inteligente e distinta.



Mas as tardes de inverno, ela sabia, eram curtas, e eles precisavam estar em casa na hora do chá. Assim, com um suspiro, afastou-se para longe de seu glorioso reflexo.

– Agora vamos entrar – ela disse, e irritou muitíssimo Jane e Michael por se demorar no balcão dos armarinhos e fazer uma grande confusão a respeito da escolha de um mero novelo de algodão negro.

– O Setor de Brinquedos – Michael a lembrou – fica *nesta* direção.

– Eu sei, muito obrigada. Não aponte – ela disse, e pagou a conta com uma lentidão exasperante.

E afinal eles se viram diante do Papai Noel, que se enfiou na maior confusão de todas ao se dispor a ajudá-los na escolha de seus presentes.

– Este serviria muito bem para o Papai – disse Michael, pegando um Ferrorama com sinalização especial. – E posso cuidar dos trens enquanto ele estiver na Cidade.

– Acho que vou escolher este para a Mamãe – disse Jane, empurrando um carrinho de bonecas que, ela tinha toda a certeza, sua mãe sempre quisera ter. – Talvez ela empreste o carrinho para mim de vez em quando.

Depois disso, Michael escolheu um pacote de fivelas para o cabelo de cada um dos Gêmeos e um jogo de montar protótipos para sua Mamãe, um besouro mecânico para Robertson Ay, um par de óculos para Ellen, que enxergava perfeitamente bem, e alguns cadarços de botinas para a sra. Brill – que só usava chinelos.

Jane, após alguma hesitação, decidiu que um babador branco seria mais do que perfeito para o sr. Banks, e comprou *Robinson Crusoé* para ler aos Gêmeos quando crescessem.

– Até eles crescerem posso ler para mim mesma – ela disse. – Tenho certeza de que vão emprestá-lo para mim.

Então Mary Poppins teve uma grande discussão com o Papai Noel a respeito de um sabonete.

– E por que não sabão neutro? – disse Papai Noel, procurando ser útil e olhando ansioso para Mary Poppins, que estava para lá de mal-humorada.

– Eu prefiro lavanda – ela disse com arrogância, comprando um sabonete com tal essência.

– Coitadinha de mim – ela disse, alisando a pelica da luva da mão direita –, estou morrendo por meia xícara de chá...

– Então será que você ressuscitaria por uma xícara inteira? – Michael quis saber.

– Ninguém perguntou para você, seu engraçadinho – disse Mary

Poppins, num tom que fez Michael sentir que realmente ninguém tinha perguntado.

– E é hora de ir embora para casa.

E pronto! Ela falou as tais palavras que esperavam que diria. Aquilo era tão a cara de Mary Poppins...

– Só mais cinco minutos – implorou Jane.

– Ah, por favor, Mary Poppins! Você está tão bonita com essas suas luvas novas – disse Michael, o espertinho.

Contudo, Mary Poppins, apesar de ter apreciado o elogio, não caiu na dele.

– Não – e fechou o bico com um estalido, caminhando com passo firme em direção à saída.

– Puxa vida! – Michael falou para si enquanto a seguia, cambaleando sob o peso de seus embrulhos. – Se ela dissesse "sim" ao menos uma vez.

Mas Mary Poppins se apressou e eles não tiveram alternativa a não ser acompanhá-la. Atrás deles, o Papai Noel acenava, e a Rainha das Fadas na árvore de Natal e todas as outras bonecas sorriam tristemente e diziam "Ei, você aí, me leve para casa!" e os aeroplanos trombavam suas asas e falavam com voz de passarinho "Me deixem voar! Ah, eu quero voar!".

Jane e Michael foram embora, tapando os ouvidos para aquelas vozes encantadoras, e sentindo que o tempo no Setor de Brinquedos fora indubitável e cruelmente curto.

E daí, bem no momento em que rumavam à saída da loja, a aventura começou.

Estavam prestes a atravessar a porta de vidro giratória e a sair quando viram se aproximar da calçada uma criança trêmula e veloz.

– Olhem! – disseram Jane e Michael, ao mesmo tempo.

– Ah, minha nossa, meu Senhor! – exclamou Mary Poppins, e parou.



E não era de se espantar seu desespero, pois a criança praticamente não usava roupas, vestia apenas uma tira insignificante de alguma coisa azul que parecia ter sido rasgada do céu para enrolar seu corpinho nu.

Era evidente que não entendia muito de portas giratórias, já que entrou e ficou dando voltas e voltas dentro dela, empurrando-a de tal maneira que a porta rodava cada vez mais rápido enquanto ela dava risadas, até ser empurrada de novo e sair girando e girando. Então, mais que de repente, com um movimento rápido e gentil, ela se libertou,

saltando pela porta e pousando bem no interior da loja.

Caiu na ponta dos pés, voltando a cabeça para os lados, como se procurasse alguém. Então, com cara de satisfação, deu de cara com Jane, Michael e Mary Poppins, que permaneciam do mesmo jeitinho, meio ocultos por um enorme pinheiro, e correu cheia de alegria na direção deles.

– Ah, *aí* estão vocês! Obrigada por esperar, hein. Acho que estou um pouco atrasada – disse a criança, esticando seus braços branquinhos para Jane e Michael. – Agora, me digam – ela inclinou a cabeça para um lado –, não estão felizes de me ver? Digam que sim, digam que sim!

– Sim – concordou Jane, sorrindo, pois ninguém deixaria, pensou, de se sentir feliz ao ver alguém tão iluminado e alegre. – Mas quem é você? – perguntou, com curiosidade.

– Qual é o seu nome? – perguntou Michael, olhando para a criança.

– Quem sou eu? Qual é o meu nome? Ah, não me digam que não me conhecem! Oh, sem dúvida, com toda a certeza... – a criança pareceu muito surpresa e um pouco desapontada. De súbito, ela se virou para Mary Poppins e apontou na direção dela.

– *Ela* me conhece. Não conhece? Tenho certeza de que você me conhece!

Havia uma expressão diferente no rosto de Mary Poppins. Jane e Michael podiam ver chamas azuis em seus olhos, como se refletissem o azul da roupinha da criança e sua luminosidade.

– Conheço, sim. Ô se conheço – ela sussurrou. – Seu nome começa com um M?

A criança saltitou numa perna, cheia de alegria.

– É claro que começa... e você sabe disso – ela se virou para Jane e Michael. – M-A-I-A. Eu sou a Maia.

– *Agora* vocês me reconhecem, não? Sou a segunda das Plêiades.[10]

Electra, que é a mais velha, não pôde vir pois está preocupada com Mérope. Mérope é a bebê, e as outras cinco ficam no meio. Todas garotas. De início nossa Mãe ficou muito desapontada de não ter um garoto, mas hoje ela nem liga mais.

A criança ensaiou mais alguns passinhos de dança e irrompeu novamente com sua vozinha cheia de animação:

– Oh, Jane! Oh, Michael... Eu sempre acompanho vocês lá do céu, e agora estou conversando de verdade com vocês, nem acredito. Não há nada sobre vocês que eu não saiba. Michael não gosta que penteiem seu cabelo e Jane tem um ovinho de sabiá dentro de um vidro de geleia bem em cima do friso da lareira. E o Pai de vocês está ficando careca bem aqui, no cocuruto. Acho ele legal. Foi ele quem nos apresentou, não se lembram, não? Ele falou em uma tarde do último verão: "Vejam, ali estão as Plêiades. Sete estrelas todas juntas, as menores lá do céu. Porém há uma delas que não pode ser vista". Ele se referia à Mérope, é claro. Ela ainda é pequena demais para ficar acordada a noite inteira. Ela é tão bebezinha que precisa ir para a cama bem cedo. Alguns lá em cima nos chamam de Irmãzinhas, e às vezes somos chamadas de Sete Pombas, mas Órion quando nos chama diz "Ei, garotas" e leva a gente para caçar com ele.

– Mas o que você está fazendo aqui? – perguntou Michael, ainda muito surpreso.

Maia riu.

– Pergunte para Mary Poppins. Tenho certeza de que ela sabe.

– Conte pra gente, Mary Poppins – disse Jane.

– Bem – disse Mary Poppins, com rispidez. – Imagino que vocês dois não sejam os únicos no mundo que gostem de fazer compras de Natal...

– É isso aí – concordou Maia, com deleite. – Ela está certa, certíssima. Vim aqui para baixo comprar brinquedos para todas elas. Não podemos sair com muita frequência, sabem, pois ficamos tão ocupadas fabricando e estocando Chuvas de Primavera. Esse é o trabalho especial das Plêiades. De todo modo, nós jogamos no palitinho e eu ganhei. Não sou sortuda?

Ela abraçou a si mesma, toda serelepe.

– Agora, vamos lá. Não posso ficar por muito tempo. E vocês precisam voltar e me ajudar a escolher.

E dançando em torno deles, correndo de um lado para outro, ela os guiou de volta ao Setor de Brinquedos. Enquanto andavam, multidões de

compradores paralisavam, deixando cair seus embrulhos, de tão maravilhados que ficavam ao vê-los.

– Ela deve estar com frio! O que os pais dela estão pensando da vida?! – disseram as Mamães, com vozes que soavam naturalmente gentis e suaves.

– É necessário que se diga! – falaram os Papais. – Isso não deveria ser permitido. Vou escrever para o jornal *The Times* sobre essa barbaridade – e suas vozes roucas e decididas não pareciam nem um pouco naturais.

Os clientes da loja também se comportavam de modo engraçado. Se um pequeno grupo de pessoas passava por eles, cumprimentava Maia como se ela fosse a própria rainha da Inglaterra.

Mas nenhum deles – nem Jane, nem Michael, nem Mary Poppins, nem Maia – percebeu ou escutou nada de extraordinário. Estavam ocupados demais com sua própria aventura extraordinária.

– Chegamos! – disse Maia ao entrar saltitante pelo Setor de Brinquedos. – E agora, o que vamos escolher?

Um Atendente a cumprimentou com uma reverência assim que a viu.

– Quero coisas para cada uma de minhas irmãs, que são seis. Você poderia me ajudar, por favor? – Maia sorriu para ele.

– Claro que sim, madame – assentiu o Atendente.

– Primeiro, para minha irmã mais velha. Ela gosta mesmo é de ficar em casa. Que tal esse fogãozinho com caçarolas prateadas? Com certeza. E também essa vassoura listrada. Temos tantos problemas com a poeira das estrelas, ela vai amar ter uma vassoura.

O Atendente começou a embalar as coisas em papel colorido.

– Agora, para a Taígete. Ela adora dançar. Acha que uma corda de pular seria ideal para ela, Jane? Você a embalaria com cuidado, não? – perguntou ao Atendente. – Tenho um longo trajeto de volta a percorrer.

Ela rodopiou entre os brinquedos sem parar um só momento, com passos leves e enérgicos como se ainda estivesse brilhando no céu.

Mary Poppins, Jane e Michael não podiam tirar os olhos de Maia enquanto ela pulava de um para o outro a solicitar conselhos.

– Agora tem a Alcione. Ela é bem difícil. É tão quieta e pensativa que

nunca parece gostar de nada. Que tal um livro, Mary Poppins? Que família é essa, *Os Robinsons suíços*? Acho que ela gostaria deste. E se não gostar, pode olhar as ilustrações. Pode embalar!

Ela estendeu o livro para o Atendente.

– Eu sei o que Celeno quer – ela prosseguiu. – Um bambolê. Ela vai poder rolá-lo pelo céu durante o dia e fazer um círculo ao seu redor à noite. Aposto que vai adorar aquele listrado de vermelho e azul ali.

O Atendente se agachou de novo e começou a empacotar o bambolê.

– Agora só faltam as duas menores. Michael, o que você sugere para Astérope?

– Que tal um pião? – disse Michael, dedicando a maior seriedade ao assunto.

– Um pião, que gira bem rápido? Que *ótima* ideia! Ela vai adorar girá-lo enquanto valsa e canta pelo céu. E o que você imagina para Mérope, a bebê, Jane?

– John e Barbara – disse Jane, com timidez – têm patos de borracha!

Maia soltou um guincho de prazer e abraçou a si mesma.

– Oh, Jane, como você é sábia! Eu nunca teria pensado nisso. Um pato de borracha para Mérope, por favor! Um azulzinho, de olhos amarelos.

O Atendente fechou todos os embrulhos, enquanto Maia corria ao redor dele, apalpando o papel e dando uns puxões nos barbantes para se certificar de que estavam bem amarrados.

– Tudo certo. Vocês sabem, não posso deixar cair nada.

Michael, que estivera olhando fixamente para Maia desde que ela aparecera, virou-se e cochichou para Mary Poppins:

– Mas ela não tem bolsa. Quem vai pagar pelos brinquedos?

– Não é de sua conta – replicou Mary Poppins. – E é falta de educação cochichar. – Mas começou a vasculhar apressadamente o fundo de seu bolso.

– O que foi que você disse? – perguntou Maia com olhos arregalados de surpresa. – Pagar? Ninguém vai pagar. Não tem nada para ser pago, tem?

Ela dirigiu seu brilhante olhar ao Atendente.

– De forma nenhuma, madame – ele assegurou, enquanto depositava os pacotes nos braços dela e novamente se inclinava.

– Foi o que eu imaginei. Sabe – Maia disse, virando-se para Michael –, o sentido do Natal é que as coisas devem ser *dadas* aos outros, concorda? Além disso, como eu poderia pagar? Não temos dinheiro lá em cima! – e riu com a mera menção de tamanho absurdo.

– Agora devemos partir – prosseguiu, dando o braço a Michael. – Todos devemos ir para casa. Já é muito tarde, e ouvi sua Mãe lhe dizer que você não deve chegar em casa atrasado para o chá. Ademais, também tenho de retornar. Venham – e, arrastando Michael, Jane e Mary Poppins em seu encalço, ela mostrou o caminho, até saírem da loja, passando pela porta giratória.

Do lado de fora, Jane disse de repente:

– Mas faltou o presente *dela*. Ela comprou coisas para todas as outras e nada para si mesma. A Maia não vai receber presente de Natal! – e começou a procurar apressadamente entre os pacotes que carregava para ver se encontrava algo para Maia.

Mary Poppins olhou disfarçadamente para a vitrine ao lado. Viu seu próprio reflexo reluzente. Parecia inteligente, muito interessante, seu chapéu estava aprumado, o casaco passado com delicadeza e suas novas luvas completavam o ótimo efeito geral.

– Fique quieta – ela disse bruscamente para Jane. Ao mesmo tempo, tirou suas luvas e as colocou nas mãos de Maia.

– Tome! – ela disse, com rispidez. – Hoje está frio. Você vai gostar de têlas com você.

Maia olhou para as luvas, que pareciam grandes demais e quase vazias sobre suas mãos. Não disse nada, mas se aproximou de Mary Poppins, enlaçou-a pelo pescoço e lhe deu um beijo. Elas trocaram um longo olhar, e sorriram como as pessoas costumam sorrir quando compreendem umas às outras. Então Maia se virou e tocou levemente as bochechas de Jane e Michael. E por um momento ficaram todos ali, juntos num círculo, contra a ventania que batia na esquina, olhando uns aos outros como se estivessem encantados.

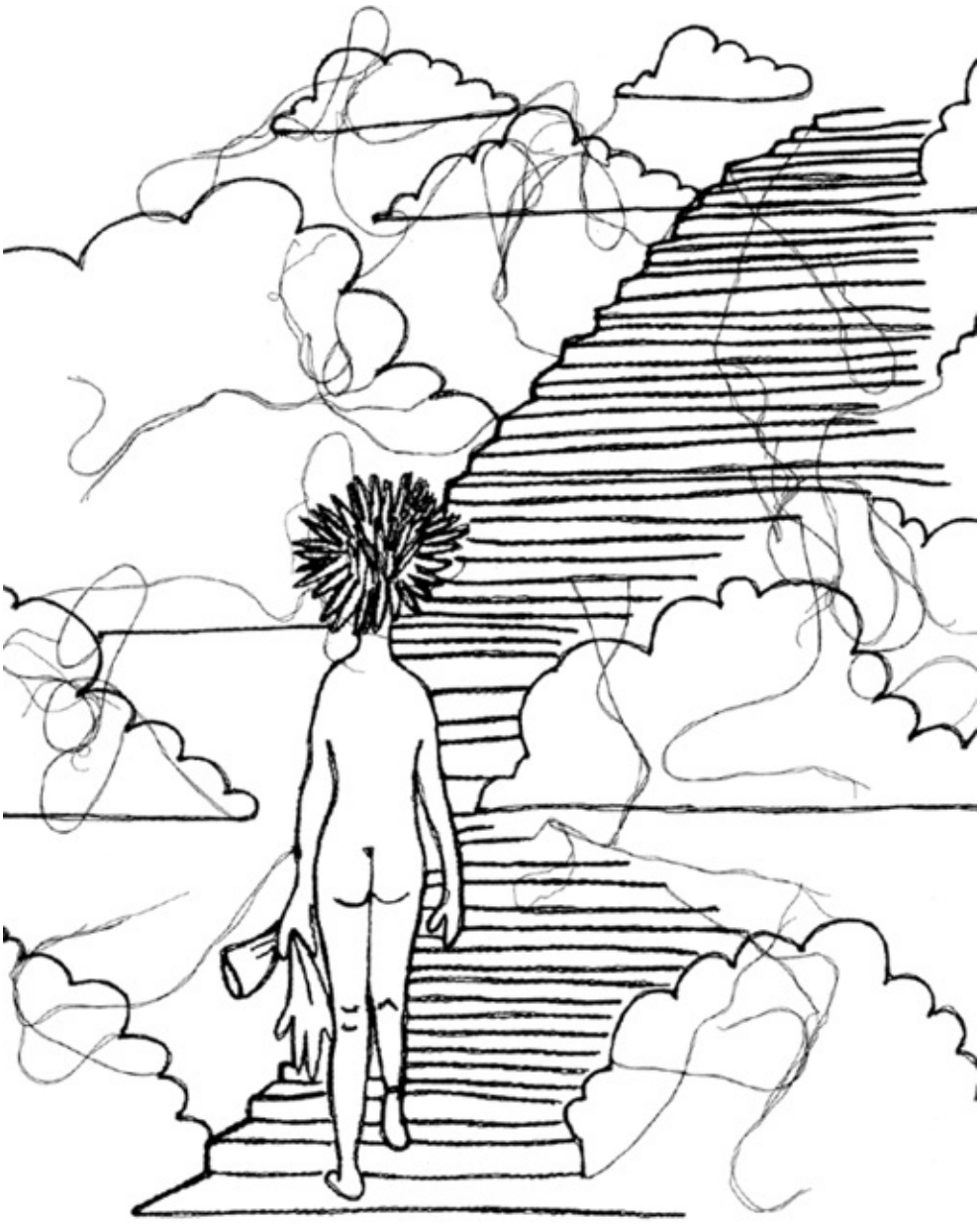
– Fiquei tão feliz – disse Maia com suavidade, quebrando o silêncio. – Vocês não vão me esquecer, vão?

Eles balançaram a cabeça.

– Adeus – disse Maia.

– Adeus – disseram os outros, embora fosse a última coisa que gostariam de dizer.

Então Maia se esticou na ponta dos pés, abriu os braços e saltou no ar. Ela começou a caminhar, subindo cada vez mais alto como se escalasse degraus invisíveis esculpidos no céu cinzento. Ela acenou para eles enquanto se afastava, e os três retribuíram o aceno.



– Mas o que é que está acontecendo? – disse alguém ali perto.

– Não é possível! – disse outra voz.

– Que absurdo! – gritou um terceiro. Uma multidão se formara para testemunhar a extraordinária visão de Maia retornando para casa.

Um Policial abriu caminho entre a aglomeração, dispersando as pessoas com seu cassetete.

– Ué, ué. O que que é isso que tá acontecendo? Um acidente ou que que foi, hein?

Ele olhou para cima, e seu olhar foi acompanhando o que a multidão observava.

– Eita! – o Policial berrou meio zangado, brandindo o punho para Maia. – Desce já daí, ô moleca *minina*! O que que cê tá fazendo aí? Tá deixando o povo maluco! Desce já daí! A gente não pode permitir um troço desses, não num lugar público. Isso não tá certo!

Lá de longe eles ouviram as risadas de Maia e enxergaram alguma coisa brilhante dependurada nos braços dela. Era um pedaço do barbante. No final das contas, os pacotes acabaram abrindo.

Por mais um instante, viram-na saltitar na escada de ar, e então a beirada de uma nuvem a encobriu, escondendo-a da visão de todos. Porém, sabiam que ela continuava lá atrás, graças ao brilho que transparecia no escuro do céu.

– Caramba, isso não é moleza! – exclamou o Policial, olhando para cima e coçando a cabeça debaixo do capacete.

– E não é moleza mesmo! – disse Mary Poppins, com tamanha ferocidade que todos poderiam pensar que ela estava zangada de verdade com o Policial.

Mas Jane e Michael não se impressionaram com o comentário dela. Além disso, era possível perceber nos olhos de Mary Poppins algo que poderiam descrever – não fosse aquela ali Mary Poppins – como lágrimas...

– Será que a gente imaginou isso? – perguntou Michael, quando chegaram em casa e contaram a história para a Mãe deles.

– Talvez – disse a sra. Banks. – Às vezes imaginamos as coisas mais lindas e estranhas do mundo, meu querido.

– Mas e as luvas da Mary Poppins? – questionou Jane.

– Nós vimos que ela deu as luvas para Maia. E agora ela não está mais usando. Então deve ter sido de verdade!

– Como assim, Mary Poppins?! – exclamou a sra. Banks. – Suas melhores luvas de pelica! E você as deu de presente?!

Mary Poppins deu uma fungadela.

– As luvas são minhas e eu faço o que bem entender com elas! – disse,

com altivez.

E ajeitou o chapéu e seguiu até a cozinha para tomar seu chá...

2. Vento Oeste

Foi no primeiro dia de Primavera.

Jane e Michael descobriram isso de uma só vez, pois ouviram o sr. Banks cantando no banheiro, e ele fazia isso somente em um dia do ano.

Eles sempre se lembravam daquela manhã em especial. Por um lado, porque foi a primeira vez que eles tiveram permissão para tomar o café da manhã no andar de baixo, e, por outro, porque o sr. Banks perdeu sua pasta preta. Assim, o dia começou com dois extraordinários acontecimentos.

– Cadê a minha *PASTA*? – berrou o sr. Banks, dando voltas e mais voltas na sala feito um cão caçando o próprio rabo.

E todos também começaram a dar voltas e mais voltas – Ellen, a sra. Brill e as crianças. Até Robertson Ay fez um esforço especial e deu duas voltas. Por fim, o sr. Banks descobriu sozinho que a pasta estava no escritório dele, e invadiu o saguão com ela erguida para o alto.

– Bem – ele disse, como se fosse fazer um sermão –, eu sempre deixo a minha pasta no mesmo lugar. Aqui. Bem perto dos guarda-chuvas. Quem a colocou no escritório? – ele urrou.

– Você, meu querido, quando pegou a Declaração de Impostos a noite passada – disse a sra. Banks.

O sr. Banks devolveu-lhe um olhar tão magoado que ela chegou a lamentar a falta de tato de não ter dito, simplesmente, que ela colocara a pasta lá.

– Humpf! Arrã-ummmpf! – ele fez, assoando o nariz com toda a força e pegando seu sobretudo do cabide. Com ele na mão, caminhou até a porta.

– Mas ora, ora, vejam só! – disse, alegremente. – As Tulipas-papagaio

estão em botão! – ele saiu para o jardim e farejou o ar. – Hmm. Acho que o vento está vindo do Oeste – olhou para a casa do Almirante Boom, onde o cata-vento em forma de telescópio balançava. – Como pensei. Típico clima do Oeste. Iluminado e perfumado. Nem vou levar o sobretudo.

E com esse comentário, pegou sua pasta e seu chapéu-coco e saiu apressado para a Cidade.

– Você ouviu o que ele disse? – Michael puxou o braço de Jane.

Ela assentiu. – O vento está vindo do Oeste – disse bem devagarinho.

Nenhum deles falou mais nada, mas havia um pensamento na cabeça de cada um deles que preferiam que não estivesse lá.

Logo, porém, acabaram esquecendo o assunto, pois tudo parecia estar como sempre esteve, e a luz do Sol da Primavera iluminou a casa de maneira tão bela que ninguém nem ao menos se lembrou de que ela andava precisando de uma mão de tinta e de um novo papel de parede. Muito pelo contrário, todos se pegaram pensando que aquela era a melhor casa da Cherry Tree Lane.

A encrenca, entretanto, começou depois do almoço.

Jane saíra para o jardim para cavar junto com Robertson Ay. Ela tinha terminado de plantar uma fileira de rabanetes quando ouviu um barulho de confusão vindo do quarto das crianças e o som de passos apressados nas escadas. Então Michael apareceu, com o rosto vermelho e a respiração ofegante.

– Olhe, Jane, olhe! – ele gritou, e abriu a mão. Dentro dela estava a bússola de Mary Poppins, com a seta girando freneticamente ao redor do disco no ritmo da mão trêmula de Michael.

– A bússola? – disse Jane, olhando-o com ar interrogativo.

De repente, Michael irrompeu em lágrimas.

– Ela deu a bússola para mim – ele choramingou. – Disse que agora tudo pode ser meu. Ai, ai, tem alguma coisa errada! O que vai acontecer? Ela nunca tinha me dado coisa nenhuma.

– Talvez ela esteja apenas sendo gentil – disse Jane para acalmá-lo, mas dentro de seu coração ela se sentia tão confusa quanto Michael. Sabia muito bem que Mary Poppins nunca perdia tempo com gentilezas.

Como se não bastasse – e dizer isso chegava a ser esquisito –, ao longo daquela tarde Mary Poppins não dissera uma palavra sequer de zanga. Na verdade, ela não tinha dito palavra alguma. Parecia estar afundada em pensamentos e, quando lhe faziam uma pergunta, ela respondia com uma voz distante. No fim das contas, Michael não suportava mais aquilo.

– Poxa, fique zangada, Mary Poppins! Zangue-se de novo! Desse jeito não parece você. Ai, isso me deixa tão aflito – e era verdade, o coração dele pesava ao pensar que alguma coisa, ele não sabia lá muito bem o quê, estava prestes a acontecer no Número Dezessete da Cherry Tree Lane.

– Encrenca e mais encrenca, e isso vai acabar encrencando você! – retorquiu Mary Poppins com sua voz brava usual.

De imediato, Michael sentiu-se um pouco melhor.

– Talvez seja só impressão – ele disse para Jane. – Talvez esteja tudo certo e estou apenas imaginando coisas, não acha, Jane?

– É provável – disse Jane, devagarinho. Mas ela pensava em coisas muito sérias e seu coração parecia espremido dentro do peito.

O vento aumentou, tornando-se mais forte à noitinha, e soprou em pequenas rajadas sobre a casa. Veio empurrando e sacudindo chaminés, insinuando-se pelas frestas debaixo das janelas e revirando as pontas do tapete do quarto das crianças.

Mary Poppins serviu-lhes o jantar e arrumou as coisas, empilhando-as organizada e metodicamente. Então deu uma ajeitada no quarto e pôs a chaleira no fogão.

– Pronto! – ela disse, observando ao redor para verificar se tudo estava em ordem. Ela ficou em silêncio por um minuto. Então colocou uma das mãos com suavidade sobre a cabeça de Michael, e a outra sobre o ombro de Jane.

– Agora, vou levar lá embaixo os sapatos para Robertson Ay limpar. Comportem-se, por favor, até eu voltar. – Ela saiu e fechou a porta devagar atrás de si.

Num ímpeto, quando Mary Poppins saiu, Michael e Jane sentiram que deviam correr atrás dela, mas algo parecia impedi-los. Ficaram quietos,

com os cotovelos na mesa à espera de que ela voltasse. Cada um deles tentava animar o outro sem dizer nada.

– Como somos tolos – Jane finalmente soltou. – Está tudo bem! – Mas ela sabia que dissera isso mais para confortar Michael do que por de fato acreditar.

As badaladas do relógio do quarto soaram altas lá de cima da lareira. O fogo que reluzia e crepitava aos poucos se apagou. E eles ainda permaneciam na mesa, à espera.

Afinal, Michael disse, inquieto:

– Faz bastante tempo que ela saiu, não faz?

O vento assoviou e zuniu na casa como se quisesse responder. O relógio prosseguiu em seu solene tique-taque.

De repente, o silêncio foi quebrado com o som da porta da frente sendo fechada com um forte estrondo.

– Michael! – Jane disse, sobressaltada.

– Jane! – Michael fez o mesmo, com o rosto branco de tanta ansiedade.

Eles escutaram. Então correram rapidamente até a janela e olharam para fora.

Lá embaixo, bem diante da porta da frente, estava Mary Poppins, vestida com seu casaco e seu chapéu, segurando em uma das mãos sua mala feita de tapete e, na outra, sua sombrinha. O vento soprava com força sobre ela, inflando sua saia e levantando seu chapéu, com displicência, para o lado. Mas pareceu a Jane e Michael que Mary Poppins não se importava, pois sorria como se ela e o vento entendessem um ao outro.

Mary Poppins parou por um momento no degrau e olhou para trás, na direção da porta da frente. Então, com um rápido movimento, abriu a sombrinha, embora não chovesse, e a colocou sobre a cabeça.

O vento, com um uivo selvagem, deslizou por debaixo da sombrinha, pressionando-a para cima como se quisesse arrancá-la da mão de Mary Poppins. Mas ela a segurou com força e isso, aparentemente, era o que o vento gostaria que ela fizesse, pois em seguida levantou a sombrinha bem alto no ar e Mary Poppins do chão. Carregou-a com tal delicadeza

que somente a ponta de seus sapatos roçava a trilha do jardim. Daí, levantou-a por cima do portão da frente, varrendo-a sobre os ramos de cerejeiras da rua.

– Ela está indo embora, Jane, ela está indo embora! – gritou Michael, em prantos.

– Rápido! – berrou Jane. – Vamos levar os Gêmeos. Eles precisam vê-la pela última vez! – Ela não tinha dúvidas agora, nem Michael, de que Mary Poppins tinha ido embora de vez porque o vento mudara.

Cada um deles pegou um dos Gêmeos e correu até a janela.



Mary Poppins estava bem alto no ar, flutuando longe sobre as cerejeiras e sobre os telhados das casas, segurando com força a sombrinha com uma das mãos e, com a outra, levando a mala de tapete.

Os Gêmeos começaram a chorar baixinho.

Com suas mãos livres, Jane e Michael abriram a janela e fizeram um último esforço para interromper o voo de Mary Poppins.

– Mary Poppins! – eles gritaram. – Volte, Mary Poppins!

Mas ela não os ouviu, ou deliberadamente não prestou atenção, pois saiu navegando alto e além, bem lá em cima no céu sibilante e cheio de nuvens, até sumir de vez flutuando ao longe sobre a colina, e as crianças não puderam ver mais nada a não ser as árvores dobrando e gemendo sob o selvagem Vento Oeste...

– No fim, ela fez o que disse que faria. Ficou até que o vento mudasse... – disse Jane, soluçando e se afastando com tristeza da janela. Ela colocou John no berço. Michael não disse nada, mas cafungava ao trazer Barbara de volta e cobri-la no berço.

– Será – disse Jane – que a veremos de novo algum dia?

Então ouviram vozes na escada.

– Crianças, crianças! – a sra. Banks os chamava ao abrir a porta. – Crianças... Estou muito chateada. Mary Poppins nos deixou...

– Sim – disseram Jane e Michael.

– Então vocês sabiam? – perguntou a sra. Banks, um pouco surpresa. – Ela avisou a vocês que estava indo embora?

Eles sacudiram a cabeça, e a sra. Banks continuou:

– É ultrajante. Em um minuto está aqui e, no outro, já se foi. Nem ao menos uma satisfação. Era só dizer "estou indo!" e ir embora. Nunca vi nada tão absurdo, tanta falta de cortesia e de consideração. O que é isso, Michael? – ela interrompeu, irritada, pois Michael agarrara sua saia com as mãos e a balançava.

– O que foi, meu querido?

– Ela disse que voltaria? – ele gritou, quase derrubando a mãe. – Me diz, ela disse?

– Você *não* vai se comportar como um pele-vermelha, Michael? – ela disse, afrouxando o abraço. – Não lembro *o que* ela disse, a não ser que estava indo embora. Mas com certeza eu não a aceitaria de volta se ela quisesse retornar. Me deixar na mão assim sem avisar, humpf!

– Oh, Mamãe! – disse Jane, em reprovação.

– Você é uma mulher muito cruel – disse Michael, cerrando os punhos como se fosse atingi-la a qualquer minuto.

– Crianças! Estou com vergonha de vocês, de verdade! Querer de volta

alguém que tratou sua mãe tão mal. Estou completamente chocada.

Jane irrompeu em lágrimas.

– Mary Poppins é a única pessoa que eu quero no mundo! – Michael gemeu, jogando-se no chão.

– Realmente, crianças, realmente! Não compreendo vocês.

Comportem-se, eu lhes imploro. Não há ninguém para cuidar de vocês esta noite. Preciso sair para jantar e é o Dia de Folga de Ellen. Terei de acordar a sra. Brill – e beijou-os, distraída. Ao sair, tinha uma pequena linha de preocupação na testa...

– Ora bolas, se eu faria isso! Ir embora e deixar vocês, pobres crianças, desamparadas desse jeito – disse a sra. Brill, de maneira espalhafatosa, um momento depois, quando entrou no quarto para cuidar deles.

– Um coração de pedra, é isso o que aquela moça tinha *com certeza*, ou meu nome não é Clara Brill. Sempre pensando em si mesma, e não deixou nem um lenço de renda ou um alfinete de chapéu como lembrança. Por favor, levante-se, senhor Michael! – prosseguiu a sra. Brill, arquejante. – *Não sei* como a aguentamos tanto tempo, com suas empáfias e gracejos e tudo o mais. Quantos botões, senhorita Jane! Fique parado agora, deixe-me tirar sua roupa, senhor Michael. Também era simplória, não havia muito o que fazer. De todo modo, considerando todas as coisas, talvez estejamos melhor sem ela, afinal. Agora, senhorita Jane, onde está a sua camisola? Ué, o que é isso debaixo do seu travesseiro?

A sra. Brill tirou de lá um pacotinho cheio de nós.

– O que é isso? Dê para mim, me dê – disse Jane, tremendo de excitação, e arrancou-o com rapidez das mãos da sra. Brill. Michael se aproximou e ficou olhando os barbantes serem desatados e o papel marrom, rasgado. A sra. Brill, sem esperar para ver o que sairia do embrulho, foi cuidar dos Gêmeos.

A última volta do papel caiu no chão, e a coisa que estava no pacote

ficou na mão de Jane.

– É o retrato dela – murmurou, olhando-o bem de pertinho.

E era mesmo!

Dentro de uma moldura toda cheia de detalhes em relevo havia uma pintura de Mary Poppins, e debaixo dela estava escrito: "Mary Poppins, por Bert".

– Este é o Rapaz dos Fósforos, foi ele quem fez – disse Michael, pegando o retrato para poder ver melhor.

Então Jane descobriu que havia uma carta pregada à pintura. Ela desdobrou o papel com muito cuidado. Dizia:

QUERIDA JANE,
Michael ganhou a bússola, então este retrato é para você. *Au revoir*.
MARY POPPINS

Ela leu aquilo em voz alta até chegar às palavras que não podia entender.

– Senhora Brill! – ela chamou. – O que quer dizer "*au revoir*"?

– Au revoá, queridinha? – guinchou a sra. Brill, do quarto ao lado. – Humm, deixe-me ver, não entendo muito essas palavras estrangeiras, será que não quer dizer "Deus a abençoe"? Não. Não, eu me enganei. Tenho a impressão, querida senhorita Jane, de que significa "até breve".

Jane e Michael olharam um para o outro. Em seus olhos brilhavam compreensão e felicidade. Eles sabiam o que Mary Poppins queria dizer.

Michael soltou um longo suspiro de alívio.

– Está tudo bem – ele disse, trêmulo. – Ela sempre faz o que diz que vai fazer. – E se virou.

– Michael, você está chorando? – perguntou Jane.

Ele balançou a cabeça e tentou sorrir para ela.

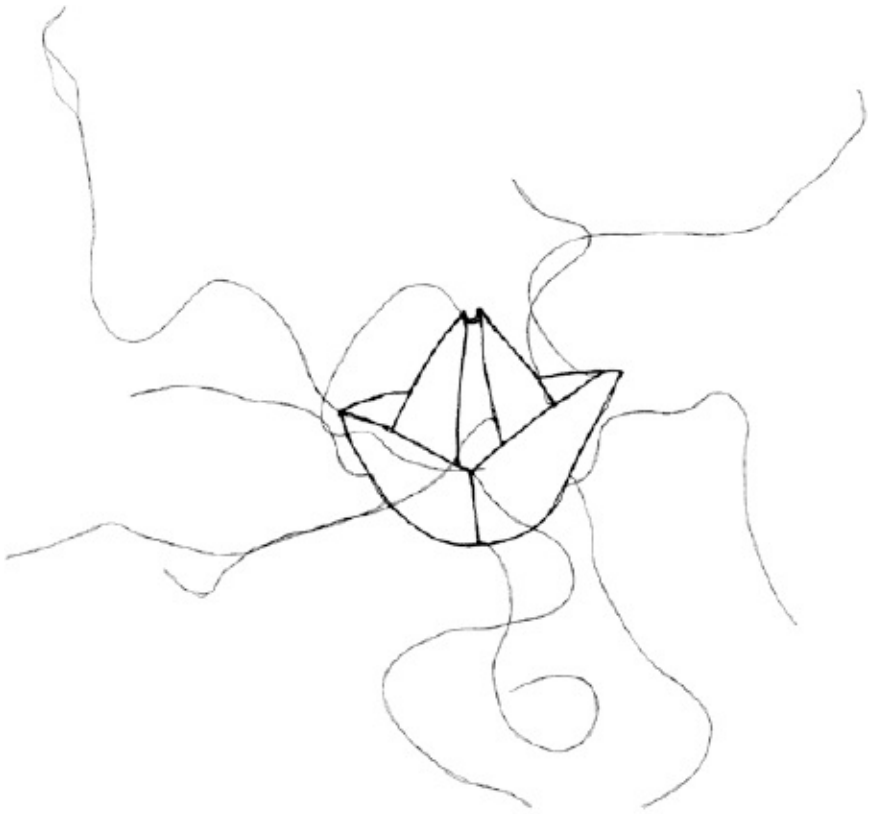
– Não, não estou. É só um cisquinho no olho.

Ela o empurrou gentilmente para a cama e, assim que deitou, apressou-se – para não ter tempo de se arrepender – em colocar o retrato de Mary Poppins na mão dele.

– Pode ficar com ele esta noite, querido – sussurrou Jane, cobrindo-o

do mesmo jeito que Mary Poppins costumava fazer...





Posfácio Sandra Guardini T. Vasconcelos

> *You do not chop off a section of your imaginative substance and make a book specifically for children for – if you are honest – you have, in fact, no idea where childhood ends and maturity begins. It is all endless and all one.*
>
> "I never wrote for children", P. L. Travers

Descontente com o lugar no mundo que sua posição social lhe reserva, numa Inglaterra estratificada em que só a aristocracia e a pequena nobreza proprietária de terras tinham status e privilégios, o jovem Robinson Crusoé decide deixar a casa paterna e seguir sua "inclinação pela vida errante",[11] lançando-se ao mar como marinheiro, em busca de fortuna e ascensão social. O desfecho dessa escolha é conhecido: vítima de várias vicissitudes e infortúnios, ele acaba por naufragar próximo a uma ilha deserta, na qual é forçado a viver por quase trinta anos, antes de ser restituído à sua terra natal, para onde finalmente retorna rico e reconciliado. Eis aqui, em linhas muito gerais, o resumo da narrativa que não apenas criou um dos "mitos do individualismo moderno",[12] mas também fundou o romance inglês e atravessou o tempo e o espaço para se tornar parte do imaginário da cultura ocidental. *Robinson Crusoé*, publicado em 1719 por Daniel Defoe, valendo-se dos relatos de viagem tão populares à época, alinhavou sondagem espiritual e aventura, exotismo e cotidiano, realismo de apresentação[13] e experiência humana, e inaugurou uma das vertentes novelísticas que fariam história na tradição inglesa.

Desde os gregos – tanto nos mitos quanto na epopeia – o espírito de aventura foi elemento essencial da ficção, no âmbito da qual os

deslocamentos espaciais expunham as personagens a toda sorte de peripécias e abriam as portas para a ação do acaso. *Robinson Crusoé* se filiará a essa linhagem e lhe acrescentará algo novo – o imperativo da satisfação das necessidades vitais pelo trabalho, pois os deuses já não regem seu destino e já não estão ao seu lado. Para enfrentar o desamparo e manter sua condição humana em situações de risco, o náufrago terá de contar apenas com seus próprios meios, na difícil tarefa de sobrevivência e de superação dos perigos e desafios a que é submetido no curso de suas aventuras.

Em comparação com a forma arcaica, a versão moderna do romance de aventura apresenta um diferencial importante, pois não apenas introduz um compromisso com a verossimilhança, ou "sentimento de verdade", mas estabelece nexos com a vida real, que vêm se somar à sua inegável faculdade de estimular a imaginação e a fantasia. O romance, com suas raízes firmemente fincadas no tempo histórico e em contextos socioculturais específicos, tem a capacidade de escavar a superfície e penetrar nas correntes subterrâneas de uma vida, de uma comunidade, de uma experiência, o que lhe confere a prerrogativa de produzir uma impressão de verdade. Todo o desenvolvimento do romance inglês, a partir desse momento inaugural até pelo menos o final do século XIX, se pautará pelo entrelaçamento, em diferentes proporções, desses dois modos narrativos que já se podem entrever na obra de Defoe: por um lado, em contraste com os assuntos lendários ou tradicionalmente heroicos, o "realismo", compreendido como a presença da realidade cotidiana, comum, contemporânea, a qual, com a ascensão da burguesia, passou a ser associada com essa nova classe social e foi denominada de "doméstica" e "burguesa", tendo o romance sido um dos principais veículos dessa nova consciência; de outro lado, o romanesco, cujo maior traço distintivo reside no recurso ao maravilhoso e à violação das leis naturais, e cujo enredo se baseia na lógica do acontecimento e, portanto, numa estrutura episódica que se sobrepõe aos detalhes da vida cotidiana e à sondagem das motivações íntimas das personagens.

Os romances que fazem das aventuras de seus protagonistas o princípio organizador do enredo formam uma verdadeira família, que

inclui autores como Sir Walter Scott, Fenimore Cooper, Eugene Sue, Jules Verne, Rider Haggard, Rudyard Kipling, entre outros. Como categoria, que passa a nomear uma forma específica de narrativa cujo objetivo primordial é narrar uma história de aventuras, pois não pode existir sem elas, o romance de aventura surge no século XIX, com os clássicos de Alexandre Dumas (*Os três mosqueteiros*, 1844; *O conde de Monte Cristo*, 1845-46) e Robert Louis Stevenson (*A Ilha do Tesouro*, 1883). Jean-Yves Tadié define a aventura como "a irrupção do acaso, ou do destino, na vida cotidiana"[14] e argumenta que o romance de aventura apresenta um conjunto de convenções, para as quais não importa situar os eventos social ou historicamente, ou reproduzir dados da realidade. Segundo ele, o fundamental é que uma boa aventura dialogue com as paixões humanas elementares, que fazem parte da nossa vida cotidiana: a liberdade, a coragem, o medo, a angústia e a morte.

Entre a lufada do Vento Leste que traz Mary Poppins a Cherry Tree Lane e a do Vento Oeste que a leva embora, é exatamente o acaso que irrompe no cotidiano das crianças da família Banks, abrindo-lhes as portas de um mundo de aventuras e fantasia e expondo-as à vivência das paixões elementares de que fala Tadié. Nesse universo mágico e até certo ponto protegido que a babá "igual a uma boneca holandesa de madeira" lhes faculta, elas escapam da realidade prosaica e vivem a possibilidade de experiências extraordinárias, das quais retornam mais aptas a enfrentar o grande desafio que está na base e na origem dessas narrativas. Já se disse do romance que ele é a história da formação, que compreende a passagem da ingenuidade para a visão real das coisas, da inocência para a experiência. No plano do que se convencionou denominar de literatura infantojuvenil, poder-se-ia traduzir essa concepção em termos do tema que constitui seu nervo, seu cerne, e em torno do qual gira sua razão de ser, isto é, a questão do crescimento, com as dificuldades, temores, incertezas que lhe são inerentes. Adultos ou crianças, tanto protagonistas quanto leitores, esses vicariamente, se defrontam com as venturas e desventuras que a vida lhes reserva e aprendem com elas.

O princípio que rege toda uma estirpe da prosa de ficção desde *Robinson Crusoé*, esse da mescla de realismo e romanesco, portanto,

opera de maneiras variadas e em proporções diversas acionando um repertório de procedimentos que, de uma forma ou de outra, passará a ser mobilizado também para narrar histórias destinadas ao público infantojuvenil. Na Grã-Bretanha, a assim chamada "Era de Ouro" da literatura infantil, que data de meados do século XIX e vai até a Primeira Guerra Mundial, produziu obras-primas como *Alice no País das Maravilhas* [1865], de Lewis Carroll, e *Peter e Wendy* [1911], de J.M. Barrie, com as quais *Mary Poppins* dialoga ainda que indiretamente. Nelas, a ordem racional da realidade cotidiana é subvertida ou posta em questão, abrindo espaço para outros planos e realidades alternativas, nas quais, acompanhadas ou não por um adulto, as crianças se envolvem em peripécias que as submetem a provas e as obrigam a se valer de suas habilidades e capacidades para negociar diferenças, resolver impasses, safar-se de perigos, na árdua tarefa de crescer e amadurecer.

A lógica narrativa que preside *Mary Poppins* não deixa de ser uma adaptação dos esquemas do romance de aventuras, pelo qual a chegada imprevista da babá à casa dos Banks descortina a existência de um mundo paralelo e mágico, no qual estão suspensas as regras de funcionamento que organizam o modo de ser do nosso cotidiano. A qualquer momento, e de forma totalmente inesperada, na esfera do comum e do banal cria-se uma dobra que desloca as crianças no tempo e no espaço, como janelas para um âmbito outro, que lhes proporcionará o enfrentamento do desconhecido e a experiência do maravilhamento. No reino encantado, o extraordinário é a norma – vacas dançam, animais falam, tios levitam, desenhos adquirem vida – e contrasta com a rotina sem graça em que estão encerrados os adultos como o sr. Banks e seu emprego no banco e a sra. Banks e seus compromissos sociais. Não Mary Poppins, é claro.

A babá que o Vento Leste deposita na soleira da porta dos Banks, sombrinha e mala de tapete nas mãos, habita esse espaço liminar, entre o universo adulto e o infantil, que lhe dá uma conformação e características muito peculiares. O Estorninho a define como a "Grande Exceção", pois ela não perdeu a capacidade de ouvir, entender e se comunicar com os seres irracionais e com a natureza, conservando assim

seu lado criança, enquanto seu rosto severo, olhar penetrante, voz gélida e ameaçadora manifestam seu desprazer e irritação quando contrariada ou contestada – é o adulto em sua posição de autoridade, exigindo obediência e submissão a seus desígnios e decisões.

A escolha de seu sobrenome não é absolutamente casual e é parte desse estatuto ambíguo que define a personagem. "Poppins" é um termo obsoleto ou dialetal que denomina uma pequena figura humana, utilizado na bruxaria e na feitiçaria; contudo, é também uma expressão de apreço, variante de *poppet* ou *puppet*, cujos vários significados acrescentam camadas de sentido a esse ser enigmático: boneca, pessoa pequena e delicada, menina. Ressoa em seu sobrenome ainda o *pop in*, verbo cujo significado também nos diz algo sobre ela, sobre o modo como ela surge rápida e inesperadamente, como faz aparecer e desaparecer coisas, pessoas, animais e aventuras na vida cotidiana de seus "pupilos". Todas essas acepções dão a dimensão dessa personagem que, apesar de seu temperamento tão pouco similar ao das fadas boas dos contos tradicionais, pois é um tanto rabugento e altivo, apresenta um mundo novo para as crianças da casa, assume a responsabilidade de cuidar delas e, de certo modo, substitui pais tão ausentes, cuja disposição e disponibilidade para se dedicar aos filhos parecem inexistentes.

Dessa perspectiva, *Mary Poppins* se associa a outra forte tradição do romance inglês, aquele que tem no seu centro a figura da preceptora e cujo texto paradigmático é *Jane Eyre* [1847], de Charlotte Brontë. Mary Poppins não se encarrega propriamente da instrução privada das crianças; porém, como não se furta a lhes ministrar preceitos e lições, pode ser aproximada das muitas jovens e mulheres que, na vida real e na ficção, ocuparam um lugar bastante ambíguo na ordem social inglesa ao desempenhar funções assalariadas no âmbito doméstico e assumir a tarefa da educação das crianças, uma atribuição que era, em princípio, a razão de ser da maternidade no mundo vitoriano. Num certo sentido, Mary pode ser compreendida como uma releitura dessa personagem que o século XIX inglês confinou a uma espécie de limbo – a educadora, preceptora ou governanta que, vivendo entre o alojamento dos criados, a sala de visitas e o quarto das crianças, já foi descrita como uma sombra

errante,[15] pelo seu deslocamento social, pela confusão entre espaço público e privado que sua atuação produzia, pela sua condição de assalariada em uma sociedade em que era vedado às mulheres com algum status o acesso ao universo do trabalho. Na Inglaterra vitoriana, às mulheres das classes mais altas e abastadas cabiam papéis muito bem definidos, todos circunscritos à esfera da casa e da família, ao passo que para as mulheres pobres restava a luta pela sobrevivência num mercado de trabalho que previa para elas empregos como operárias, criadas, costureiras, chapeleiras etc. Babás, governantas e preceptoras transitavam, de certo modo, numa espécie de espaço intermediário, entre o mundo do trabalho e o mundo doméstico, participando de ambos e não pertencendo de modo exclusivo a nenhum.

Nada sabemos sobre Mary Poppins, sua origem, parentesco, seus meios ou situação. Faz parte das convenções do romanesco e, no limite, da fantasia esse recurso a personagens simplificadas, sem história. Ainda que a narrativa dê inúmeras indicações de que se passe na cidade de Londres, não há marcos temporais claros que permitam situá-la com precisão. Se, conforme se sugere, estamos no reinado de Edward VII [1901-10], os ecos da era vitoriana parecem ainda se fazer ouvir, uma vez que a narrativa aparenta herdar dessa época essa noção de família na qual o papel da mulher e da mãe se define em função dos afazeres da casa e da educação dos filhos, não lhe restando muitas outras opções para seu desenvolvimento pessoal ou intelectual. Ao atender o chamado da sra. Banks e responsabilizar-se pelo cuidado de Jane, Michael e dos gêmeos John e Bárbara, Mary assume um papel absolutamente comum nos lares dos mais endinheirados (o que não é bem o caso dos Banks, obrigados a escolher entre uma casa melhor e os filhos) e encarna a típica babá inglesa – respeitável, empertigada, tornando-se uma referência para as crianças, que aprendem a negociar seus modos pouco ortodoxos e a não se surpreender com suas idiossincrasias. Ao contrário de suas contrapartes reais, entretanto, goza de uma liberdade e de uma autonomia pouco usuais entre as mulheres de condições similares à sua na ordem social inglesa. Mary Poppins, como ela insiste em lembrar, não é de dar explicações e espera ser obedecida sem contestação. Assim como

surge não se sabe de onde nem como, parte não se sabe por quê nem para onde, como uma lufada – forte, repentina, passageira – que soprou e transformou durante algum tempo a vida da família. A partida deste ser incomum devolve as crianças à realidade delas, normaliza o cotidiano e produz nelas um sentimento de perda que o retrato e a bússola que Mary lhes deixa não preencherá. Também não é a mãe que assumirá, finalmente, o lugar e o papel que lhe cabem naquele universo familiar; sua reação à ausência da babá é egoísta e autocentrada, a ponto de levar Michael a constatar, sem rodeios – "você é uma mulher muito cruel" [p. 175]. O gesto de Jane, de cobrir o irmão tal qual Mary costumava fazer, sinaliza o retorno irreconciliado dos meninos ao real e parece acentuar a solidão e abandono deles.

A pequena figura feminina de sombrinha e mala de tapete nas mãos tornou-se mundialmente conhecida graças ao filme realizado pelos Estúdios Disney, sob a direção de Robert Stevenson. Maior bilheteria no ano de seu lançamento, em 1964, *Mary Poppins* também colecionou vários prêmios, entre os quais o de melhor atriz para Julie Andrews. O que se viu nas telas, no entanto, foi não apenas uma adaptação edulcorada do original, a qual fez de Mary uma severa porém doce, simpática e adorável babá inglesa, mas uma verdadeira releitura, pois abordava questões de ordem social e política que eram preocupações norte-americanas na década de 1960. Anne McLeer argumenta que, apesar do cenário e dos atores estrangeiros, a versão cinematográfica de *Mary Poppins* tratava de inquietações relativas à masculinidade, à maternidade, aos papéis de gênero no âmbito doméstico e à constituição da família em um contexto muito específico,[16] constituindo-se, dessa maneira, numa resposta ao florescente movimento feminista, aos níveis crescentes de reconhecimento da mudança do lugar da mulher na sociedade e ao progressivo enfraquecimento do poder patriarcal dos homens na família – transformações que se tornavam mais visíveis nessa quadra histórica no contexto norte-americano. Dessa perspectiva, a ação e a passagem da babá no lar dos Banks deixariam como saldo positivo a restituição do pai, cuja função como chefe da família parecia estar ameaçada, ao seu lugar de direito, assegurando, ao mesmo tempo, que as

relações familiares se modernizassem. Para McLeer, o filme fala ao "imaginário hollywoodiano" ao dar um tratamento alegórico a essas preocupações que rondavam a sociedade norte-americana da época. Não por acaso, a sra. Banks da tela é uma *suffragette* e aparece tão envolvida com seu ativismo político que não tem tempo para se dedicar aos filhos, deixando-os aos cuidados das sucessivas babás. O pai é igualmente ausente e sua autoridade só se restaura ao final, quando ele retoma as rédeas e o comando da casa e, junto com a mulher, reassume sua posição, agora em outros termos. Graças a Mary, que foi quem desempenhou de fato as funções maternas durante sua permanência no lar dos Banks, a família aprendeu a viver como tal – a cena final, em que eles se dirigem ao parque para empinar pipa, é emblemática dessa harmonia e do papel civilizador que a presença da babá exerceu naquele espaço doméstico.

Assim, aqueles que a conheceram apenas nas telas do cinema não saberão quem é exatamente Mary Poppins até ler o pequeno livro que fez a fama da jornalista e poeta australiana Pamela Lyndon Travers [1899-1996]. Publicado em 1934, *Mary Poppins* foi o primeiro de uma sequência de outros mais,[17] todos tendo essa personagem *sui generis* e um tanto mal-humorada no centro de seus enredos. Ela nasceu durante um período de convalescença de P. L. Travers, que afirmava nunca ter tido a intenção de escrever livros infantis quando Mary tomou forma no papel:

> Sempre imaginei que Mary Poppins tenha surgido naquela época apenas para me distrair e que foi só quando uma amiga viu algumas de suas aventuras escritas e as julgou interessantes que ela decidiu permanecer tempo suficiente para que eu a pusesse em um livro. Nem por um momento acreditei que a tivesse inventado. Talvez ela tenha me inventado, e é por isso que acho tão difícil escrever notas autobiográficas![18]

Se de um ponto de vista estritamente literário Mary *Poppins* pode ser filiado a certas vertentes do romance inglês, o profundo interesse de sua autora pelo misticismo e pelos mitos acrescenta ressonâncias ainda de outra ordem à sua excêntrica protagonista e aos diversos episódios que abrem para os Banks as portas do mundo da fantasia. A relação de amizade de Travers com o editor, poeta, líder nacionalista e místico irlandês George William Russell, conhecido pelo pseudônimo de *Æ*, levou-a a entrar em contato com outros escritores irlandeses, entre os

quais o poeta William Butler Yeats, possibilitando-lhe absorver a rica tradição mítica e folclórica daquele país e despertando-a para o estudo da teosofia, do espiritualismo e de várias formas de misticismo, assuntos que fascinaram Travers por toda a vida. Seja escrevendo para crianças ou para adultos, sua obra revela esse interesse, e também a crença na natureza relacional da experiência humana e a busca infatigável pelo sentido. Nos episódios de *Mary Poppins* estão entretecidos motivos místicos e se podem depreender alusões simbólicas, como referências a danças rituais e ecos de teorias teosóficas sobre a origem e evolução do homem. A própria Mary é uma projeção arquetípica da Deusa Mãe – uma interpretação que Travers chegou a admitir em entrevistas – alguém que conseguiu transcender a limitada natureza humana e tem no céu seu elemento.

Aos leitores jovens, certamente passarão despercebidos esses aspectos místicos e ocultistas com que Travers parece ter desejado impregnar sua narrativa. Não importa. Ficaram as peripécias, a tal mágica irrupção do acaso, o livre voo da fantasia. Não teriam sido esses os motivos que levaram Jane a comprar *Robinson Crusoé* "para ler aos Gêmeos quando crescessem" [p. 157]? A ela, sem dúvida, escaparão os aspectos transcendentes que envolvem a vida e os infortúnios da personagem de Defoe. Até lá, o que lerá para si mesma serão as aventuras que, como as suas, irão interessar às crianças de diferentes quadrantes e épocas.

Sugestões de leitura

Caitlin Flanagan. "Becoming Mary Poppins. P. L. Travers, Walter Disney, and the making of a myth." *The New Yorker*. Nova York: 19 dezembro 2005.

Entrevista por Edwina Burness e Jerry Griswold. "P. L. Travers, The Art of Fiction n. 63", *The Paris Review*. Paris: Inverno 1982, n. 86.

Gilead, Sarah. "Magic Abjured: Closure in Children's Fantasy Fiction." *PMLA*, vol. 106, n. 2. Nova York: Modern Language Association, March 1991, p. 277-93.

McLeer, Anne. "Practical Perfection? The Nanny Negotiates Gender, Class, and Family Contradictions in 1960s Popular Culture." *NWSA Journal*, vol. 14, n. 2, Verão, 2002, pp. 80-101.

Picardie, Justine. "Was P. L. Travers the real Mary Poppins?" *The Telegraph*. Londres: 28 outubro 2008.

Helen Lyndon Goff [**P.L.Travers**] nasceu em 1899, em Marybrough, na Austrália. Seu pai, Travers Robert Goff, um banqueiro falido com problemas de alcoolismo, morreu quando Helen tinha sete anos. Ela começou a escrever ainda adolescente, tendo seus poemas publicados em periódicos australianos, e, aos dezessete anos, mudou-se para Sydney com a intenção de iniciar uma carreira como atriz. É nesse momento que adota o nome "Pamela Lyndon Travers", uma junção do nome de seu pai com "Pamela", de sua própria invenção. Em 1921, ela viaja à Austrália e à Nova Zelândia com uma trupe de atores representando peças de Shakespeare, mas logo abandona a carreira de atriz e se muda para a Inglaterra, procurando trabalho como jornalista.

Em 1925, ela consegue publicar seus poemas pelo jornal *Irish Statesman*, e com isso inicia uma longa amizade com o editor do jornal, o poeta místico George William Russell, que lhe serviria de mentor, ao lado do poeta W. B. Yeats e o guru espiritual George Gurdjieff.

O interesse de Travers pelo misticismo e pelo oculto está presente em sua obra, especialmente na elaboração daquela que se tornou sua personagem mais famosa, a babá Mary Poppins. O romance *Mary Poppins* foi publicado em 1934 e sua continuação, *A volta de Mary Poppins*, no ano seguinte. A série, que tem a babá encantada como protagonista, tem seis volumes, sendo o último *Mary Poppins e a casa ao lado*, publicado em 1989. Os livros tiveram diversas adaptações, entre elas o famoso filme de Walt Disney, *Mary Poppins* (1964), e o musical homônimo da Broadway, que agrega elementos dos romances e do filme.

Além dos livros da série Mary Poppins, Travers publicou mais quinze obras, sendo três de não ficção, como *Moscow Excursion* (Excursão a Moscou, Reynal & Hitchcock, 1934), na qual descreve suas impressões sobre a União Soviética durante uma viagem para a Rússia, e *About the Sleeping Beauty* (A respeito da Bela Adormecida, Collins, 1975), no qual analisa o conto maravilhoso "A Bela Adormecida". Em 1977, recebe a Ordem do Império Britânico.

Travers faleceu aos noventa anos em Londres, deixando como herdeiro apenas seu filho adotivo, Camillus. A autora planejava escrever

um último livro com a personagem Mary Poppins, intitulado *Mary Poppins Goodbye* [Adeus, Mary Poppins], no qual a babá encontraria o seu fim, mas os editores e as cartas de crianças que pediam para que não escrevesse o livro a dissuadiram.

Ronaldo Fraga nasceu em Belo Horizonte (MG), no ano de 1966. Formou-se em estilismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Com 25 anos, venceu o concurso da empresa Têxtil Santista e recebeu uma bolsa de estudos para a Parson's School, em Nova York. Deu continuação aos estudos internacionais em Londres, onde frequentou a Saint Martin's University e se aprofundou na manufatura de chapéus, chegando a começar a produção do acessório junto de seu irmão. Regressou para o Brasil em 1996.

Em 2001, passou a integrar o calendário oficial da São Paulo Fashion Week, evento no qual apresenta suas coleções. A marca Ronaldo Fraga existe desde 1997 e conta com uma linha de roupas infantis, a Ronaldo Fraga para Filhotes.

O estilista já criou mais de trinta coleções que quase sempre resgatam referências da cultura brasileira, celebrando nas roupas uma interpretação particular da obra de grandes ícones da música, da literatura e de outras manifestações artísticas de tradição popular, por meio de personalidades como Nara Leão, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e até o rio São Francisco.

Sua contribuição à moda e à cultura brasileira lhe rendeu prêmios importantes, entre eles o Prêmio Trip Transformadores, entregue pela revista *Trip*, o Prêmio Talentos do Brasil, da revista *Contigo*, e o Design of the year, do Design Museum de Londres.

É autor dos livros *Moda, roupa e tempo: Drummond selecionado e ilustrado por Ronaldo Fraga* (Usiminas / Governo de Minas Gerais, 2004) e *Caderno de roupas, memórias e croquis* (Cobogó, 2013), no qual revisita suas coleções e explica o seu processo de criação.

Para este livro, Ronaldo Fraga desenhou todas as ilustrações que foram, em seguidas, bordadas pela mineira Stella Guimarães e sua equipe de bordadeiras residentes em Itabira [MG]. Os bordados, que deixam os

fios soltos como Mary Poppins ao vento, foram então fotografados para entrar nesta edição.

Joca Reiners Terron nasceu em 1968, em Cuiabá (MT). Cursou arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro e desenho industrial na Universidade Estadual Paulista. Em 1998 fundou a editora Ciência do Acidente, na qual trabalhou como editor e pela qual publicou seu primeiro livro, a coletânea de poemas *Eletroencefalodrama* (1998). A casa editorial também lançou seu primeiro romance, *Não há nada lá* (2001), e seu segundo livro de poemas, *Animal Anônimo* (2002), além de ter publicado nomes como Glauco Mattoso e Valêncio Xavier antes de fechar as portas em 2004.

Terron lançou os livros de relatos *Hotel Hell* (Livros do Mal, 2003), *Curva de rio sujo* (Planeta, 2003) e *Sonho interrompido por guilhotina* (Casa da Palavra, 2006), e três romances, além de *Guia de ruas sem saída* (Edith, 2012), *graphic novel* ilustrada por André Ducci. Em 2010, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional de melhor romance por *Do fundo do poço se vê a lua* (Companhia das Letras, 2010). Seu último romance é *A tristeza extraordinária do leopardo-das-neves* (Companhia das Letras, 2013).

Organizou a coleção *Otra língua*, que foca em autores hispano-americanos, para a qual traduziu *Deixa comigo* (Rocco, 2013), de Mario Levrero. Para a Cosac Naify, traduziu *Paris não tem fim* (2007), de Enrique Vila-Matas.

Seu trabalho como escritor se estende ao palco, tendo assinado a dramaturgia de duas peças: *Cedo ou tarde tudo morre*, dirigida por Haroldo Rego, e *Bom Retiro 958 metros*, dirigida por Antônio Araújo e encenada pelo Teatro da Vertigem.

Sandra G. T. Vasconcelos é professora de literatura inglesa da Universidade de São Paulo.

1 *Típico chá inglês.* [N. T.]

2 *"Até logo", em francês.*

3 *Christopher Wren foi o arquiteto que desenhou a Catedral de Saint Paul. Seu sobrenome, Wren, em inglês, também designa o nome dado a diversas espécies de passarinhos, como garriça, garrincha, carriça, cambaxirra, corruíra.*

4 *Jenny Wren é uma célebre personagem do romance* Our mutual friend *(Nosso amigo em comum), de autoria do escritor inglês Charles Dickens (1812-70).*

5 *No original*, "sparrers" *(lutadores de boxe), cuja homofonia remete a* "sparrows" *(pardais).*

6 *Linguado*

7 *Guy Fawkes (1570-1606), soldado inglês católico, especializado em explosivos, que se envolveu na "Conspiração da Pólvora" para assassinar o rei protestante Jaime i.*

8 *Hamadríade ou cobra-real é uma espécie de serpente encontrada na Ásia. Pode ter mais de cinco metros e é considerada a maior cobra venenosa do mundo. Na mitologia grega, é a ninfa das florestas e dos bosques, cuidando das árvores. A mais longa cobra capturada vivia no zoológico de Londres e media 5,6 metros.*

9 *Corrente dos Lanceiros era um tipo de quadrilha inglesa dançada no começo do século XIX.*

10 *Plêiade é um grupo de nove estrelas da constelação de Touro. Na mitologia grega, o titã Atlas e a oceânide Pleione tiveram sete filhas: Electra, Maia, Taígete, Alcione, Celeno, Astérope e Mérope. Maia representa a primavera, a fertilidade.* [N. E.]

11 *Daniel Defoe*, Robinson Crusoé *[1719], trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Penguin Classics / Companhia das Letras, 2011, p. 46.*

12 *Ver Ian Watt*, Mitos do individualismo moderno *[1997], trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.*

13 *Expressão que se refere às técnicas narrativas que produzem a impressão de realidade no romance, sendo, portanto, um sinônimo de "realismo formal". Ver Ian Watt*, A ascensão do romance *[1956], trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.*

14 *Jean-Yves Tadié*, Le Roman d'Aventures. *Paris: Presses Universitaires de France, 1982, p. 5..*

15 *Sobre esse tema, há uma vasta bibliografia em inglês. Em português, ver Maria da Conceição Monteiro*, Sombra Errante. *Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2000.*

16 *Ver Anne McLeer. "Practical Perfection? The Nanny Negotiates Gender, Class, and Family Contradictions in 1960s Popular Culture"*, NWSA Journal, *vol. 14, n. 2, Summer, 2002, pp. 80-101.*

17 Mary Poppins Opens the Door *[1944]*, Mary Poppins in the Park *[1952]*, Mary Poppins from A to Z *[1962]*, Mary Poppins in Cherry Tree Lane *[1982] e* Mary Poppins and the House Next Door *[1989].*

18 *Jonathan Cott, "The Wisdom of Mary Poppins: afternoon tea with P. L. Travers" In*: Pipers at the Gates of Dawn: *the wisdom of children's literature. New York: McGraw-Hill, 1985, p. 196.*

© Cosac Naify, 2014
© P. L. Travers, 1934

COORDENAÇÃO EDITORIAL Isabel Lopes Coelho
PREPARAÇÃO Malu Rangel
BORDADOS Stella Gomes Guimarães
FOTOS Nino Andrés
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Flávia Castanheira e Tereza Bettinardi
REVISÃO Adriana Cerello e Isabel Jorge Cury
TRATAMENTO DE IMAGEM Wagner Fernandes
ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE ARQUIVO EPUB EquireTech

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Travers, Pamela Lyndon [1889-1996]
Mary Poppins: Pamela Lyndon Travers
Título original: *Mary Poppins*
Ilustrações: Ronaldo Fraga
Tradução: Joca Reiners Terron
Posfácio: Sandra Guardini T. Vasconcelos
São Paulo: Cosac Naify, 2014
54 ils.

ISBN 978-85-405-0886-6

1. Literatura inglesa 2. Literatura juvenil
I. Fraga, Ronaldo. II. Título.

821-111(82.9) CDD 820.028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa juvenil 820.028.5

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º. andar
01223-010 São Paulo sp
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br



Outros clássicos infantojuvenis da Cosac Naify



As surpreendentes aventuras do Barão de Munchausen
Também disponível em *versão eletrônica*



Contos maravilhosos infantis e domésticos
Também disponível em *versão eletrônica**

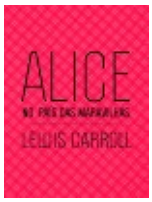


As aventuras de Pinóquio: História de um boneco
Também disponível em *versão eletrônica*



Mary Poppins (**ed. especial**)

Alice no País das Maravilhas



* Contos que compõem as edições eletrônicas extraídos de *Contos maravilhosos infantis e domésticos*, saiba mais em *A crueza digital dos Irmãos Grimm* (blog da Cosac Naify)


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em novembro de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Amalia e Cabernet